

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E  
CULTURA ÁRABE**

**VERIDIANA DELIA BUENO DE MORAIS**

**O IRAQUE NA TV BRASILEIRA**

**São Paulo**

**2011**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E  
CULTURA ÁRABE**

O Iraque na TV Brasileira

Veridiana Delia Bueno de Moraes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Safa A. Abou Chahla Jubran

São Paulo  
2011

## **RESUMO**

O presente trabalho discorre sobre as imagens e ideias que as emissoras difundiram sobre o Iraque durante a cobertura das invasões do país, especialmente em 2003. Além de um estudo sobre as ramificações do processo de comunicação, como estão distribuídos os conglomerados que detêm os canais de informação, o material usado no Brasil e como as emissoras – aberta, pública e por cabo – abordaram o tema.

**Palavras-Chave: Iraque, televisão, guerra, comunicação, Orientalismo**

**E-mail: [veridiana@usp.com.br](mailto:veridiana@usp.com.br)**

## **ABSTRACT**

*This research discuss about the images and ideas diffused by news networks about Iraq during covering invasions in the country, especially in 2003. Besides a study about the ramifications of the communication process, how are distributed the conglomerates that owns the information channels, the material used in Brazil and how networks – open, public and cable – broached the subject.*

**Keywords:** *Iraq, television, war, communication, Orientalism.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Maria da Penha e Moacyr, pelo apoio incondicional e por serem meus exemplos no exercício da profissão e na condução da vida. Deles sempre tive as melhores palavras, os maiores carinhos e os textos mais bem escritos.

Ao meu filho, Guilherme, pela compreensão em todos os momentos, pelo companheirismo ímpar e, principalmente, por se deixar encantar pelas minhas paixões. Meu amor eterno e infinito.

Aos meus irmãos, Tiago e Gabriela, pelo laço que nos une. Que a comunicação sempre suplante a incomunicação.

A minha orientadora Safa Abou Chahla Jubran, um exemplo de mulher forte, profissional excelente, companheira incansável. O meu mais sincero e profundo *chukran* por não ter desistido de mim.

Aos jornalistas Humberto Candil e Maria Christina Pinheiro. Obrigada pelos ensinamentos, por apostarem e confiarem no meu trabalho e pelas oportunidades na carreira. Com admiração, sempre.

Ao querido Khalid Tailche, pela sua generosidade em partilhar lembranças e histórias do seu Iraque natal, tão diferente do que é mostrado todos os dias pela tevê.

Aos meus amigos de caminhada: Amanda Azis Alexandre, Elias Sabbag, Lelia Maria Romero, Murilo Bom Meihy, Renatho Costa. Sem vocês não teria tanto sabor trilhar pelo universo acadêmico.

À Professora Doutora Valéria Brandini, grande antropóloga, mas que eu tenho o orgulho de chamar de prima querida, por ter a paciência de primeiro conversar comigo sobre a vida na universidade.

A minha tia, Agda Delia, a primeira a me levar à FFLCH, quando eu ainda era criança, e que ajudou a despertar em mim o apreço pelas coisas do mundo.

A Omar Jubran, pela acolhida gentil, papo generoso e trilha sonora sempre impecável.

Aos meus colegas de redação, amigos forjados em plantões longos e difíceis: Luciana Couto, Ivan Igor Iatcekiw, Dourival Bramont e Vitor Coelho.

Aos meus avós: Aracy, Maurício, Nair e Moacyr. Saudades.

*“O mundo sabe o que dois ou três sabem”*

***Hávavál, antigo livro da sabedoria e poesia viquingue.***

## SUMÁRIO

<b>Introdução : A televisão, a guerra e o Orientalismo</b> .....	1
<b>Capítulo I : Quem? Quando? Como? Onde? Por quê? - o Iraque</b> .....	11
<b>Capítulo II:</b>	
1.    As grandes corporações de mídia .....	17
2.    AlJazeera, AlArabya e a outra face da moeda.....	41
3.    A versão comprada: como a tevê brasileira utilizou o padrão internacional...	51
<b>Capítulo III</b>	
Análise do Corpus .....	57
a.    Exemplo I.....	59
b.    Exemplo II .....	67
c.    Exemplo III.....	78
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>83</b>
Referências bibliográficas .....	86
Anexos .....	a partir de 90

## INTRODUÇÃO

*“A guerra deveria ser a política do último recurso. E, quando vamos para a guerra, devemos ter um propósito que o povo entenda e apóie; devemos mobilizar os recursos da nação para cumprir essa missão e depois entrar para ganhar.”<sup>1</sup>*

A citação do general norte-americano Colin Powell está em uma autobiografia que exaltava a bravura de um verdadeiro “herói” do povo norte-americano. Escrito quando o militar teve oportunidade remota de chegar à presidência dos Estados Unidos, ele relata uma trajetória vitoriosa de um negro que sentiu na pele o preconceito, venceu barreiras e seguiu uma carreira brilhante no exército, chegou a ser condecorado pela luta no Vietnã, até chegar a general de quatro estrelas. A experiência militar de Powell rendeu a ele popularidade e ambições políticas. Foi Conselheiro de Segurança da Casa Branca, no governo Ronald Reagan (1987 a 1989). E se tornou o primeiro negro a chegar ao posto de Chefe das Forças Armadas (1989 a 1993). Foi nesse período que comandou a “Operação Escudo no Deserto” que mobilizou tropas multinacionais na Arábia Saudita para, em seguida, liderar a “Operação Tempestade no Deserto”, em janeiro de 1991, como ficou batizada a ação norte-americana no Kuwait para expulsar as tropas invasoras iraquianas, que haviam entrado no país vizinho em 2 de agosto de 1990. A “libertação” do Kuwait se seguiu à invasão e devastação do território iraquiano, sob a batuta do presidente George Bush. A chamada “Guerra do Golfo” deu notoriedade internacional ao militar. Embalado pelos ganhos à imagem obtidos internamente, aderiu ao Partido Republicano em 1995 e, um ano depois, foi um dos nomes cogitados para se candidatar à presidência da República. Nessa época, ao

---

<sup>1</sup> PERSICO, Joseph E. & POWELL, Colin L. *Minha Jornada Americana*. São Paulo, Editora Best Seller, 1995, p.149.



rememorar em livro os passos de carreira, parafraseou o ex-presidente Thomas Jefferson “*todo homem tem com seu país uma dívida proporcional às riquezas que a natureza e a fortuna lhe deram*”, e cravou: “Como alguém que recebeu tanto de seu país sinto que tenho com ele uma grande dívida, que nunca conseguirei saldar inteiramente. Minha responsabilidade, nossa responsabilidade como americanos afortunados, é tentar devolver ao país tanto quanto ele nos deu, enquanto prosseguimos juntos nossa jornada americana.”<sup>2</sup> Pois a dívida de Powell com os Estados Unidos não foi saldada na presidência. Desistiu da candidatura alegando “falta de vocação política”<sup>3</sup>, segundo o jornal *The New York Times*, que ressaltou “o clamor popular pela candidatura do herói de guerra”. Mesmo sem ouvir o “chamado vocacional”, Powell não se afastou do centro do poder norte-americano, a capital Washington. No ano 2000, quatro anos após declinar da candidatura, o general de quatro estrelas foi nomeado secretário de Estado da administração republicana de George W. Bush. Nesse posto, o “herói” norte-americano voltou à cena das grandes batalhas. Desta vez, não como líder militar. Como secretário de Estado cabia a ele angariar apoio internacional para mais uma luta norte-americana no Oriente Médio e, novamente, contra o antigo aliado transformado em inimigo: o presidente iraquiano Saddam Hussein. O ataque às Torres Gêmeas do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, deflagrou a chamada “Guerra ao Terror”. Essa expressão, usada pelo presidente Bush em 30 de janeiro de 2002, no discurso sobre o Estado da União (*State of the Union*)<sup>4</sup> no Congresso, serviu para justificar todas as ações belicosas dos Estados Unidos dessa data em diante. Ela se tornou a marcar das agressões e violações dos oito anos de Bush no comando da maior potência mundial. Na Guerra ao Terror, o governo norte-americano tinha um objetivo claro: acabar com o Eixo do Mal, formado por Coréia do Norte, Irã e Iraque. Nas palavras de Bush, essas nações tinham como objetivo ameaçar a paz mundial com o uso de armas de destruição em massa “*States like these, and their terrorist allies, constitute an axis of evil, arming to threaten the peace of the world. By seeking weapons of*

---

<sup>2</sup> *Idem*, p.593.

<sup>3</sup> <http://www.nytimes.com/1995/11/09/us/powell-decision-announcement-powell-rules-96-race-cites-concerns-for-family-his.html>. (último acesso em 06/01/2011)

<sup>4</sup> <http://archives.cnn.com/2002/ALLPOLITICS/01/29/bush.speech.txt/>. (último acesso em 06/01/2011)

*mass destruction, these regimes pose a grave and growing danger.*”<sup>5</sup>. Naquele momento os Estados Unidos já estava em guerra. Em 7 de outubro de 2001 os norte-americanos lançaram a “Operação Liberdade Duradoura”, que tinha como objetivo derrubar o regime talibã no Afeganistão, apontado por Washington como grande protetor e refúgio do líder da rede terrorista Al Qaeda, Osama bin Laden, o único homem a suplantam Saddam Hussein na lista dos piores inimigos dos Estados Unidos. A invasão do Afeganistão teve forte apoio do Reino Unido, da Aliança do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e a anuência das Nações Unidas. Mas, a máquina de guerra norte-americana queria e precisava avançar. Por isso, ao colocar o Iraque como integrante do Eixo do Mal, o governo republicano fazia com que os olhos de mundo se voltassem mais uma vez para o Iraque. Mas, neste caso, os Estados Unidos – sob comando de mais um Bush, o filho - ainda precisavam convencer aliados de que o país era uma ameaça devido a um suposto arsenal de armas químicas e biológicas. Para essa tarefa, o secretário de Estado Colin Powell saiu à campo como bravo soldado. Além de reuniões, articulações políticas e alianças negociadas, ele usou o que havia se transformado em uma das mais eficientes armas de guerra desde a Guerra do Golfo em 1991: a televisão. Em um espaço de 11 anos, Colin Powell voltava ao centro da belicosa política norte-americana. Novamente o alvo era o Iraque. E, pela segunda vez, ele lançaria mão de uma das mais poderosas armas de guerra: a mídia televisiva.

A cobertura televisiva da Guerra do Golfo marcou a tragédia transformada em espetáculo no horário nobre. As bombas que explodiam sobre Bagdá – pontos luminosos na tela preta – aproximaram o espectador do front. Mas, será que eles mostraram a realidade? Desde a cobertura frenética da escalada de fatos que levou à deflagração da “Operação Tempestade no Deserto”, a tevê trabalhou de forma a prender a atenção das pessoas, “cativou e criou” o público que,

---

<sup>5</sup> *Idem*. “Estados como estes e seus aliados terroristas constituem o eixo do mal, armando e ameaçando a paz mundial. Buscando armas de destruição em massa, estes regimes colocam um grave perigo crescente.”

Ressalte-se que todos os trechos constants em inglês no corpo do texto serão doravante traduzidos por nós em notas.

nos meses seguintes, consumiria aquela cobertura transformada em espetáculo. Na noite em que o presidente George Bush – o pai – declarou guerra ao Iraque, as redes de tevê norte-americanas bateram um recorde histórico, somente comparado ao funeral do presidente John Kennedy, em 1963. Nesse episódio, 81% dos lares norte-americanos tinham aparelhos de tevê ligados para acompanhar o fato. No dia do anúncio de Bush, 78,8% dos aparelhos de televisão estavam sintonizados nas palavras do presidente. Naquela quarta-feira, 16 de janeiro de 1991, um dos maiores conglomerados de mídia dos Estados Unidos – a CNN – registrou o mais alto índice de audiência da história da tevê a cabo norte-americana. De acordo com levantamento feito pela A.C. Nielsen Company<sup>6</sup> a CNN passou de menos de um ponto de audiência para impressionantes 19.1 pontos de audiência, em pleno horário nobre (às 21h). Cada ponto representa 931 mil casas sintonizadas. A programação da CNN foi retransmitida por 200 pequenas emissoras do país, assim que as bombas começaram a explodir no Iraque<sup>7</sup>. Dos Estados Unidos, as imagens foram retransmitidas para o resto do mundo, seja via tevê a cabo ou pela concessão de direitos ou venda das imagens às “emissoras clientes”. Ao se considerar o alcance das imagens mostradas pela tevê, não se pode deixar de considerar a relação entre mídia e poder e levantar questões pertinentes ao tema. Houve manipulação por parte das emissoras ao retransmitirem a guerra? Isso foi sentido pelo público? Como todo esse material chegou ao Brasil?

O presente trabalho tratará da televisão brasileira. Sendo assim, em uma primeira análise, toda a introdução acima relatando a trajetória do General Powell, em paralelo às guerras norte-americanas, seria desprezada. Porém, ela se justifica ao focarmos nossos olhos no tipo de cobertura dos conflitos mundiais a tevê do Brasil tem feito nas últimas décadas. Não é difícil perceber que as emissoras brasileiras simplesmente “colaram” nas grandes redes norte-americanas. Essa comprovação será feita durante e transcorrer do presente trabalho, na análise do corpus, uma vez que os exemplos analisados têm, na maioria dos casos, como fontes de informação

---

<sup>6</sup> <http://www.nytimes.com/1991/01/18/us/war-in-the-gulf-the-networks-giant-tv-audience-for-bush-s-speech.html>. (último acesso em 06/01/2011)

<sup>7</sup> *Idem.*

e/ou imagens as emissoras estrangeiras. O grande questionamento é: com uma cobertura tão calcada nas emissoras ligadas ao centro do poder belicoso, transfere para o Brasil o mesmo discurso? Ou o jornalismo brasileiro apenas usa as fontes disponíveis para dar uma versão mais completa dos fatos? Procurarei responder a essas questões à luz da teoria orientalista de Edward Said, que despensa apresentações.

A escolha por essa linha metodológica de análise foi feita porque, essencialmente, este estudo discorre sobre “o olhar do outro” e o Orientalismo de Said trata justamente da construção do Oriente como uma invenção do Ocidente, ou seja, o outro construído ao bel prazer e interesse do “construtor”. Teoricamente, o trabalho da mídia é relatar os fatos, ou seja, o que ocorre com o outro, com a maior fidelidade possível ao real, à verdade. Porém, somente neste ponto, já há espaço para uma indagação: que acuidade é essa se o próprio processo de comunicar o fato já implica em um “recontar”? Muitos consideram que o fato de pré-selecionar informações, para depois agrupá-las em uma reportagem, não é, em si só, uma manipulação político-ideológica. Como exemplo, lembro Austin Ranney que, ao analisar o impacto do uso da mídia na política norte-americana, afirma: “*the failure to ‘present all the facts’ does not, by itself, constitute bias. Every student of human communication knows that is unavoidably a selective process.*”<sup>8</sup>. Porém, há grandes opositores dessa ideia de pura seleção, principalmente, quando se trata da cobertura de Guerra e, em especial, às batalhas travadas pelos norte-americanos no Oriente Médio, portanto, implicando dois grandes grupos: os árabes e os muçulmanos. Sem rodeios, o jornalista Carlos Dorneles, repórter da TV Globo e ex-correspondente da emissora em Londres e Nova York, analisa essa predileção “*A imprensa gosta de guerra. Pode parecer exagero, força de expressão, jogo de palavras. Não é. A imprensa gosta de guerra, mesmo de uma como a do Afeganistão: guerra de press-release, de transcrição de informes do Pentágono, de fontes de um lado só. Guerra em que a imprensa foi sempre uma expectadora passiva. E foi algumas vezes por passividade e outras tantas por cumplicidade que a imprensa fez a cobertura que*

---

<sup>8</sup> RANNEY, Austin *Channels of Power – The Impact of Television on American Politics*. Nova York, American Enterprise Institute Book, 1983, p. 34. “A falha em ‘apresentar todos os fatos’ não constitui por si um único vies. Todo estudante da comunicação humana sabe que é inevitável um processo de seleção”.

*interessava ao governo americano.*”<sup>9</sup>. Passividade ou cumplicidade? Acredito que ao analisar o corpus do presente estudo pelas lentes saidianas, será possível responder às questões sobre o papel da televisão brasileira nesse processo, de retratar o “estrangeiro”.

Ao discorrer sobre o estrangeiro – sem dúvida bebendo da fonte de Said - o jornalista José Arbex Jr. afirma que os Estados exercem um papel na construção da imagem do outro *“No mundo contemporâneo, a perspectiva racista e preconceituosa não é acidental, nem é apenas o resultado de uma tradição construída por milênios de história, em que o estrangeiro sempre funcionou com o uma espécie de imagem negativa de determinada comunidade (eu sou tudo o que ele não é). Ao contrário, é uma perspectiva exacerbada pelos Estados, como componente fundamental à elaboração de um mecanismo criador de identidades e exclusões”*<sup>10</sup>. O que reforça a ideia de “criação” de uma realidade está justamente na introdução do livro no qual Edward Said, *Orientalismo*, o define

*“...tais lugares, regiões, setores geográficos, como o “Oriente” e o “Ocidente”, são criados pelo homem. Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustenta, e, em certa medida, refletem uma à outra.”*<sup>11</sup>

Porém, Edward Said explica ainda que o Orientalismo não trata de apenas um punhado de invenções ocidentais sobre o outro oriental, mas envolve – há séculos- um elaborado trabalho discursivo e que abarca teoria e prática, com o qual, neste estudo, traço um paralelo com teoria e prática da comunicação:

*“O Orientalismo, portanto, não é uma visionária fantasia européia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material. O investimento continuado criou o Orientalismo como um sistema de*

---

<sup>9</sup> DORNELES, Carlos. *Deus é Inocente, a Imprensa Não*. São Paulo, Editora Globo. 2002, p. 27.

<sup>10</sup> ARBEX, José Jr. *Showmalismo, a notícia como espetáculo*. São Paulo, Casa Amarela, 2002, p. 123.

<sup>11</sup> SAID, Edward. *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 31.

*conhecimento sobre o Ocidente, uma rede aceita para filtrar o Oriente na consciência ocidental, assim como o mesmo investimento multiplicou – na verdade, tornou verdadeiramente produtivas – as afirmações que transitam do Orientalismo para a cultural geral.*<sup>12</sup>

Outro ponto que justifica o uso do Orientalismo como metodologia de análise sobre o Iraque na tevê brasileira é o já citado fato (e que será mostrado em detalhes) de que as emissoras brasileiras usaram materiais proveniente do exterior para as reportagens, geralmente de fontes norte-americanas ou britânicas. Isso abre um leque de discussões sobre a isenção jornalística pois não se pode ignorar o fato de as principais fontes de notícias (seja de dados, informações sobre fatos, entrevistas ou imagens) tenham relação com um dos lados beligerantes, o que ganha um peso bastante diferente, tal qual Said relata ao fazer menção ao estudo orientalista por parte de um cidadão de uma das grandes potências

*“Pois, se é verdade que nenhuma produção de conhecimento nas ciências humanas jamais pode ignorar ou negar o envolvimento do autor como sujeito humano nas suas próprias circunstâncias, deve ser também verdade que, quando um europeu ou um americano estuda o Oriente, não pode haver negação das principais circunstâncias de sua realidade: ele se aproxima do Oriente primeiro como um europeu ou um americano, em segundo lugar como indivíduo. E ser americano ou um europeu nessa situação não é absolutamente um fato irrelevante. Significava e significa estar consciente, ainda que obscuramente, de pertencer a uma potência com interesses definidos no Oriente e, mais importante, pertencera uma parte da terra com uma história definida de envolvimento com o Oriente desde os tempos de Homero.”*<sup>13</sup>

Levando isso em consideração, tenho como objetivo final deste trabalho verificar se o material que compõe o *corpus* do presente trabalho se encaixa na tese do Orientalismo.

Quanto ao corpus, é preciso esclarecer que optei por recolher material de empresas de televisão sediadas em São Paulo, sendo uma delas a emissora de sinal

---

<sup>12</sup> *Idem*, pp. 33 - 34.

<sup>13</sup> *Idem*, pp. 39- 40.

aberto de maior audiência nacional, a TV Globo; a mais antiga emissora brasileira de notícias via cabo, a Globonews; e a TV Cultura, emissora pública. Cada um desses veículos tem uma abrangência específica, bem como diferentes públicos-alvos. Sem querer traçar um verdadeiro histórico de cada uma delas, abordarei em linhas gerais o posicionamento que cada uma ocupa atualmente no mercado para justificar e esclarecer minha escolha. A Rede Globo alcança, atualmente, 99,5%<sup>14</sup> dos telespectadores potenciais, sem exagero podemos dizer que a “telinha da Globo” é acessível Brasil inteiro, em 98,44% dos municípios, num total de 183 milhões de pessoas. A rede possui 122 emissoras, sendo 117 delas emissoras afiliadas. Dentro da TV Globo o jornalismo ocupa a maior produção, com média mensal de 5.167 horas de exibição. A emissora possui 650 equipes de reportagem, a maior do país, com mais de três mil profissionais. Com todo esse peso, reportagens veiculadas pela maior emissora do Brasil não podem ser descartadas deste estudo. Outra emissora também de sinal aberto, mas de realidade bastante diferente, é a TV Cultura. Primeiro, sozinha, a abrangência da Cultura é de 400 municípios no Estado de São Paulo, chegando a 31 milhões de telespectadores. Ela entra em rede nacional somente quando forma-se a Rede Pública de Televisão, junto com a TVE do Rio de Janeiro, em horários determinados de segunda a domingo. Neste momento, 63% da população nacional, englobando 25 estados.<sup>15</sup> Mas, se perde para a líder do mercado em abrangência, a emissora pública ganha em preocupação com a qualidade dos programas exibidos. De acordo com a Cultura, “cada formato apresentado ou questões abordadas têm objetivos maiores de ampliar o universo de seu público, levando-o a reflexão, prestando serviço ao telespectador.”<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Segundo dados institucionais da própria emissora <http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,9648,00.html>. (último acesso em 06/01/2011)

<sup>15</sup> Segundo dados institucionais da própria emissora, em [http://www2.tvcultura.com.br/captacao/tv\\_cobertura.asp](http://www2.tvcultura.com.br/captacao/tv_cobertura.asp). (último acesso em 06/01/2011)

<sup>16</sup> Sobre a programação da TV Cultura [http://www2.tvcultura.com.br/captacao/tv\\_index\\_programacao.asp](http://www2.tvcultura.com.br/captacao/tv_index_programacao.asp). (último acesso em 06/01/2011)

## **Canção da Chuva**

*Seus olhos são dois  
bosques de palmeiras  
na aurora  
ou duas varandas de  
onde a lua se afasta.  
Quando seus olhos  
sorriem, as folhas de  
uva brotam  
e as luzes dançam como  
as estrelas  
num rio encrespado  
pelo remo no despertar  
da aurora,  
brilhando nas  
profundidades dos seus  
olhos*

*e se afogando em  
tristeza e ternura,*

*como o mar dominado  
pelas mãos da noite,  
com seu calor de  
inverno, tremor de  
verão,  
a morte, o nascimento, e  
as trevas  
e a luz desperta dentro  
da minha alma o tremor  
do pranto  
é um êxtase selvagem  
que abraça o céu  
como o delírio de uma  
criança que teme a lua!*

*Como se o arco-íris  
fosse bebendo as nuvens  
e gota a gota as  
vertessem em água da  
chuva  
O riso dos meninos  
gorjeia nas parreiras  
e quebra o silêncio dos  
pássaros nas árvores*

*A canção da chuva*

*Chuva...  
Chuva...  
Chuva...*

*A tarde bocejou e as  
nuvens ainda  
derramam suas  
lágrimas pesadas.*

*Como um menino  
a balbuciar antes de  
dormir, querendo sua  
mãe  
Há um ano, quando  
acordou, não a  
encontrou e insistiu  
Diziam-lhe:  
“voltará depois de  
amanhã*

*Sem falta voltará”  
e sussurrará aos amigos  
que ela está lá  
ao pé da colina dorme  
num sonho eterno  
servindo-se da terra e  
água da chuva,  
como um pescador  
tristonho a recolher a  
rede  
amaldiçoando as águas  
e o destino,  
espalhando o canto  
onde se eclipsa a lua*

*Chuva...  
Chuva...*

*Você sabe que tristeza  
provoca a chuva?  
e como as calhas  
soluçam quando ela  
cai?  
e como faz o solitário se  
sentir perdido?  
Sem fim, como o sangue  
vertido, como os  
famintos,  
como o amor, como os  
meninos, como os*

*mortos...  
Isto é a chuva!*

*Suas pupilas me levam  
com a chuva,  
e através das ondas do  
golfo, os relâmpagos  
banham*

*a costa do Iraque com  
estrelas e conchas,  
querendo nascer igual  
ao sol,  
mas vem a noite e as  
cobrem com um manto  
de sangue.*

*Grito ao golfo : “ Oh!  
golfo,  
Oh doador das pérolas,  
de conchas e ruínas!”  
E me volta o eco  
como um soluço  
“Oh! golfo  
Oh doador das pérolas,  
de conchas e ruínas ..!”*

*Quase ouço o Iraque  
guardando os trovões  
armazenando os  
relâmpagos nas  
planícies e nas  
montanhas,  
e quando se afastam, os  
homens acabam com o  
resto.*

*O vento de Thumod não  
deixou  
qualquer resto no vale.*

*Quase posso escutar as  
palmeiras bebendo a  
chuva,  
as aldeias gemem,  
e os imigrantes lutam  
com os remos  
e as velas, os temporais  
do golfo e os trovões,  
cantando:*



Chuva...  
 Chuva...  
 Chuva...  
 No Iraque há medo e  
 fome  
 Os grãos são  
 espalhados na época da  
 colheita  
 para satisfazer os  
 corvos e os gafanhotos,  
 esmagando os celeiros e  
 as pedras  
 uma moenda que gira  
 nos campos... e ao  
 redor dela, homens/  
  
 Chuva...  
 Chuva...  
 Chuva...  
 Quantas lágrimas  
 derramamos na noite da  
 partida  
 E percebemos com  
 medo  
 Que seríamos acusados  
 de provocar a chuva.  
  
 Chuva...  
 Chuva...  
 Desde que éramos  
 pequenos, o céu  
 se cobria com as nuvens  
 no inverno  
 e caíam os cântaros da  
 chuva,  
 e a cada ano,/ quando a  
 terra se cobria de  
 ervas,/  
 sentíamos fome,  
 nunca passou um ano  
 que o Iraque estivesse  
 sem fome,  
  
 Chuva...  
 Chuva...  
 Chuva...  
 E em cada gota de  
 chuva  
 vermelha ou amarela da  
 cor das rosas,

cada lágrima dos  
 famintos e dos nus  
 e cada gota derramada  
 de sangue dos escravos  
 é um sorriso que espera  
 uma nova boca  
 ou um mamilo que  
 floresce na boca do  
 recém-nascido  
 no jovem mundo do  
 amanhã, o doador da  
 vida!

Chuva...  
 Chuva...  
 Chuva...

o Iraque será coberto  
 de ervas com a chuva...

Grito ao golfo : “ Oh!  
 golfo,  
 Oh! doador das pérolas,  
 de conchas e ruínas!”  
 e me volta o eco  
 como um soluço  
 “Oh! golfo  
 Oh! doador de pérolas,  
 de conchas e ruínas!”

O golfo espalha seus  
 grandes tesouros  
 sobre as areias: espuma  
 de sal, e as conchas,  
 e os restos de um  
 miserável afogado  
 do imigrante que bebeu  
 a morte  
 do fundo das águas do  
 golfo,/ quando no Iraque há  
 mil víboras que bebem o  
 néctar  
 de uma flor que o  
 Eufrates alimenta com  
 orvalho.  
 Ouço o eco  
 Que se repete no golfo  
  
 “Chuva...  
 Chuva...  
 Chuva...”

Em cada gota de chuva  
 vermelha ou amarela da  
 cor das rosas,  
 cada lágrima dos  
 famintos e dos nus  
 e cada gota derramada  
 de sangue dos escravos  
 é um sorriso que espera  
 uma nova boca  
 ou um mamilo que  
 floresce na boca do  
 recém nascido

no jovem mundo do  
 amanhã, o doador da  
 vida

E caem os cântaros da  
 chuva.<sup>17</sup>

---

17. Poema do Iraquiano Bader Shaker Al-Sayyab (1926-1964), em que o poeta usa a chuva como um símbolo capaz de transportar as grandes preocupações da alma humana. O poeta transforma sua terra, o Iraque, na amada a quem canta desejando-lhe fartura, fertilidade e desenvolvimento, partindo de uma preocupação individual para expor as preocupações sociais, tais como a pobreza e a fome, apesar da existência de fartura no país. A tradução do poema é de Khaled Tailche.

## CAPÍTULO I

### QUEM? QUANDO? COMO? ONDE? POR QUÊ? - O IRAQUE

O Iraque é um país deitado sobre a confluência das linhas civilizatórias e dos impérios. Guerras e conflitos armados em seu território fazem história. As pessoas e civilizações que passaram por terras iraquianas sempre deixaram seu registro, características que ajudaram a formar o Iraque atual. Na era pré-islâmica, Sumérios, Babilônios e Assírios deixaram suas marcas. Foi das terras entre os rios Tigre e Eufrates que nasceram o alfabeto, as primeiras cidades, e o cultivo da terra, a agricultura, que prenderam o homem à ela. Iraque, a terra dos dois rios, a antiga Mesopotâmia, é um amálgama de diferentes traços e paisagens. O pequeno litoral leva ao Chat Al-Arab a confluência do Tigre e do Eufrates, onde vivem palmeiras. Já pouco acima da principal cidade do sul, Basra, é que o Chat Al-Arab se separa em dois e onde começam os pântanos do sul. O Rio Tigre, rumo à Bagdá, passa pelas cidades de Kut e Amara, que ficam na planície. A leste, os vales levam ao platô iraniano. Já o rio Eufrates, também rumo à capital, passa por várias outras cidades: Nassiryia, Samawwa, Diwanyia, Hilla, e as cidades sagradas de Karbala e Najaf. Esta é a terra do trigo, da cevada e também das tâmaras. Ao norte de Bagdá os dois rios se separam ainda mais, com distância ainda maior. O Tigre, onde há enchentes recorrentes, registra poucas cidades de renome as suas margens: Samarra, Dujail e Tikrit, todas antes da grande cidade do norte, Mosul. Ao nordeste da capital estão as terras férteis da província de Dyiala, onde é cultivado cereal, frutas, todos bem regados pelos veios do Tigre. Nessa região temos o começo do curdistão iraquiano, um crescente que se estende pelo noroeste e norte do país. De Falluja às proximidades da fronteira com a Síria, os portos do rio Eufrates deram origem a várias cidades: 'Ana, Rawa, Haditha, em áreas de mais pobre potencial de agricultura. A oeste do Eufrates está a grande área de deserto, que efetivamente separa o Iraque de outras terras árabes.

A população do Iraque é tão variada quanto sua geografia e os traços que os rios sulcam em sua terra. O árabe é a língua mais falada fora do curdistão, e o

Islã é a religião da maioria das pessoas nos dias atuais. Mas não foi sempre assim e, até hoje, há ainda a preservação da cultura e religião de minorias. Além dos curdos do norte, cristãos assírios e principalmente caldeus, com forte presença no norte. Na cidade de Basra há uma importante minoria sunita. Migrantes do sul dominaram Basra, que costumava ser uma cidade poliglota com grande população dedicada às atividades mercantis, com comunidade iraniana. Já a capital, Bagdá, concentra um quarto da população, cuja maioria é xiita, mas com forte presença sunita e importantes concentrações de cristãos e curdos. O norte do Iraque é um mosaico de populações, com árabes, curdos, caldeus, assírios e turcomenos. Mosul, às margens do Tigre, tem maioria sunita, mas com importante participação dos cristãos. Os turcomenos, divididos entre sunitas e xiitas, marcam presença em várias cidades e são historicamente associados à cidade de Kirkuk. No curdistão iraquiano, a maioria é de sunitas. A população iraquiana de 25 milhões de pessoas é dividida etnicamente entre árabes (75%), curdos (20%), turcomenos e caldeus-assírios (2%) e os outros 3% de grupos ainda menores, como os yazid, sabeus e chabaks. Os árabes xiitas foram 60% da população, os árabes sunitas 18% e os curdos 20%. A grande maioria dos xiitas no Iraque é árabe, mas também existem um milhão de curdos xiitas, conhecidos como Faylis.

A conquista árabe do Iraque e a disseminação do Islã foram dois capítulos que marcaram a história antiga do país. É da herança dessa época que o retrato atual do Iraque pode ser traçado. As rivalidades otomano-persas não aconteceram em outro lugar senão nas terras dos dois rios. Por mais de dois milênios, ou o Iraque era o centro de um Império ou parte dele. Mas foi somente em eras modernas que as fronteiras do que hoje chamamos de Iraque, com unidade geopolítica, nasceu.

O Reino do Iraque surgiu da Primeira Guerra Mundial, um estado cujas fronteiras foram desenhadas pelo Reino Unido, sem escutar seus habitantes (prática que, conforme veremos a seguir, nunca foi adotada). Faisal, filho do Charif Hussein de Hejaz, foi colocado como primeiro monarca da dinastia Hachemita (1921), estrangeira no país. Foi sucedido pelo Rei Ghazi I e depois pelo Rei Faisal II, deposto e assassinado em julho de 1958. O novo governo proclamou o país como

uma república. Na década seguinte, o Iraque viveu a subida ao poder do partido Baath, com o presidente Ahmed Hasan Al-Bakr e o primeiro-ministro, Coronel Abdul Salam Arif. Na década de 70, o país experimentou prosperidade econômica, mas sem deixar de lado disputas por fronteiras com o Irã e o Kuwait. Este último, pelo qual o governo do Iraque clamou soberania, após o fim do domínio britânico. Em 1979, o presidente Al-Bakr, escolhe seu sucessor: Saddam Hussein.

Saddam Hussein, nascido em Tikrit, assumiu tanto a presidência quanto o comando do Conselho Revolucionário. Ele foi dirigente de facto do Iraque durante alguns anos, até que foi formalizado no poder. O sunita nascido em Tikrit foi quem levou o Iraque à guerra com o vizinho Irã. Durante oito anos (1980-1988), a guerra teve um grande custo econômico e político. O Iraque declarou vitória em 1988, mas, na verdade, conseguiu o retorno ao *status quo* antes da guerra. O conflito armado deixou o Iraque com o maior contingente militar no Golfo Pérsico, mas com grande débito e uma rebelião curda na região montanhosa do norte. Para acabar com a revolta popular, o presidente usou armas químicas contra a população civil. A chamada Campanha Al-Anfal, entre 1986 e 1989, matou milhares de curdos: homens, mulheres e crianças. Estima-se em 200 mil civis. O ataque químico contra Halabja, em março de 1988, ainda durante a guerra Irã/Iraque, foi um dos capítulos mais sangrentos da história iraquiana. E também um retrato da crueldade de um regime que, durante anos, serviu aos interesses dos Estados Unidos, até que a guinada de interesses o colocou no “Eixo do Mal”. No final da década de 70, o governo do Iraque comprou um reator nuclear francês. A construção começou em 1979. No ano seguinte, o local sofreu pequenos danos com um ataque aéreo iraniano e, em 1981, antes que a obra estivesse terminada, acabou destruído pela Força Aérea de Israel, na chamada Operação Ópera, um grande golpe para o programa nuclear iraquiano.

Uma longa disputa de fronteira levou à invasão do Kuwait, em 1990. O Iraque acusou o Kuwait de violar suas fronteiras para garantir o fornecimento de petróleo. Mediadores árabes conseguiram levar os dois lados para uma reunião mediada em Jedá, na Arábia Saudita, em primeiro de agosto de 1990. Mas o encontro terminou em acusações. No dia seguinte, houve a invasão. A Organização

das Nações Unidas e a Liga dos Países Árabes condenaram a invasão. Quatro dias depois, o Conselho de Segurança da ONU impôs sanções ao Iraque, proibindo quase todo o comércio com o país. Iraque respondeu à sanção com a anexação do Kuwait como a “Décima Nona Província”. Nos meses seguintes, o Conselho de Segurança das nações Unidas passou uma série de resoluções de censura e embargo. O mesmo Conselho permitiu, em novembro de 1990, pela Resolução 678, que as nações integrantes da ONU usassem todos os meios necessários para garantir a saída do Iraque das terras do Kuwait. Em 17 de janeiro de 1991, uma coalizão de 28 países, liderada pelos Estados Unidos, deu início à Operação Tempestade no deserto, iniciando a chamada Guerra do Golfo. Cento e quarenta mil toneladas de bombas explodiram sobre o Iraque. Estradas, pontes, fábricas e indústrias foram bombardeadas. Os sistemas de refino e distribuição do petróleo foram paralisados. O fornecimento de energia elétrica, telefone e água foi interrompido. Ao menos 100 mil soldados foram mortos, sem contar os milhares de civis. Um cessar-fogo foi anunciado pelos Estados Unidos em 28 de fevereiro de 1991. Um mês depois, o Iraque concordou com os termos de cessar-fogo permanente apresentados pela ONU, mas com as condições dos grandes do Conselho de Segurança. A principal delas: destruição das armas iraquianas de destruição em massa, seguindo a Resolução 687. Os estados Unidos, citando a necessidade de evitar ataques às populações do sul e do curdistão, no norte, declarou “áreas de exclusão de vôo” ao norte do paralelo 36 e ao sul do paralelo 32. Durante os tempos sob sanção, a oposição interna e externa ao partido governista Baath era fraca e dividida. Em maio de 1995, Saddam demitiu seu meio-irmão, Wathban, que era ministro do Interior e, em julho, tirou do cargo o ministro da Defesa, Ali Hassan Al-Majid. Eles foram sucedidos pelos filhos de Saddam, que ganhavam cada vez mais força: Uday e Qusay Hussein, que também se tornaram vice-presidentes. Em agosto daquele ano, o Major general Husayn Kamil Hasan Al-Majid, ministro da Indústria e militar de alto escalão, desertou para a Jordânia, junto com a esposa (filha de Saddam) e seu irmão, também chamado Saddam, que era casado com outra filha de Saddam. Eles convocaram a derrubada do governo do sogro. Sem obterem apoio, semanas depois foram chamados para voltar ao Iraque em segurança, e foi o que fizeram. Pouco depois, foram mortos.

Durante os últimos anos da década de 1990, a ONU considerou relaxar as sanções impostas ao país devido à difícil situação dos civis. Estima-se que entre 500 mil e 1,2 milhão de crianças tenha morrido de fome. Porém, os Estados Unidos usaram o poder de veto no Conselho de Segurança e impediram que as sanções fossem relaxadas. Como argumento, usaram a falha do Iraque em colaborar com a verificação de que as armas de destruição em massa haviam mesmo sido destruídas. Com isso, o Programa Petróleo por Alimento foi estabelecido para ajudar a população. Suas falhas e problemas foram ser mostrados somente muitos anos depois, e sua continuidade foi extinta formalmente neste ano de 2010.

Ainda na década de 90, a cooperação de Saddam Hussein com os inspetores de armas da ONU foi questionada muitas vezes. Em novembro de 1998, o inspetor-chefe da Comissão Especial das Nações Unidas, Richard Butler, deixou o Iraque devido à falta de cooperação. A equipe voltou em dezembro para a sede da ONU. Butler preparou um relatório para o Conselho de Segurança das Nações Unidas no qual expressava desagrado. No mesmo mês, o presidente Bill Clinton autorizou ataques aéreos contra alvos do governo, militares e supostos depósitos de armas. Isso durou até 2002. A questão das armas de destruição em massa foi a grande desculpa usada pelos Estados Unidos para pressionar pela invasão do Iraque, o que acabou acontecendo sem consentimento da ONU em março de 2003. Até a primeira bomba explodir em Bagdá houve um grande processo de desacreditar profissionais, como foi o caso do inspetor-chefe da ONU, Hans Blix, que atestou que a capacidade do Iraque de construir armas de destruição em massa não era significativa. E um dos poucos que ousava dizer que talvez elas não existissem, contra o massacre de falsas provas e argumentos levantados por norte-americanos com apoio britânico. Sem dúvida, o 11 de setembro contribuiu para calar vozes discordantes com Washington e seus interesses políticos, sob risco de ser taxado como “apoiador do terrorismo”.

As bombas de George W. Bush provocaram muito mais estragos do que os Estados Unidos poderiam supor. Saddam Hussein caiu, logo em abril Bagdá foi invadida e, em 14 de dezembro de 2003, Saddam Hussein foi capturado. Se a imagem do antigo homem-forte do regime corria o mundo fragilizado e débil, a

violência sectária, instigada pelos próprios invasores, cobrava a dívida da guerra dos civis e das gerações futuras do Iraque. Saddam Hussein foi julgado e condenado à morte pela execução de 148 xiitas em Dujail, em 1982. A cena em que o temido Saddam foi enforcado logo se tornou popular e alcançou diversos países. Saddam Hussein estava morto, bem como seus filhos. Foi o fim do presidente que governou com mão de ferro, que proibia as manifestações religiosas xiitas e matava seus desafetos. Saddam morreu, mas não o Iraque, simplesmente porque o homem nascido em Tikrit não era e nem nunca foi o Iraque. O complexo país ainda paga o preço de sua riqueza: econômica e cultural.

## CAPÍTULO II

### 1. AS GRANDES CORPORAÇÕES DE MÍDIA

*“Na primeira noite que Bagdá foi bombardeada, eu estava de serviço no porta-aviões USS Bataan. Pilotava o navio enquanto bombas eram despejadas no Iraque, e algumas dessas bombas provavelmente saíram dos Harriers que estavam a bordo do meu navio. Ao fundo, enquanto eu fazia meu trabalho, um televisor mostrava a cobertura ao vivo do bombardeio feita pela CNN. Como havia muitas pessoas envolvidas no que estava acontecendo, comecei a dar vivas, desejando a morte de pessoas que eu nem mesmo conhecia. Não apenas das tropas, mas de todo mundo.”<sup>18</sup>*

O relato acima está em uma mensagem eletrônica escrita pelo militar Dan Rackley, que participou do início da ofensiva dos Estados Unidos e aliados contra o Iraque, a partir de 2003. Além do choque óbvio das palavras de alguém que deseja a morte de outras pessoas, chama a atenção o fato dele e tantos outros que estavam no mesmo porta-aviões estarem ligados em uma emissora de televisão. Como protagonista e espectador das cenas de horror, o militar Rackley estava com a atenção voltada para um aparelho de televisão, para a rede CNN. A sigla é conhecida mundialmente e usada com tanta naturalidade que passa a impressão de dispensar apresentações. Porém, se prescinde de introdução, carece é de um olhar mais atento à sua força, abrangência e como (e se) trabalhou como propaganda de guerra do governo de George W. Bush e acabou pautando milhares de veículos de comunicação pelo mundo. Na verdade, a Cable News Network (CNN) na está

---

<sup>18</sup> MOORE, Michael. *Cartas da Zona de Guerra – Algum dia voltarão a confiar na América*. Brasília, Francis, 2004, p. 90.



sozinha, embora esse grupo formado pelas grandes detentoras do poder da mídia televisiva norte-americana esteja em poucas mãos.

É interessante (e assustador) notar que seis corporações são as detentoras dos principais veículos de comunicação de massa dos Estados Unidos, incluindo aí as redes de televisão, com suas tramas de milhares de pequenas televisões, rádios, jornais e, cada vez mais, site de internet, noticiosos ou não. É curioso notar no quadro seguinte que, além dos canais ditos “sérios”, ou seja, os noticiosos (com debates, reportagens, entrevistas e programas informativos), eles também detêm os canais de entretenimento, tanto para o público adulto quanto o infantil. Isso dá pistas de que a suposta diversidade de opções de programas e canais não é, na realidade, tão variada.

CONGLOMERADO	PROPRIEDADES DE MÍDIA
<p><i>General Electric</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>National Broadcasting Holding</i>, a NBC, com 13 estações.</li> <li>▪ Programas jornalísticos da NBC Network: <i>The Today Show</i>, <i>Nightly News with Tom Brokaw</i>, <i>Meet the Press</i> (um dos programas preferidos pelo governo dos Estados Unidos para defesa da política externa), <i>Dateline NBC</i>, <i>NBC News at Sunrise</i>.</li> <li>▪ Emissoras que integram a rede: <i>CNBC business television</i>; <i>MSNBC</i> notícias 24 horas via cabo e internet (tendo como social a Microsoft), <i>Court TV</i> (em sociedade com a Time Warner), <i>Bravo</i> (entretenimento), <i>A&amp;E</i> (entretenimento), <i>History Channel</i> (entretenimento).</li> </ul>
<p><i>Westinghouse/ CBS Inc.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Columbia Broadcasting System</i>, a CBS, com 14 estações e 200 emissoras afiliadas nos Estados Unidos.</li> <li>▪ Programas jornalísticos da CBS Network: <i>60 minutes</i>, <i>48 hours</i>, <i>CBS Evening News with Dan Rather</i>, <i>CBS Morning News</i>, <i>Up to the Minute</i>.</li> <li>▪ Emissoras que integram a rede: <i>Country Music Television</i> (entretenimento), <i>The Nashville Network</i> (entretenimento), além de dois canais dedicados aos esportes.</li> <li>▪ Possui ainda o Group W de Comunicação por Satélite.</li> </ul>
<p><i>Viacom International Inc.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Paramount Television</i>, <i>Spelling Television</i>, <i>MTV</i>, <i>VH-1</i>, <i>Showtime</i>, <i>The Movie Channel</i>, <i>UPN</i> (nasceu <i>United Paramount Network</i>, hoje em dia se fundiu à <i>CW Television Network</i>), <i>Nickelodeon</i> (infantil), <i>Comedy Central</i>, <i>Sundance Channel</i>, <i>Flix</i>, todos na área do entretenimento.</li> <li>▪ Outras empresas de mídia: <i>Paramount Pictures</i>, <i>Paramount Home Video</i>, <i>Blockbuster Video</i>, <i>Famous Players Theatres</i>, <i>Paramount Parks</i>, <i>Simon &amp; Schuster Publishing</i>.</li> </ul>

CONGLOMERADO	PROPRIEDADES DE MÍDIA
<p><i>Disney/ABC/CAP</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>A American Broadcasting Company, a ABC</i>, possui 10 estações.</li> <li>▪ Programas jornalísticos da ABC Networks: <i>Prime Time Live, Nightline, 20/20, Good Morning America</i>.</li> <li>▪ Emissoras que integram a rede: ESPN (esportes), <i>Lifetime Television</i>, e participação minoritária nos canais de entretenimento <i>A&amp;E, History Channel e E!</i>. Proprietária majoritária do <i>Disney Channel/Disney Television</i> (infantil), <i>Touchtone Television</i> (entretenimento)</li> <li>▪ Outras empresas de mídia: Miramax, Touchtone Pictures.</li> <li>▪ Possui ainda três selos musicais e 11 jornais locais; A editora Hyperion; A ferramenta de busca Infoseek.</li> </ul>
<p><i>Time Warner TBS – AOL</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ É a proprietária da maior rede de tevês a cabo dos Estados Unidos.</li> <li>▪ <i>CNN, HBO</i> (entretenimento), <i>Cinemax</i> (entretenimento), <i>TBS Superstation</i> (entretenimento), <i>Turner Network Television</i> (entretenimento), <i>Turner Classic Movies</i> (entretenimento), <i>Warner Brothers Television</i> (entretenimento), <i>Cartoon Network</i> (infantil), <i>Sega Channel, TNT</i> (entretenimento), <i>Comedy Central</i> (acionista), <i>E!</i> (acionista), <i>Court TV</i> (acionista).</li> <li>▪ Outras empresas de mídia: <ul style="list-style-type: none"> <li>-<i>HBO Independent Productions, Warner Home Video, New Line Cinema, Castle Rock, Looney Tunes, Hanna-Barbera</i>.</li> <li>- Selos de música: <i>Atlantic, Elektra, Rhino, Sire, Warner Bros. Records, EMI, WEA, Sub Pop</i> (distribuidora) É a maior empresa do ramo musical do mundo.</li> <li>-33 revistas incluindo <i>Time, Sports Illustrated, People, In Style, Fortune, Book of the Month Club, Entertainment Weekly, Life, DC Comics e MAD</i>.</li> </ul> </li> </ul>
<p><i>Newscorporation Ltd./Fox Networks</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Fox Television</i>: possui 22 estações nos Estados Unidos.</li> <li>▪ <i>Fox International</i>: rede internacional por cabo e satélite, que inclui a <i>British Sky Broadcasting; VOX, Canal Fox, FOXTEL, STAR TV, IskyB, Bahasa Programming Ltd., The Golf Channel</i> (esportes).</li> <li>▪ Outras empresas de mídia: <ul style="list-style-type: none"> <li>-<i>Twentieth Century Fox, Fox Searchlight</i>.</li> <li>-132 jornais (sendo 113 somente na Austrália) além do <i>New York Post, The London Times e The Australian</i>.</li> <li>- 25 revistas, incluindo <i>TV Guide e The Weekly Standard</i>.</li> <li>- Editora <i>HarperCollins</i></li> </ul> </li> </ul>

Os veículos de comunicação dos Estados Unidos e da Europa, especificamente do Reino Unido, são fontes e também inspiração para os veículos nacionais, em especial a televisão. Por este motivo, convém aqui tecer algumas considerações sobre esses meios de comunicação, sua força e também seu modo de operação. No livro *What Happened*, o ex-porta-voz do governo de George W. Bush, Scott McClellan, relata diversos fatos em que as redes de televisão, jornais e revistas dos Estados Unidos jogaram os chamados “jogos políticos” em prol dos interesses de suas corporações, e não somente em respeito e/ou consideração ao público. Ao falar sobre o papel da mídia na cobertura política, ele enfatiza:

*“The media too sometimes need help in staying honest. I’m happy to see that an increasing number of news organizations are employing ombudsmen to act as advocates for fairness and ethical standards.”*<sup>19</sup>

O ex-porta-voz de Bush, ao recontar os anos de serviço na Casa Branca, nos dá importantes informações sobre como é intrincado o jogo imprensa (mídia) – poder. Ainda como vice-porta-voz, em 2002, ele participou do que o então presidente dos Estados Unidos chamava de “educar o público sobre a ameaça” (no caso, das supostas armas de destruição em massa do presidente do Iraque, Saddam Hussein). Na verdade, segundo McClellan, isso não passava de “uma campanha para vender a guerra”. Ele relata que, logo após setembro de 2002, um ano após os atentados contra as Torres Gêmeas de Nova York e o Pentágono, em Washington, todo o *staff* de defesa do presidente estava empenhado em ganhar apoio público para uma invasão do Iraque. O secretário de Estado, Collin Powell, o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld e o vice-presidente, Dick Cheney, eram os comandantes deste esquadrão. Todos os outros funcionários da administração tinham uma ordem “*don’t make news*”, ou seja, não plantem ou divulguem notícias sem a autorização

---

<sup>19</sup> McCLELLAN, Scott *What Happened – Inside the Bush White House and Washington’s Culture of Deception*, New York, PublicAffairs, 2008, p. 322: “A mídia também, às vezes, precisa de ajuda para se manter honesta. Estou feliz em ver um crescente número de organizações de notícias empregando *ombudsmen* para agirem como defensores dos padrões justos e éticos”.

do presidente. Um exemplo de como uma declaração desastrosa poderia colocar a perder a estratégia de marketing de guerra do governo Bush, e como ela custaria caro ao inconfidente, é facilmente percebido no episódio da saída do assessor econômico da presidência, Larry Lindsey, em 2002. Meses antes de se afastar, ele revelou em uma matéria publicada no *Wall Street Journal* que os custos da guerra no Iraque iriam variar entre US\$ 100 bilhões e US\$ 200 bilhões de dólares. Ao ficar sabendo da análise feita pelo assessor, o presidente norte-americano o condenou ao ostracismo e, mais tarde, acabou cortado em uma “reforma da equipe econômica”. Na ocasião, a Casa Branca teve que driblar o impacto da reportagem com a seguinte desculpa: “não se pode saber o custo de uma decisão que o presidente ainda nem tomou”. O governo Bush já estava em franca campanha belicista, mas os meios de comunicação não questionaram nada, longe disso, aceitaram a explicação de Washington de maneira complacente e, também, confortável. A partir desse episódio, o presidente Bush, que pouco se apresentava de maneira espontânea à imprensa, passou a calcular ainda mais seus passos, bem como seus assessores, diante de veículos de comunicação de massa pouco questionadores e bastante complacentes. As mensagens controladas foram admitidas pelo porta-voz:

*“As a White House spokesman, I appreciated the need for a clear, controlled message. In a world of twenty-four-hour news cycles, the media bombard their audiences with thousands of competing messages conveyed in countless words and images. When you wield the bully pulpit of the White House and the giant megaphone of the presidency, it is easier to set the agenda and get your ideas covered.”<sup>20</sup>*

Dessa estratégia de declarada manipulação do governo, a mídia norte-americana pouco se importou (ou pelos menos assim demonstrava), pois aceitava fatos com uma só fonte, contrariando uma regra básica do jornalismo, de tentar cruzar e checar informações, de ouvir o maior número possível de pessoas. Se a

---

<sup>20</sup> McCLELLAN, S. *Op. cit.* p. 124. “Como porta-voz da Casa Branca eu prezava a necessidade de uma mensagem clara e controlada. Em um mundo de ciclos de notícia de 24 horas, a mídia bombardeia os telespectadores com milhares de mensagens, reunidas em incontáveis palavras e imagens. Quando você grita do púlpito da Casa Branca e do gigante megafone da presidência, é mais fácil de definir a agenda e ter suas ideias cobertas”.

prática já era utilizada antes, no período pré-guerra (e também durante os “anos ardentes do conflito”), ela tornou-se regra. A mensagem do governo Bush era passada diretamente ao público. O comportamento das grandes emissoras norte-americanas em relação à guerra é também explicitada pelo ex-porta-voz do Centro de Comando norte-americano, montado no Kuwait durante a invasão do Iraque, Josh Rushing. De acordo com ele, mesmo antes de Bush decidir pela invasão sem a anuência das Nações Unidas, antes de optar “pelo uso de homens e mulheres em uniforme para passar a mensagem”, a mídia norte-americana já estava “a bordo”. Para ele, “o caso de amor com os militares estava mais forte do que nunca”. Rushing explica:

*“After all, nothing captivates an audience more than war, which boosts ratings and generates an endless supply of breaking news stories. CNN’s viewership spikes during wartime, and interestingly, those viewership levels don’t come down after the spike as far as they were before the war; they plateau a little higher than before. But to sustain the momentum, viewers’ hunger must be fed. That’s why Fox News touts ‘breaking news’ even when there isn’t any, or why Wolf Blitzer mans CNN’s Situation Room even when there is no situation.”<sup>21</sup>*

E foi desta forma, “a bordo”, que os jornalistas da rede CNN embarcaram nos tanques e blindados do Exército norte-americano, durante a fase de invasão por terra do Iraque. Eles eram os *embedded* (“embutidos”), profissionais (repórteres e cinegrafistas) que seguiam junto com as tropas. A rede CNN anunciou a novidade dizendo que esse tipo de cobertura seria a mais próxima do campo de batalha e da verdade do front. Para que os jornalistas recebessem autorização para acompanhar os soldados, acordos foram feitos. Por questão de segurança não seriam

---

<sup>21</sup> RUSHING, Josh. *Mission Al Jazeera*. New York, Palgrave Macmillan, 2007, p. 76. “Além do mais, nada cativa mais uma audiência do que a guerra, que eleva os níveis e gera um suprimento sem fim de notícias de última hora. A audiência da CNN alcança picos em tempos de guerra e, de maneira interessante, esses níveis de audiência não baixam após o pico aos patamares anteriores à guerra, eles ficam estáveis, um pouco mais altos do que antes. Mas, para manter o momento, a fome dos espectadores precisa ser saciada. É por isso que a *Fox News* anuncia ‘notícias de última’ hora mesmo quando não há nenhuma, ou o Wolf Blitzer comanda o *Situation Room* na CNN, mesmo quando não há situação nenhuma”.

reveladas localizações comprometedoras, as imagens somente seriam feitas mediante permissão do comando, e informações consideradas sensíveis também não seriam passadas. A tática de cobertura foi muito criticada por dar indícios das relações nada profissionais entre a rede CNN e as Forças Armadas norte-americanas.

*“There is some disagreement about the number of embedded reporters in the war’s earliest stages, but they counted in the hundreds. When the U.S. invasion of Iraq began in March 2003, there were anywhere between 570 and 750 embedded journalists, depending on the source. (The lower figure comes from Sig Christenson, a senior military writer for the San Antonio-Express News and president of Military Reporters & Editors. The higher estimate is from the Pentagon).”<sup>22</sup>*

Não somente a CNN como também a Fox News mantinha uma cobertura bastante calcada na versão norte-americana e de seus aliados. Na opinião do jornalista norte-americano Josh Rushing, há uma falta de conexão entre o romantismo da guerra e a realidade de um campo de batalha, ao menos no que é mostrado pelas emissoras norte-americanas. De acordo com ele, a guerra começou a ser sanitizada pelas televisões na primeira guerra do Golfo, em 1991. Na época da Operação Tempestade no Deserto era mostrada em tons épicos, sem que o público fosse exposto às cenas de batalha e à morte. Era a época das “bombas inteligentes” que, para os telespectadores, era o sinônimo da “guerra limpa”. Um momento de exaltação patriótica.

*“To Americans, Operation Desert Storm is Whitney Houston singing the National Anthem, jets flying in formation over sports events, returning soldiers being showered with praise and confetti (a hero’s homecoming for a hundred-hour war), and Lee Greenwood’s song, ‘Proud To Be American’. (...) Most Americans, however, have no memory of the battle*

---

<sup>22</sup> <http://www.journalism.org/node/2596>: “Há alguma discordância sobre o número de repórteres infiltrados nos primeiros estágios da guerra, mas podiam ser contados a centenas. Quando a invasão do Iraque começou em março de 2003, havia algo entre 570 e 750 jornalistas infiltrados, dependendo da fonte. A estimativa mais baixa vem de Sig Christenson, um importante escritor militar do San Antonio Express News e presidente do Relatos Militares & Editores. A estimativa mais alta é do Pentágono”. (último acesso em 06/01/2011)

*scenes and war dead because the U.S. media had already begun its sanitization of war. (...) Images of the carnage have gone largely unseen in the U.S. media even though some of the burned-out trucks and tanks the Coalition forces bombed on what came to be known as the Highway of Death in Kuwait are still there. For months after the war ended, charred remains of Iraqi soldiers could be seen still inside those vehicles.”<sup>23</sup>*

Com essas informações não fica difícil constatar que o país que tanto se orgulha da liberdade de imprensa, da liberdade, e do discurso livre, adota uma prática diferente do discurso. O modelo de negócios das emissoras norte-americanas permite – e até mesmo encoraja – o gosto mediano. *Fox News* foi a emissora que começou com essa tendência, capitalizando a audiência conservadora dos programas de debates do rádio. Não somente a CNN, mas outras emissoras do país, seguiram o mesmo rumo. As redes de televisão e o público se tornaram uma força política. No Iraque, o governo contava que os canais não levantassem questões muito críticas, especialmente sobre as tropas. O departamento de mídia da administração Bush explorava o patriotismo, e apresentavam os argumentos para a guerra em um contexto que não dava espaço a muitos questionamentos. Na época da invasão do Iraque, em 2003, enquanto Bush defendia a guerra e batia na mesma tecla “das armas de destruição em massa do ditador Saddam Hussein”, seu mais forte aliado, Tony Blair, fazia o mesmo no Reino Unido. Porém, havia uma diferença marcante: enquanto Bush armava a máquina de guerra dando declarações rápidas nos jardins da Casa Branca, Blair era arguido na Câmara dos Comuns e por todo o jornalista que conseguisse se aproximar. É claro que há uma diferença nos modelos de governo, que o parlamentarismo britânico conta com o questionamento semanal do primeiro ministro perante os legisladores. Porém, Blair foi além para defender seu ponto de vista, e chegou até a comparecer em um debate de jovens na MTV inglesa. Lá, ele

---

<sup>23</sup> RUSHING, J. *Op. cit.* PP. 76-7 “Para os americanos, Operação Tempestade no Deserto é Whitney Houston cantando o hino americano, jatos voando em formação sobre eventos esportivos, soldados em retorno sendo banhados em congratulações e confetes (a volta para casa de um herói de uma guerra de cem horas), e a canção de Lee Greenwood, ‘Orgulho de ser Americano’. (...) Contudo, a maioria dos americanos não têm lembrança das cenas de batalha e dos mortos de guerra porque a mídia americana já havia começado a sanitizar a guerra. (...) Imagens da carnificina ficam amplamente sem serem vistas na mídia americana, apesar de que alguns caminhões e tanques bombardeados pela Coalizão no que ficou conhecida como a Rodovia da Morte, no Kuwait, ainda estarem lá. Durante meses após o fim da guerra, despojos queimados de soldados iraquianos ainda podiam ser vistos dentro desses veículos”.



ouviu todos os tipos de pergunta, principalmente com relação ao motivo de insistir numa guerra que era altamente impopular entre os britânicos. Embora apoiado em documentos falsos e em uma canina lealdade a Washington, Blair permitiu o corpo-a-corpo. Já Bush aceitava somente entrevistas coletivas cujas perguntas já eram conhecidas de antemão. No melhor estilo cowboy texano, usava frases de impacto, curtas e cheias de chavão, para terminar com um sorriso irônico e um ar de comandante-em-chefe pronto para derrotar toda a vilania do mundo. E o apoio das redes norte-americanas a esse modelo era total. Nenhuma delas queria, poderia ou tinha interesse em ser taxada de anti-americana, principalmente após o 11 de setembro. Mais uma passagem que mostra uma prática bem distante de qualquer manual de jornalismo é descrita pelo ex-porta-voz do Comando Central:

*“At CentCom I would sometimes joke about the reporter from Fox News who would ask before a live interview what questions I wanted him to ask, but in reality reporters from other U.S. networks did it, too.”*<sup>24</sup>

O jornalista norte-americano Norman Solomon chegou a dizer que a comunicação de massa está cheia de luzes brilhantes, com produções de alto valor e baixos valores humanos, insuflando os esforços de guerra (*War Made Easy*, John Wiley & Sons, 2006). Se a falta de ceticismo e questionamento dos jornalistas norte-americanos era total na época da invasão, em 2003, ela não mudou muito conforme foi ficando claro que a guerra ainda estava longe de terminar, e caminhava bem diferente do que o governo Bush previa. As armas de destruição em massa não foram achadas, a crescente insurgência, e a complexidade da sociedade iraquiana – que foi completamente ignorada ao se considerar as consequências de uma guerra – eram todos fatores que gritavam aos olhos e ouvidos. Mas, mesmo assim, algumas emissoras faziam questão de ignorar. Um exemplo foi a entrevista que o âncora da Fox News, Neil Cavuto, fez com o presidente George W. Bush em 8 de junho de 2005. Naquela altura a guerra durava dois anos, e os problemas para o comando

---

<sup>24</sup> RUSHING, J. *Op. cit.* p. 79: “No Centro de Comando eu às vezes costumava tirar sarro do repórter da Fox News que perguntava, antes de uma entrevista ao vivo, quais questões eu gostaria que fossem feitas, na realidade, repórteres de outras emissoras dos Estados Unidos faziam isso também”.

norte-americano estavam apenas no começo. Além do mais, conforme já foi dito, Bush não costumava dar entrevistas, principalmente, exclusivas. Na pauta, reformas na Previdência Social, que passaria pelo Congresso, nada de guerra. O jornalista chegou até mesmo a citar Michael Jackson, mas em nenhum momento perguntou ao presidente sobre os rumos da guerra no Iraque. Nos últimos trinta dias antes da entrevista, 23 fuzileiros, 54 soldados, 4 pilotos, um marinheiro e um contratado civil – todos norte-americanos – haviam morrido no Iraque, mas esse não foi assunto de nenhuma pergunta. Isso sem contar as milhares de vítimas iraquianas. Parte do diálogo entre Cavuto e Bush mostra o quanto a realidade do campo de batalha estava longe do escrutínio do olhar jornalístico. O entrevistador quer saber do comandante-em-chefe sobre os efeitos da última acusação de pedofilia contra Michael Jackson:

*“ - I mean, his trial and his ongoing saga has gripped the nation for the past four-and-a-half, five months as you’ve been on this campaign...I know this is a little outlandish, Mr. President...*

*- No, that’s all right Neil.*

*- Do you think that the focus com Michael Jackson has hurt you?*

*- I have no idea. I don’t spend a lot of time trying to figure out, you know, the viewing of American TV audiences. I do know what my job is, and there’s a serious problem with Social Security...”<sup>25</sup>*

Neste ponto vale uma comparação entre a identidade visual usada pelas emissoras norte-americanas durante o início da cobertura da invasão do Iraque em 2003. A identidade visual na televisão é o conjunto de vinhetas, chamadas e tarjas que definem “a cara” da emissora. Nos últimos anos, com o avanço dos recursos digitais e a concorrência da internet, a identidade visual das emissoras foi-se modificando para, além de dar personalidade ao veículo, prender a atenção do telespectador. Nesta presente análise considero, nas observações sobre as emissoras estrangeiras, apenas imagens que mostrem os primeiros dias do bombardeio anglo-

---

<sup>25</sup> “ – Quero dizer, o julgamento dele e sua progressiva saga prenderam a nação pelos últimos quatro meses e meio, cinco, enquanto você estava em campanha. Eu sei que isso soa um pouco estranho, Sr. Presidente...

- Não, está tudo bem Neil.

- Você acredita que o foco em Michael Jackson o atrapalhou?

- Eu não tenho ideia. Eu não passo muito tempo tentando descobrir, você sabe, o que vê o público da TV americana. O que eu sei é qual é o meu trabalho, e há um sério problema na Previdência Social...”.

americano a Bagdá, entre final de março e começo de abril de 2003, ainda quando as tropas invasoras não haviam chegado por terra à capital e derrubado o governo. Portanto, desprezei vinhetas e demais chamadas que também compõem o pacote da identidade visual. Começo por aquela que é a grande referência do telejornalismo norte-americano, a CNN, cujas relações com o governo de Washington já foram anteriormente faladas e, de importância nada desprezível no estabelecimento de um padrão de transmissão de notícias que acabou se espalhando por várias partes do mundo. É preciso lembrar que a CNN tem dois canais de transmissão, o CNN *International*, cujas imagens são distribuídas para emissoras clientes; e a CNN América, com programação especial para os Estados Unidos. Há grandes diferenças de enfoque e abordagem entre os dois canais. Cada uma delas tem sua equipe de correspondentes e também identidades visuais distintas. Aqui temos duas telas da CNN para análise:



Esta imagem é da CNN *International*, apenas com o logo do lado direito inferior da tela. Ela não foi usada todo o tempo durante as transmissões, geradores de caracteres foram usados em muitos momentos para que fossem aplicadas máscaras e tarjas no vídeo. Porém, conforme citado a pouco, as imagens da CNN *International* são

vendidas para outras emissoras que, não raro, utilizam as imagens ao mesmo tempo, apenas com o sinal rebatido (transmitido sem mudanças). Por esse motivo, a chamada “tela limpa”, apenas com o selo da emissora. Já, em outras circunstâncias, a própria CNN recorre a outras emissoras, como no exemplo abaixo, retirado de uma das transmissões da CNN America.



Esta tela é um bom exemplo tanto do uso da identidade visual como também de fontes árabes de informação pela emissora norte-americana. As tarjas da emissora Dubai TV (em tons de azul e preto) ficam visíveis sob os caracteres usados pela CNN. A emissora norte-americana usou, na parte superior esquerda, o selo “Live”, para indicar a transmissão ao vivo, além da localização (Bagdá). Ela fica sobre o selo da emissora árabe. Abaixo, a CNN usa o logotipo do lado esquerdo e, sobre a tarja azul da Dubai TV, usa a frase “Shock & Awe Underway”, que indica o acontecimento, naquele instante, da doutrina militar de dominação rápida, repetindo o discurso do Comando norte-americano de que a tomada do Iraque seria rápida e precisa, com a rápida derrubada de Saddam Hussein, seguida pela instauração de um novo e democrático modelo de governo. Abaixo, a CNN também usou o artifício da tarja rotativa, que aumentava a quantidade de informações para os telespectadores.

Se nas emissoras norte-americanas a atitude era de total alinhamento com o governo, a situação não era diferente em redes britânicas. Assim como os norte-americanos, eles também estavam envolvidos na invasão sem a aprovação das Nações Unidas em 2003 e, cada uma a sua maneira, também tinham uma guerra para vender à opinião pública. Não diferente dos veículos dos Estados Unidos, os meios de comunicação britânicos usaram dos mesmos artifícios para transformar o conflito armado em espetáculo, angariar audiência e ajudar a convencer a opinião pública da verdade propalada pelos governantes. Na cobertura de fatos internacionais – principalmente as guerras – há três redes britânicas que têm destaque: *SkyNews*, BBC e ITV, embora a última com menor repercussão internacional. A *SkyNews* é considerada a primeira emissora britânica em formato *all news*, ou seja, de notícias 24 horas. Inaugurada em 1984, é hoje uma provedora de notícias multi-plataforma<sup>26</sup>, com divulgação de notícias por via satélite, por cabo, nas ondas do rádio (com 300 estações retransmissoras comerciais) e, com as novas tecnologias, envia também alertas em SMS (serviço de mensagens curtas) pelos modernos celulares. Mantém boletins noticiosos a cada hora, com transmissões regulares de esportes e também do setor de negócios. Está disponível para 145 milhões de pessoas em 36 países da Europa, além da Ásia, Oriente Médio e também África.<sup>27</sup> Tanto *know-how* foi criado pela *News Corporation*, o conglomerado do magnata norte-americano Rupert Murdoch, dono da FOX; ou seja, o canal europeu tem raízes nos Estados Unidos. Durante o início da invasão anglo-americana ao Iraque, em 2003, adotou, visualmente, telas muito parecidas com o visual da *Fox News*, com muitas tarjas e informações correndo na tela, conforme é possível notar na comparação abaixo:

---

<sup>26</sup> Conteúdos que se destinam a mais de um veículo, exibidos na tevê e replicado pela internet e possivelmente retransmitidos por rádio também.

<sup>27</sup> <http://www.skypressoffice.co.uk/SkyNews/AboutUs/default.asp>. (último acesso em 06/01/2011)



Nesta imagem da tela da *Sky News* pode se perceber elementos que são pertinentes às coberturas da invasão:

- Primeiro, a silueta de Bagdá à noite que, com o passar dos dias, for-se tornando familiar aos telespectadores de todo o mundo. Trata-se, neste caso, de uma imagem gerada por uma das câmeras posicionadas num dos edifícios da cidade que transmitiam imagens ao vivo por 24 horas, distribuídas pelas agências de notícias;
- À esquerda, no canto superior da tela, temos em fundo azul, com tipologia característica da Sky News, em branco, o nome da emissora e o horário local (da Europa). Já em fundo vermelho, com maior destaque, está o selo “*Live Baghdad*”, ou seja, ao vivo de Bagdá;
- Abaixo, tomando toda a largura da tela, temos três linhas, tidas no jargão jornalístico como tarjas:
  - A primeira delas, de cima para baixo, temos o fundo vermelho no qual está escrito: “*Breaking News*”, isto é, a notícia de última hora, termo

muito usado pelas emissoras de língua inglesa para aumentar a impressão de urgência e “frescor” da informação;

- À esquerda da mesma tarja, “*War in Iraq*”, Guerra no Iraque, selo usado para a todas as transmissões e boletins noticiosos sobre o conflito armado;
- Na tarja branca, o crédito para o repórter presente na cidade, com o discurso reforçado de que ele era um correspondente da Sky News (*Sky’s David Chater*) e a repetição da informação de “*Live*”, já apresentada no crédito na parte superior esquerda da tela;
- Na última tarja, a azul inferior, estão as “*Top Stories*”, outras manchetes importantes e/ou relacionadas ao assunto. Conhecida como tarja rotativa, ela muda constantemente com as notícias selecionadas, tendo como principal objetivo fornecer o maior número possível de dados ao telespectador.

Essa análise da tela da *Sky News* estaria terminada se não fosse um detalhe que passa despercebido pelo telespectador mais distraído, ou menos observador: embora possa parecer que a imagem é resultado da implantação de uma câmera da própria emissora na capital iraquiana, as tarjas superiores, no lado esquerdo do vídeo, escondem uma informação: a verdadeira fonte da imagem. Neste caso, como em outros exemplos que serão estudados adiante, ela provém de uma emissora árabe, a Abu Dhabi TV. Pode se achar muita semelhança da identidade visual usada pela emissora britânica com a *Fox News*, norte-americana:





- As cores usadas por ambas são semelhantes: vermelho, branco, azul; as cores da bandeira norte-americana. Aliás, como se pode constatar na discussão anterior sobre como o patriotismo foi usado como estratégia do governo para dar o tom das transmissões da mídia – principalmente das emissoras mais alinhadas à administração de Washington, como é o caso da Fox News – vê-se tremulando, no lado esquerdo superior do vídeo, a bandeira dos Estados Unidos;
- Ao lado, o selo com a indicação “Live”, ao vivo, e a localização, Bagdá, logo abaixo;
- No canto inferior da tela, em toda sua largura, também são usadas tarjas de cores diferentes com destaques de informação:
  - Na primeira delas, em fundo vermelho, “War Alert”, Alerta de Guerra, frase curta, chamativa e de impacto, para dar o sentido de urgência e prender a atenção do público;



- Na tarja intermediária, em azul com maior transparência, está a informação “*Power out in Baghdad after loud explosions*” (Energia cortada em Bagdá após grandes explosões), justificava o motivo da imagem estar em preto e branco, uma vez que a câmera captava com sistema especial para a noite. Nessa mesma tarja ganha destaque, no lado esquerdo do monitor, o logo do canal e, à direita, o índice Standard&Poor’s da Bolsa de Nova York;
- Abaixo, a última tarja também é rotativa, assim como na *Sky News*, e também apresenta as manchetes consideradas mais importantes pelos editores.

Essa imagem extraída da transmissão ao vivo da *Fox News* é bastante significativa, pois mostra o “espetáculo da guerra”, um míssil, segundos antes de atingir um palácio de Bagdá. Uma cena brutal e de destruição, mas que acabou banalizada pela exibição infindável de explosões e ataques. Já a emissora BBC adotou uma tela mais limpa, conforme podemos constatar nesta imagem:



- Embora não esteja muito nítida, por ter sido redimensionada com a finalidade de proporcionar uma visualização um pouco melhor, é possível, porém, notar uma tela com poucas informações:

- No lado superior esquerdo, a palavra “*Live*”, ao vivo, sobre tarja vermelha;
- Abaixo, tomando toda a largura da tela, estão duas tarjas:
  - A superior destaca “*Breaking News*”, a notícia de última hora, sobre o fundo vermelho. À esquerda, o logo da emissora.
  - E, abaixo, na tarja branca (que neste reprodução não é visível), está a seguinte frase: “*US Army Inside Irak Territory*”, (Exército dos Estados Unidos dentro do território iraquiano).
- Abaixo das tarjas branca e vermelha é possível perceber que há um logotipo, provavelmente da fonte geradora da imagem, mas que não é identificável.

É curioso notar que, embora a tela da BBC tenha menos informações – na comparação com as de *SkyNews* e *Fox News* – devido à ausência de tarjas rotativas –, a identidade visual mais simples não deixa faltar a informação básica: “forças dos Estados Unidos atacando a capital iraquiana”. Num veículo de comunicação que usa a imagem como seu principal meio de propagar mensagem, a tela da BBC dá a ideia de que o fato fala por si mesmo, ao invés do apoio exagerado do gerador de caracteres nos dois exemplos analisados anteriormente.

A rede BBC, *British Broadcasting Corporation*, é uma emissora pública que alcançou um equilíbrio entre financiamento público e certa liberdade de disseminação de notícias, embora não tenha ficado alijada da onda que varreu os canais norte-americanos e britânicos de compra do discurso dos respectivos governos para justificar a ação militar no Iraque. Porém, por ter justamente as características de uma emissora pública com espaço aberto para programas educativos e debates, tinha um espaço para opiniões divergentes do que era dito pelas autoridades.

Em sua carta de fundação (em 1922) está a obrigação de manter uma programação que contemple informação, educação e entretenimento. Atualmente conta com oito canais nacionais com programação regional, 10 estações de rádios nacionais, 40 estações de rádios locais e *website*. Além disso, possui também o *BBC World Service*, por rádio e televisão, com transmissões em 32 línguas diferentes (inclusive a agência de notícias BBC Brasil, com site em português e a *BBC Arabic*,

com site em árabe). Todos esses serviços são financiados por dinheiro público e também pelo braço comercial, o *BBC Worldwide*, que comercializa parte da programação (documentários e programas especiais).

Longe do “*less is more*”, a ITV, maior emissora comercial do Reino Unido, também seguiu a tendência da maioria dos canais, com tela cheia de dados e informações, conforme o exemplo seguinte:



- No alto, à esquerda do monitor, está o selo “*Live*”, que indica a transmissão ao vivo. No outro extremo da tela, no lado superior direito, está a marca ITV News;
- Abaixo, estão várias referências:
  - À esquerda, nas cores azul e amarelo, está o relógio (02.35) e outro selo da emissora. No meio da tela, sobre fundo amarelo, letras negras indicam o “*Breaking News*”, a notícia que acontece no momento.

- Abaixo, a tarja vermelha dá uma informação repassada pela agência Reuters (*Reuters: Air raids sirens heard over Baghdad* (Reuters: sirenes de ataque aérea ouvidas por Bagdá).
- E, na porção mais inferior, uma tarja rotativa sobre fundo preto.

Neste ponto, é necessário fazer a seguinte observação: a inscrição que aparece em letras brancas sobre fundo azul, na parte esquerda do vídeo, não faz parte da tela original, e trata-se da referência à hora e à data em que esta imagem foi arquivada (17.35 Dec. 23).

Embora não tenha tido destaque internacional como as três emissoras britânicas aqui consideradas, é preciso lembrar também que, dentro do Reino Unido, há um quarto canal que mexeu com a opinião pública sobre o Iraque, o *Channel 4 News*. Fundado em 1982 com a missão de ser, justamente, o quarto canal de televisão britânico que quebrasse o predomínio da BBC e da ITV nos noticiários. Teve a maior parte do financiamento de origem comercial e se tornou uma emissora de alcance em todo o Reino Unido somente em 31 de março de 2010, com o início das operações de transmissão no País de Gales.

No Reino Unido, essas quatro emissoras foram responsáveis pela maioria da informação recebida pelas pessoas via transmissão televisiva. De acordo com uma pesquisa abrangente sobre mídia independente na cobertura da invasão do Iraque em 2003, feita pelas Universidades de Manchester, Leeds e Liverpool, sob coordenação do Prof. Dr. Piers Robinson, da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Manchester, mostrou que as pessoas que questionavam a linha adotada pela Coalizão Anglo-Americana tinham menos chances de opinar livremente. De acordo com o trabalho, a *SkyNews* e a ITV abriram maior espaço para as versões dadas pela Coalizão, com notícias favoráveis aos norte-americanos e britânicos. Já o *Channel 4 News* esteve no extremo oposto, com notícias mais críticas e menos favoráveis aos invasores, entre as quais ficou a pública BBC. A constatação dos estudiosos colocou por terra a acusação do governo britânico,

especialmente do Secretário de Assuntos Internos, David Blunkett, de que a cobertura da BBC estava extremamente contrária à guerra.

De acordo com o levantamento por Robinson foram analisadas as informações divulgadas pelo *CentCom*, o Centro de Comando militar no Qatar, declarações do Parlamento Britânico, discursos e entrevistas do alto escalão dos governos de Estados Unidos e Reino Unido, transcrição das coletivas da Casa Branca e da sede do governo britânico no nº 10 da Downing Street e informativos da Assessoria de Imprensa da Casa Branca (chamados de *Messages of the Day*). As conclusões mostram números expressivos das citações diretas da Coalizão, em contraponto com outras fontes de informação:

*“Figures for sources actually quoted by media further emphasise the success of the coalition in gaining access. The coalition was responsible for over 50% of direct quotations across TV channels and 45% across newspapers, but quotes from the Iraqi regime never amounted to more than 6% of the total. And while Iraqi civilians received a substantial degree of media attention as subjects, they were less well represented via direct quotation with figures ranging from 5% (Channel Four) to 11% (Sky) and averaging 8% across newspapers. Other actors received relatively little coverage, usually less than 10%. For example, anti-war actors were responsible for 6% of all quotes (less in TV coverage) while humanitarian actors never achieved more than 4% across both TV and newspapers.”*<sup>28</sup>

Também é britânica a maior agência de notícias do mundo, a Thomson Reuters, popularmente conhecida apenas como *Reuters*, que transmite para todo o

---

<sup>28</sup> Research Report – “Media Wars: News Media Performance and Media Management During the 2003 Iraq War”, por Piers Robinson, Peter Goddard, Robin Brown, Philip Taylor. “Estimativas de fontes citadas diretamente pela mídia enfatiza o sucesso da Coalizão em termo de acesso. A Coalizão foi responsável por mais de 50% das citações diretas pelos canais de televisão e 45% nos jornais, mas citações do regime iraquiano nunca atingiu mais de 6% do total. E enquanto os civis iraquianos recebiam uma dose substancial de atenção da mídia enquanto assunto, eles eram muito menos representados em citações diretas, com números variando de 5% (*Channel Four*) to 11% (*Sky*) e com média de 8% nos jornais. Outros atores receberam relativamente menos cobertura, usualmente menos de 10%. Por exemplo, figuras anti-guerra eram responsáveis por 6% de todas as citações (menos ainda na cobertura da TV) enquanto personagens humanitários nunca obtiveram mais de 4% tanto na TV quanto nos jornais”. O conteúdo integral deste relatório se encontra em **Anexos**.

mundo imagens, fotos e informações. Foi fundada em 1799 como uma editora de livros, mas foi somente em 1851, com a chegada do imigrante alemão Paul Julius Reuter, que a empresa começou a operar como distribuidora de notícias. Usava a mais alta tecnologia da época – o serviço de telégrafos – aliada a uma solução peculiar: o emprego de quase 200 pombos correios. Teve o primeiro escritório no prédio do *Royal Exchange Building*, no centro financeiro de Londres, o que ajudava na transmissão das cotações da Bolsa de Valores e notícias entre Londres e Paris, pela recém-inaugurada linha telegráfica submarina Dove-Calais<sup>29</sup>.

As informações que antes eram levadas pelos pombos, hoje são transmitidas aos veículos assinantes do serviço *Reuters* por complexos sistemas de transmissão via internet, com provedores que agilizam a transmissão de imagens e textos. Do final da década de 90 até o fim de 2010, a *Reuters* passou por muitas mudanças na transmissão dos serviços, tornando, a cada alteração, a imagem disponível para os clientes com mais rapidez. Há três anos atrás, as transmissões via satélite começaram a ceder espaço para a tecnologia FTP (*File Transfer Protocol*), com transferência de arquivos de vídeo e fotos em alta resolução, digitalizados. Entre as principais agências de notícias, a *Reuters* manteve, até 2005, mais de 100 jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos no Iraque. De acordo com o jornalista Alastair Macdonald, chefe do escritório da *Reuters* em Bagdá entre os anos de 2005/2007, a agência procura contar tanto com correspondentes locais, que conhecem bem a história do lugar, quanto com estrangeiros, que podem levar à cobertura uma experiência do exterior. Já o produtor para o Iraque e a Jordânia, Khaled Ramahi, no auge do conflito era muito difícil que algum estrangeiro se aproximasse do Iraque, principalmente por estarem mais suscetíveis à torturas e seqüestros. O fotógrafo iraquiano Ceerwan Aziz, também trabalhando para a *Reuters*, conta que, na realidade, a família dele não tinha noção do perigo que ele corria para registrar as imagens que, horas depois, eram transmitidas para os quatro cantos do mundo. Aziz foi franco ao dizer: “Eu não posso contar a eles, senão pedirão que eu deixe meu

---

<sup>29</sup> [http://thomsonreuters.com/about\\_us/company\\_history/#1890\\_1790](http://thomsonreuters.com/about_us/company_history/#1890_1790). (último acesso em 06/01/2011)

emprego”. Todos esses relatos estão em um documentário feito pela agência, feito quando a invasão do Iraque completou sangrentos cinco anos.<sup>30</sup>

Mas, se as imagens e informações da agência britânica haviam sido hegemônicas na cobertura de guerra até 2003, naquele ano, a cobertura do conflito começou a contar com um fator novo para o grande público, e que tentou equilibrar a balança que até então pendia apenas para um dos lados: as emissoras de televisão árabes.

---

<sup>30</sup> “Bearing Witness: Five years of The Iraq War”, (entrevistas, imagens e clipe em stop motion), <http://iraq.reuters.com/>. (último acesso em 06/01/2011)

## 2. AL-JAZEERA, AL-ARABIYA E A OUTRA FACE DA MOEDA

*“Al-Jazeera was just one of a large number of new satellite channels flowering in the Middle East in the nineties. But the fact that was one of the few fully Arab news stations, run staffed, and financed by Arabs and broadcast from an Arab country, was a significant development and continues to be a source of pride. The network’s longer schedule and greater availability, combined with its liberal programming, meant that once it became more widely receivable on the C-band transponder it would not go unnoticed for long.”*<sup>31</sup>

Se nos países árabes a Al-Jazeera já provocava reações desde a década de 90, foi durante a invasão anglo-americana, em 2003, que ela ficou bastante conhecida na Europa e nas Américas. Criada no Qatar em 1996 pelo emir do país, Hamad Bin-Khalifa Al-Thani, tem uma programação inovadora no mundo árabe. A grade (lista de atrações que compõem a programação) conta com *talk shows* que tratam de questões políticas, sociais, econômicas e, até mesmo, religiosas. A audiência média da emissora é composta por homens, na faixa dos 25 anos de idade, e os programas costumam ter forte participação do público, seja por telefone ou por mensagem de correio eletrônico, os telespectadores sempre desempenham um papel importante no desenrolar dos programas, muitos deles inspirados em fórmulas já consagradas de emissoras norte-americanas e britânicas.

Entre os programas mais conhecidos está o *Akthar min Ra’i* (“Mais de uma opinião”), que é um debate ao vivo apresentado de Londres por Sami Haddad. Normalmente, dois convidados diferentes participam da mesa redonda de discussão. Outra atração muito popular é *Bila Hudud* (“Sem fronteiras”), programa de entrevistas aos moldes do *Hardtalk*, da *BBC World*, comumente com figuras do cenário político, envolvidos em declarações controversas. A opinião pública é

---

<sup>31</sup> MILES, Hugh. *Al-Jazeera: The Inside Story of the Arab News Channel That Is Challenging The West*, New York, Groove Press, 2005, p. 37: “Al-Jazeera era somente uma em um grande número de novos canais árabes de televisão por satélite florescendo no Oriente Médio nos anos noventa. Mas o fato dela ser uma das poucas novas estações totalmente árabes, dirigida, recrutada e financiada por árabes e exibida a partir de um país árabe, era um desenvolvimento significativo e continua a ser uma fonte de orgulho. A programação da rede mais longa e maior disponibilidade, combinada com a programação liberal, significava que, uma vez mais disponível pelo transmissor de Banda-C, ela não passaria despercebida por muito tempo.”



representada no *Hiwar Maftuh* (“Diálogo aberto”), no qual uma dezena de pessoas do público debate com um único convidado polêmico. Agora, os dois grandes programas da emissora – em termos de público e repercussão – são: *Al-Ittijah al-Mu<sup>c</sup>akis* (“A Direção contrária”) e *Al-Sharia wal-Hayat* (“A lei religiosa e a vida”). O primeiro deles foi inspirado no programa *Crossfire*, da rede CNN, que trata essencialmente do panorama político. Levanta muitas questões polêmicas e incendeia o debate entre os convidados. Graças a isso, é considerado o mais popular programa do gênero na televisão árabe. E também a atração televisiva cuja repercussão já rendeu muitos problemas diplomáticos para o Qatar e seus vizinhos. No início, a audiência não era muito boa e os convidados eram muito retraídos, pois consideravam problemático participar de um programa visto como radical e ousado<sup>32</sup>. Outro fator que contribui para a popularidade do programa está a participação do público pelo telefone, que acontece com bastante frequência e por tempo muito maior do que o dedicado aos telespectadores em programa semelhantes nos Estados Unidos e Américas. No início, muitos ficaram céticos em relação aos telefonemas e chegaram mesmo a desconfiar de que os telefonemas ao vivo eram mesmo verdadeiros. O *Al-Ittijah al-Mu<sup>c</sup>akis* fez do então apresentador, Faisal Al-Qasim, um dos rostos mais famosos do mundo televisivo árabe. Já o *Al-Sharia wal-Hayat* conta com a presença constante do Xequie Yusuf al-Qaradawi, um dos mais respeitados clérigos muçulmanos do mundo árabe. Ele costuma tratar dos assuntos corriqueiros da vida moderna por uma perspectiva religiosa islâmica. Aborda assuntos variados: de sexo fora do casamento a homens-bomba. Nascido no Egito, em 1926, vive exilado há mais de 40 anos, foi perseguido por pertencer à Irmandade Muçulmana, grupo de oposição ao governo do presidente Hosni Mubarak, colocado na ilegalidade, mas que tem participação e apoio cada vez maior no país. Após se mudar para o Qatar começou a lecionar na Universidade. É uma figura ambígua. Teve o visto de entrada nos Estados Unidos suspenso ao defender a ação de suicidas palestinos contra a ocupação de Israel. Acredita que Islã e democracia são plenamente compatíveis, acredita que mulheres devem se envolver na vida política e foi um dos primeiros religiosos islâmicos a denunciar os atentados terroristas do 11

---

<sup>32</sup> Numa ocasião, um liberal tunisiano aceitou o convite para o debate, mas optou por usar um bigode falso, na tentativa de não ser facilmente reconhecido. Porém, no clamor da discussão, o bigode caiu, e a vergonha e o embaraço tomaram conta do programa.

de setembro nos Estados Unidos. Mas, se negou a endossar uma ação militar como resposta. Foi contrário à invasão do Afeganistão e do Iraque, e defendeu que os responsáveis pelos ataques contra território norte-americano devem ser levados à Justiça.

Com essa programação a Al-Jazeera ganhou espaço, notoriedade e respeito. Nativa dum país árabe e feita por árabes, era natural que sua infraestrutura em países árabes fosse a melhor, principalmente durante a guerra. Conforme a invasão do Iraque, em 2003, ia se desenhando no cenário político e militar, as emissoras começaram a se preparar para a cobertura, sem perder um segundo desde a primeira bomba. Dezenas de emissoras árabes, via satélite, oriundas da Argélia, Arábia Saudita, Líbano e Dubai, disputavam para ficarem prontas a tempo.

A grande rival em potencial para a Al-Jazeera era o canal Al-Arabiya, lançada pouco antes da invasão, com transmissão a partir de Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. O formato era muito similar ao da Al-Jazeera: notícias em árabe entremeadas por boletins esportivos, previsão do tempo, negócios, comentários e painel de discussão. Nas duas primeiras semanas era transmitida 12 horas por dia. Depois desse tempo, passou a ser um canal 24 horas. A verba de US\$ 220 milhões para a fundação do canal partiu de um conglomerado de empresários sauditas, libaneses e kuwaitianos. A matriz do novo empreendimento era o Middle East Broadcast Centre, que pertencia a um cunhado do Rei Fahd, da Arábia Saudita. A relação do MBC com a família real saudita é tão intensa que, muitas vezes, a chamava de “*My Broadcasting Station*”, um trocadilho com as siglas da corporação, que significa “Minha Estação de Televisão”, segundo relata Hugh Miles’ na obra supracitada. De acordo com ele, não era segredo que o monarca saudita não gostava a repercussão e dos assuntos tratados pela Al-Jazeera e, gastando mais dinheiro do que o emir do Qatar, tinha a pretensão de ultrapassar a emissora do Qatar em popularidade. Além de mais dinheiro, a Al-Arabiya tinha outra vantagem sobre a concorrente, o acesso a países dos quais a Al-Jazeera havia sido banida: Jordânia, Kuwait, Arábia Saudita e Síria, justamente pela liberdade de expressão que provocou reações dos governos desses países. Isso poderia ser muito prejudicial para a emissora, principalmente pela falta do escritório no Kuwait, de onde saíam

muitas notícias do conflito, pois permanecia fechado enquanto a guerra se avizinhava. No início da guerra a Al-Arabiya aproveitava das instalações da MBC, com 31 escritórios espalhados pelo mundo. Essa estrutura deveu-se ao fato da MBC ter sido uma das pioneiras do movimento de televisões árabes via satélite, até ser eclipsada pela Al-Jazeera. Os patrocinadores da Al-Arabiya não pouparam esforços na tentativa de ganhar a audiência da Al-Jazeera. Até mesmo jornalistas da emissora foram sondados pelo canal novato, com ofertas de salários duas ou três vezes maior. Alguns deles aceitaram e, assim como a Al-Jazeera, a Al-Arabiya conseguiu montar uma equipe com profissionais de diversos países árabes. O objetivo era que a emissora recém-lançada tivesse a mesma liberdade da Al-Jazeera, porém, trataria dos assuntos de maneira mais leve.

A criação da Al-Arabiya foi um prato cheio para os muitos desafetos que a Al-Jazeera conquistou durante anos de existência. Com isso, o canal vinculado ao MBC podia dispor a todo tempo de fontes e entrevistados que, por um motivo ou outro, se negavam a manter contato com a Al-Jazeera. Com o apoio dos sauditas – e sua conseqüente influência – a Al-Arabiya adquiriu a fama de abordar de maneira muito leve temas importantes para o governo da Arábia Saudita, como por exemplo, os direitos das mulheres e questões sobre o Islã militante. Mas, de qualquer forma, conseguiu muita popularidade, tornando-se a segunda mais vista, atrás somente da Al-Jazeera. E, apesar da concorrência regional, as pessoas ainda consideravam que a Al-Jazeera faria uma cobertura diferenciada da invasão do Iraque, apesar das limitações de escritórios e pessoal. A CNN tinha cinco vezes mais jornalistas e profissionais envolvidos com a cobertura, mas todos esperavam que a Al-Jazeera apresentasse o diferencial, que representasse o mundo árabe. A página eletrônica da emissora chegou a registrar 13 milhões de *hits* (“visitas”) em um único dia, 45% deles provenientes da Europa e dos Estados Unidos. A expectativa era grande em todos os níveis: tanto do público árabe quanto das próprias emissoras da Europa e das Américas. O canal árabe também tinha sua ambição: abocanhar o mercado de língua inglesa. Nessa época, a BBC foi a primeira emissora do Ocidente a oferecer um acordo de parceria com o canal do Qatar. Ele previa que a equipe da BBC tivesse

acesso a algumas das instalações da emissora árabe, especialmente o *uplink*<sup>33</sup> na capital afegão, em Cabul. Em troca, os britânicos se comprometiam a treinar e abrigar os funcionários do novo portal da Al-Jazeera, em língua inglesa. Nas semanas anteriores à invasão do Iraque, no final de março, a também britânica ITN fechou um acordo lucrativo, que dava à ITN os direitos de vender para o resto do mundo imagens da Al-Jazeera, pelo período de cinco anos. Esse acerto foi o marco do envio maciço de imagens captadas pelos profissionais árabes para o resto do mundo. Não era somente a BBC e a ITN que estavam de olho na Al-Jazeera. A *British Telecommunications* entrou em contato com a emissora árabe para solicitar acesso ao canal interno de geração de imagens entre Londres e Doha, por solicitação do Ministério da Defesa britânico. A direção da emissora não permitiu o acesso. E afirmou que o Ministério somente teria acesso ao canal caso fizesse como todos os telespectadores: contratasse um serviço de televisão via cabo. A direção da Al-Jazeera queria aproveitar a experiência e a notoriedade conquistadas durante a cobertura da invasão do Afeganistão, em novembro de 2001, por isso, investiram nos preparativos. Realizaram até mesmo uma entrevista com o então presidente do Iraque, Saddam Hussein, feita Faisal Al-Qasim para o programa *Al-Ittijah al-Mu'akis*. As questões foram preparadas com antecedência e empenho, uma vez que aquela poderia ser (e foi) a última entrevista do presidente do Iraque ainda no poder. Porém, o resultado não foi o planejado. Saddam se esquivava das perguntas, apesar da insistência do entrevistador.

*“Al-Qasim did his best to ignore him and keep the interview on an even keel. After all, war was only days away. ‘Beautiful women!’ roared Saddam again. The turning to Muhammad Jasim Al-Ali, who was standing nearby, Saddam interrupted again. ‘Do you smoke?’ the tyrant asked him. ‘Um, I smoke little cigars’, said Al-Ali. ‘What about you? You smoke?’, the tyrant asked al-Qasim, forcefully. ‘Err, no’, replied Al-Qasim, who by now could feel his agenda slipping quickly away from him.”*<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Comunicação via satélite de um terminal móvel para a base da emissora.

<sup>34</sup> MILES, H. *Op. cit.*, p. 225: “Al-Qasim fez o possível para ignorá-lo e manter a entrevista no prumo. Afinal, a Guerra estava distante apenas alguns dias. ‘Mulheres bonitas!’ rugiu Saddam novamente. Depois, voltando-se para Muhammad Jasim Al-Ali, que estava próximo, Saddam interrompeu novamente,

A entrevista terminou com Saddam Hussein entregando e presente ao entrevistador uma caixa de charutos Cohibas, cubanos. A postura do presidente na entrevista não mudou a disposição da Al-Jazeera em fazer uma grande cobertura. A emissora sempre teve boas relações com o Iraque. O escritório na capital, Bagdá, foi inaugurado em 1997. Na época da abertura, dois dos três jornalistas eram iraquianos. Sendo que um deles, Faisal Al-Yasery, tinha sido diretor da televisão iraquiana. As boas relações dele renderam a Al-Jazeera a permissão de manter constantemente um *uplink* em Bagdá. O canal era o único internacional a ter esse privilégio. Mesmo assim, o trabalho sob os olhos do partido governista *Baath* nunca foi fácil. Para manter o canal operando no Iraque, algumas concessões eram feitas. Por exemplo, o curdistão iraquiano, na região norte, deveria sempre ser creditado como “Norte do Iraque”, sem nenhuma menção à área de regime especial e nem mesmo sob proteção das Nações Unidas, por meio do estabelecimento dos limites de exclusão, dentro do quais as tropas de Saddam não tinham ingerência. Na época da invasão, o número de profissionais do escritório da Al-Jazeera saltou de três para mais de trinta, divididos em oito equipes. Elas eram compostas por um correspondente, um cinegrafista, pessoal de apoio técnico e motoristas. Jornalistas foram espalhados, além de Bagdá, nas cidades de Basra (no sul), Mosul (no norte) e também na região autônoma curda. Com conhecimento mais profundo do Iraque, a emissora pretendia ter acesso melhor aos locais mais sensíveis. A equipe também foi incrementada nos Estados Unidos, com correspondentes no Pentágono, Casa Branca, Departamento de Estado – em Washington DC – e também em Nova York, na sede das Nações Unidas. Para evitar quais quer problemas, todos os nomes de funcionários, apelidos, localizações, hotéis e coordenadas de satélite usadas pela Al-Jazeera. O Pentágono, seguindo a política de permitir os jornalistas *embedded*, concedeu a emissora do Qatar seis vagas para que seus profissionais seguissem com tropas norte-americanas. Porém, a Al-Jazeera somente pode preencher dois lugares. As outras quatro ofertas eram para postos no Kuwait e no Bahrain, países onde a emissora havia sido banida, e onde o trabalho de seus repórteres era proibido. Nas semanas anteriores à invasão, a Al-Jazeera

---

‘Você fuma?’ o tirano perguntou a ele. ‘Sim, eu fumo cigarrilhas’, disse Al-Ali. ‘E você?’ ‘Você fuma?’, o tirano perguntou, cheio de poder. ‘Err, não’, respondeu Al-Qasim, que nesse momento podia senti sua programação escorregando rapidamente”.

manteve os debates sobre a legalidade da guerra. A maioria dos entrevistados era contrária à guerra, fato que somente fez crescer a impressão, na administração norte-americana e britânica, de que a emissora era contrária ao conflito e faria uma cobertura para prejudicar os interesses anglo-americanos. Na tentativa de diluir essa imagem, e na intenção de conquistar algum apoio entre os árabes, os principais figurões do primeiro escalão do governo Bush concederam entrevistas à Al-Jazeera: o secretário de Estado, Colin Powell, a Conselheira de Segurança, Condoleezza Rice e até mesmo o secretário da Defesa dos Estados Unidos, Donald Rumsfeld. Mas era claro, mesmo antes do início da guerra e da cobertura do conflito propriamente dito, que a Al-Jazeera tinha uma outra perspectiva, diferente tanto das emissoras ocidentais quanto dos próprios canais árabes. Enquanto as emissoras ligadas a outros governos árabes tentavam deixar claro que seus governantes eram contrários às atitudes de Estados Unidos e Reino Unido, a Al-Jazeera mostrava as contradições que dividiam a região do Oriente Médio. Um exemplo era a postura do governo saudita que, embora oficialmente contrário à ação militar, havia fechado aeroportos perto da fronteira com o Iraque, justamente para uso militar dos Estados Unidos. Como aliados de Washington, os sauditas permitem o uso do país como base militar dos Estados Unidos. Nas horas anteriores ao primeiro bombardeio de Bagdá, o governo dos Estados Unidos deu ordens para que estrangeiros, funcionários de organizações humanitárias, diplomatas e funcionários de embaixada e jornalistas deixassem a capital iraquiana, que era o alvo primário da ação militar. Equipes das norte-americanas ABC e NBC seguiram a recomendação. Das grandes emissoras dos Estados Unidos, apenas a CBS e a CNN permaneceram por mais algum tempo. Pouco antes da guerra declarada, a CBS se retirou, restando apenas a CNN que, de hora em hora, atualizava a posição de sua equipe junto às Forças Armadas dos Estados Unidos. Dois dias após o começo dos ataques, o governo iraquiano expulsou a CNN. Com a saída dos canais norte-americanos, a Al-Jazeera, que havia permanecido, lucrou em dois pontos. Primeiro, tinha uma cobertura privilegiada de como estava Bagdá, e podia confrontar informações do Comando Central no Qatar e do governo iraquiano. Depois, porque acabou fechando contratos de concessão de imagens para as emissoras que se retiraram. Com isso, as matérias produzidas pela rede do Qatar passaram a correr o mundo. A voz dos árabes passou a ser ouvida,

mais alto, tendo mais espaço, e não somente por meio dos correspondentes estrangeiros. Durante os primeiros dias da guerra, enquanto outras emissoras se voltavam para a repercussão em Washington e Downing Street, a Al-Jazeera se concentrou em como o Oriente Médio via a guerra, e a opinião de pessoas e autoridades da região. A programação regular de programas gravados alternados com jornais ao vivo foi suspensa. A direção optou por cobertura ao vivo 24 sobre o conflito. Somente um documentário gravado foi exibido, que investigava as ligações de membros da administração de George W. Bush com as empresas petrolíferas. No início dos bombardeios a Al-Jazeera passou a usar o *slogan* “Guerra no Iraque” para as coberturas. Esse selo era o mesmo usado pela BBC. Já a Abu Dhabi TV optou por uma frase mais neutra: “Na Linha de Fogo”. Essa emissora também havia se beneficiado de acordos de transmissão de imagens para emissoras do exterior e também para as agências de notícias. Foi assim que ela chegou também ao Brasil. Já a Al-Arabiya optou por usar “A Terceira Guerra do Golfo”. De acordo com Hugh Miles, os países árabes costumam considerar que a primeira Guerra do Golfo foi a entre Irã e Iraque, na década de 80. A libertação do Kuwait, na década de 90, foi a segunda Guerra do Golfo. O selo usado pela Al-Arabiya não agradou todos os patrocinadores. O Kuwait, por exemplo, retirou um terço das cotas de patrocínio porque a emissora não usou o *slogan* que eles desejavam: “Libertação do Iraque”. Se a posição da Al-Jazeera antes da guerra era de desaprovação implícita da invasão, após estourarem as primeiras bombas, ela se tornou explícita. A emissora contestava a estratégia da coalizão anglo-americana e seus motivos, assim como a terminologia usada, sendo a única entre as grandes emissoras a utilizar o termo “forças invasoras”. Para a Al-Jazeera, não se tratava da libertação de um país como pregavam norte-americanos e britânicos, e sim, um conflito colonial. Nas entradas ao vivo do Iraque, a Al-Jazeera alternava a cobertura entre os correspondentes em Bagdá, Basra, Mosul e região curda. Por esse motivo, a imagem que o canal mostrava da capital iraquiana sob ataque era, geralmente, diferente daquelas que vistas até então, de uma câmera estacionada, com uma narração em *off*. Um exemplo é esta imagem, feita nos primeiros dias dos bombardeios:



Como era comum em suas transmissões, a emissora usava o correspondente em campo, com boletins feitos a partir do local. A identidade visual da Al-Jazeera contava sempre com o logotipo do lado direito inferior da tela. Do lado oposto, “a notícia de última hora” e, na tarja de fundo azul, a manchete referente à principal notícia. Esta imagem captada de uma transmissão ao vivo da Al-Jazeera é significativa não somente por mostrar a cobertura diferenciada em relação às concorrentes, mas também porque mostra o jornalista, Tarek Ayoub, que foi vítima de um ataque norte-americano em Bagdá, no dia oito de abril de 2003, que inclusive na tarja azul, a manchete em destaque traz a notícia da morte do Ayoub. Jordânico, ele havia sido enviado ao Iraque pouco antes da queda de Bagdá e era o correspondente mais jovem no Iraque, com 33 anos de idade. Ele estava na capital iraquiana a menos de uma semana quando foi morto, em um bombardeio contra o escritório da Al-Jazeera. E um dia antes da queda de Bagdá, com a entrada por terra dos tanques norte-americanos. O escritório atacado ficava em um bairro residencial. A Al-Jazeera deixou claro que não havia dúvidas de que os norte-americanos sabiam a exata localização da sucursal. No dia 24 de fevereiro, a direção da Al-Jazeera enviou à secretária de Defesa Assistente para Assuntos Públicos em Washington, Victoria Clarke, o endereço e até mesmo as coordenadas – Latitude 33.19/29.08, Longitude 44.24/03.63. Além disso, eles informaram que haveria civis trabalhando no lugar. O bombardeio aconteceu justamente no local indicado. No mesmo dia,



menos de três horas depois, os norte-americanos também atacaram o *Hotel Palestine*, onde estavam hospedados correspondentes estrangeiros. A alegação dos militares era de que fogo inimigo havia partido do local, mesma justificativa dada para a ação contra o escritório da emissora do Qatar. Um espanhol que trabalhava para a *Telecinco* e um ucraniano, funcionário da agência de notícias *Reuters*, também foram mortos. Após esses episódios que revoltaram todo o mundo, a direção da Al-Jazeera decidiu retirar seus funcionários do Iraque. O mesmo fez a Abu Dhabi TV. ambas recorreram ao exército dos Estados Unidos para resgatar jornalistas, cinegrafistas e produtores. Além dos problemas com as forças norte-americanas, a Al-Jazeera também teve problemas com o governo iraquiano. Primeiro, um representante do partido *Baath* foi escalado para acompanhar de perto do trabalho dos jornalistas, com toda a censura e intimidação. Além disso, os boletins que a emissora conseguia fazer com as alegações contra Saddam Hussein serviram para minar o apoio ao governo do Iraque no mundo árabe.

### 3. A VERSÃO COMPRADA: COMO A TEVÊ BRASILEIRA UTILIZOU O PADRÃO INTERNACIONAL

*“Na imprensa brasileira, a construção da imagem de Bush como estadista foi o reflexo da avalanche de artigos da imprensa americana, tudo para apagar a imagem de homem truculento e trapalhão.”<sup>35</sup>*

De acordo com o trecho acima escrito pelo jornalista Carlos Dorneles, os jornalistas brasileiros apenas para refletiram a imagem construída pela imprensa dos Estados Unidos do presidente George W. Bush após o 11 de setembro, quando assumiu, com ajuda da máquina de marketing e relações públicas da Casa Branca, o papel do comandante-em-chefe decido, capaz de tomar as mais difíceis decisões em defesa do povo norte-americano. Mas por que isso aconteceu dessa maneira? Por que a imagem retocada de Bush foi refletida pelo jornalismo brasileiro? Na avaliação de Dorneles, em tempos de globalização, o conluio entre o poder estatal e as grandes redes de comunicação em massa se estabelece em níveis transnacionais. O surgimento do primeiro império norte-americano espalha esses conluios por todo o globo. E a nova dominação imperial exige uma cobertura ideológica sem fronteiras, por parte dos grandes veículos de imprensa, rádio, televisão e cinema. Para José Carlos Aronchi, houve uma “ceenenenização”<sup>36</sup> do telejornalismo, com a transposição de um estilo industrial para a televisão, em especial para o telejornalismo, ao se notar que o estilo de produção/grade é adotado por outras emissoras no mundo, fato que não deixou de acontecer no Brasil, onde se encontram formatos de programação parecidos e até mesmo a adoção do mesmo padrão estético. A questão vai além da inspiração para o comportamento do âncora ou o formato dos telejornais. Com a disseminação da CNN, sua linguagem e também seu serviço de conteúdo por meio da agência CNN *Newsource*, dissemina-se também a

---

<sup>35</sup> DORNELES, C. *Op.cit.* p. 15.

<sup>36</sup> ARONCHI, José C. *Telejornalismo Global - A CNN e a estratégia de geocomunicação na Guerra do Iraque* (Artigo disposto em formato PDF no link.

<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17333/1/R1373-1.pdf>) (último acesso em 06/01/2011)

visão norte-americana dos fatos, seja dos Estados Unidos ou de outras partes do mundo. Mesmo quem não assina o serviço da emissora de Ted Turner acaba exposto a seu conteúdo por meio das emissoras nacionais que mantêm contrato com a CNN. De acordo com Mattelart<sup>37</sup>, foi o século XIX que consagrou a comunicação como um “fator civilizatório”. Atualmente, as redes passam a impressão de que o mundo é um vasto organismo onde todas as partes seriam solidárias. A noção biomórfica de interdependência – à imitação da interdependência das células – ratifica esse sentimento generalizado de interconexão dos indivíduos e das sociedades. Foi na virada do século XX que toma força a ideia de que a interdependência das nações conduz o mundo à unificação cultural. No caso específico da guerra, Mattelart afirma que a guerra do Golfo (1991) pode ser qualificada também de “guerra da informação” por dois motivos. Primeiro pela adoção de estratégias de informação e censura do Pentágono - com a formação do *pool* de jornalista e dos chamados *embedded* – sempre acompanhados de um oficial do *Public Affairs Officer*, que escolhia e preparava as tropas a serem entrevistadas, controlava as filmagens para a televisão, examinava as fotos e revisava as reportagens escritas, não hesitando em suprimir sempre que necessário qualquer informação julgada “delicada”. Para ele, a operação Tempestade no Deserto, iniciada em 17 de janeiro de 1991, constitui de alguma maneira a revanche dos estados maiores. Os peritos em guerra psicológica tiraram as lições da guerra do Vietnã e também de outros exemplos, como da ação do Exército britânico na guerra das Malvinas, que entravava o fluxo de informação. Em 1983, quando os *marines* invadiram a ilha de Granada, o Pentágono cercara igualmente o teatro de operações. Depois, a guerra do Golfo é também uma guerra de tecnologias de informação e da comunicação, dos “armamentos inteligentes”. Sobre o terreno, atrás dos “ataques de precisão cirúrgica”, descobrem-se os mísseis pilotados por seus próprios computadores de bordo, os satélites de reconhecimento, os sistemas de comando instalados em todos os aparelhos de combate e até mesmo nas próprias armas e redes de neurônios. Inclusive, na retaguarda do teatro das operações, por meio de sua logística de apoio, a guerra do Golfo é o primeiro grande conflito no qual se usa na gerência os “fluxos estendidos”, aplicando os métodos de gerenciamento de

---

<sup>37</sup> MATTELART, Armand. *A Globalização da Comunicação*. Bauru, Edusc, 2000, p. 62.

fluxo utilizado pelas montadoras automobilísticas japonesas. Nessa prática, o produtor não estoca, ou estoca muito pouco, os produtos que não têm escoamento garantido. Também por essa razão o conflito bélico muda de natureza, transferindo também responsabilidades para a programação industrial e econômica. Nesse ponto, chegamos à questão da ordem econômica, e como ela afetou/afeta o conteúdo exibido também na tevê brasileira. Em tempos dos grandes conglomerados de comunicação, busca-se um denominador comum mundial, uma convergência cultural dos consumidores e têm-se as indústrias culturais dos Estados Unidos na atitude pretensiosa de fixar os parâmetros da globalidade. A construção desses grupos e redes globais exigiu uma radical desregulamentação das estruturas comunicacionais nacionais, o que afetou igualmente os serviços no âmbito do serviço público e do setor de comércio. Se estes grupos e redes continuam essencialmente no âmbito das grandes nações industriais, outras personagens têm surgido no mercado audiovisual.

Os dois exemplos clássicos são o grupo brasileiro Globo – proprietário da TV Globo e do canal GloboNews, entre outros segmentos - e o grupo mexicano *Televisa*, cujos seriados e telenovelas são exibidos muito além de seus países de origem. Um pouco em todos os lugares do mundo, além disso, surgiram mercados emergentes e mercados secundários do audiovisual. O acontecimento maior, no entanto, é sem dúvida nenhuma, a incorporação das grandes zonas urbanas da China e da Índia à rede de satélites por intermédio dos grupos globais. A primeira onda de concentrações por aquisições e fusões em território norte-americano, nos anos 80, foi sucedida por uma outra, na década seguinte, estimulada pelas promessas de digitalização simbolizada pelas auto-estradas da informação. Como todo produto traduzido em linguagem digital pode circular em qualquer transportador, operou-se uma convergência nos Estados Unidos entre operadores de cabo e estúdios de cinema, companhias telefônicas e grupos de comunicação. No Brasil, esse processo de convergência das telefônicas e grupos de comunicação é mais recente, tendo início na década de 90. Porém, não livra o mercado brasileiro de seguir a mesma

tendência e também ser alvo dos conglomerados, além da importação dos formatos estrangeiros.<sup>38</sup>

O telejornalismo, como parte crescente da indústria do espetáculo, também passa por esse processo de “formatação”, padronização e simplificação. Com isso, o espaço para conteúdos opinativos e analíticos se perde... é a incomunicação, conforme definida por Baitello:

*“Quanto mais se aperfeiçoam os recursos, as técnicas e as possibilidades que o homem tem de se comunicar com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo, aumentam também, em idêntica proporção, as suas incapacidades, suas lacunas, seu boicote, seus entraves ao mesmo processo, ampliando um território tão antigo quanto esquecido, o território da incomunicação humana. Assim, andam de mãos dadas e crescem juntas, como irmãs gêmeas, a comunicação e a incomunicação. E, como não poderia deixar de ser, uma concorre com a outra pelo espaço vital de manifestação. Onde uma está, lá estará também a outra. Muitas vezes menosprezada ou ignorada, mas sempre atuando, a irmã menos amada desfaz trilhas, caminhos, elos e vínculos cuidadosamente abertos pela primeira. E, quanto mais esquecida, mais danosos serão seus atos, porque despercebidos, surpreendentes, porque tomam-nos todos de assalto e despreparados. E quanto mais ressaltamos e nos orgulhamos dos bons serviços e das qualidades da comunicação, mais a incomunicação ganha força e ousadia, provocando estragos, desfazendo e desmontando, distorcendo e deformando, semeando discórdia e gerando falsas expectativas, invertendo sinais e valores, azedando as relações e produzindo estranhamentos incômodos”.*<sup>39</sup>

Um aspecto interessante que foi apontado por Baitello é que com o crescente acesso aos meios de comunicação, ou seja, a chamada convergência, também crescem os entraves mascarados. No caso da invasão do Iraque, a criação

---

<sup>38</sup> Como se pode constatar pelo Big Brother Brasil, exibido pela TV Globo seguindo formato da Endemol, ou mesmo Ídolos, exibido pela SBT com formato da Freemantle, sendo esta e aquela duas produtoras de televisão, respectivamente holandesa e americana, que produzem e exportam programas para vários países.

<sup>39</sup> BAITELLO Jr., Norval, CONTRERA, Malena S. e MENEZES, José E. de (orgs.) *Os meios da incomunicação*. São Paulo, Annablume/CISC, 2005, p. 9.

de um *Public Affairs Officer*, que congrega e regulamenta a divulgação de informações para as redes, é apenas a ponta de um processo no qual a incomunicação se apresenta, neste caso, encoberta, com tons de democratização e suposta transparência. Ele continua nas redações e, mesmo sem o envolvimento do Brasil na invasão, também é verificado nos veículos brasileiros, cada vez mais espelhados nos exemplos estrangeiros, como se eles conferissem um selo de qualidade de informação. Um exemplo forte da importação dos padrões se dá no campo da tecnologia para televisão. Ela se aplica tanto nas tecnologias voltadas à transmissões, isto é, equipamentos e *softwares* para fornecer a infraestrutura e promover a divulgação do sinal, quanto na identidade visual e recursos gráficos usados para passar a informação ao telespectador.

Aqui, lembramos os sistemas de comunicação de Harry Pross, sobre a articulação da mídia primária, mídia secundária e mídia terciária<sup>40</sup>. Na chamada mídia primária, estabelecemos vínculos a partir de nosso corpo. Nossa postura, nossa expressão corporal e nossa linguagem falada nos vinculam a pessoas que também ocupam um espaço muito próximo de nós. Assim, falamos, abraçamos, brigamos, amamos, partilhamos experiências de comunicação e de incomunicação. Quando precisamos criar vínculos com um número maior de pessoas, utilizamos algum tipo de aparato. A pintura, o vestuário, a escrita, os impressos, entre outros, são meios que nos vinculam a um número maior de pessoas. Pross deu o nome de mídia secundária aos meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que esse necessite de um aparato para captar seu significado. Esses meios ampliam nossa possibilidade de vinculação, economizam tempo e até nos permitem, com tudo que isso gera de comunicação ou incomunicação, tomar o tempo dos outros. As vantagens e limites das mídias primárias e mídias secundárias ficam mais complexas no contexto das chamadas mídias terciárias. Nas mídias eletrônicas, como a televisão, o rádio e as redes de computadores, emissores e receptores precisam de equipamentos para criação de vínculos. Tais mídias, segundo Pross, permitem que os emissores alcancem, simultaneamente, mais pessoas num espaço maior e em menos tempo, ampliando os vínculos da

---

<sup>40</sup> Cf. BETH, Hanno e PROSS, Harry. *Introucción a La ciencia de La comunicación*. Barcelona, Antropos, 1990.

comunicação e da incomunicação. Com o crescimento das possibilidades da chamada mídia terciária, conforme definição de Pross, nos esquecemos de que ela se vale justamente da mídia primária, ou seja, é feita por pessoas para pessoas, e nos perdemos nos recursos da mídia terciária. São os gráficos e telas interativas que dão a falsa noção de isenção no ato de informar, de confiabilidade de emissor e fonte. Nos caso específico da invasão do Iraque, mapas de ações militares fornecidos pelo *CentCom* foram amplamente divulgados pela imprensa do mundo a fora, e no Brasil não foi diferente. Isso se deve, além da cópia do modelo por meio da “ceenenização”, se valia das mesmas e restritas fontes de informação dos veículos estrangeiros. Esse fato não aconteceu apenas na televisão. Conforme artigo do Professor Doutor Dimas A. Künsch, *Teoria guerreira da incomunicação: jornalismo, conhecimento e compreensão do mundo*, sobre a cobertura das revistas semanais *Veja*, *Isto É* e *Época* da invasão do Iraque, há uma limitação de fontes de informação, conforme ele observa:

*“Uma observação sobre as fontes de que se utilizam as revistas para a sua cobertura de guerra – o autor se sente autorizado a usar o termo encobrimento daqui em diante – acrescenta novos elementos à compreensão dos elementos apontados. As principais, todas muito olímpianas, não precisam de mais que os dedos das duas mãos para serem contadas.”*<sup>41</sup>

No capítulo seguinte, nos exemplos que compõem o *corpus* do presente estudo, faremos as considerações sobre as fontes e seus usos na televisão brasileira.

---

<sup>41</sup> KÜNSCH, Dimas A. “Teoria guerreira da incomunicação: jornalismo, conhecimento e compreensão do mundo”, em *Líbero*, Ano VIII - nº 15/16, 2005, p. 28.

## CAPÍTULO III

### ANÁLISE DO CORPUS

#### 1. Análise do Corpus

*“Quando a guerra foi declarada, os Estados Unidos pareceram desumanizar o povo iraquiano, tornando todos inimigos. Um perfeito exemplo disso foi usar o AAFEs (Arm and Air Force Exchange Service – associação que atende o exército e a força aérea em lojas instaladas em bases militares – um equivalente ao Wal Mart) como uma máquina de propaganda para imprimir camisetas e canecos de café ridicularizando o Iraque.”<sup>42</sup>*

O trecho transcrito acima integra o livro “Cartas da Zona de Guerra” do cineasta Michael Moore. É parte de uma carta escrita pelo militar norte-americano Kyle Waldman sobre a experiência dele no Iraque. O soldado, membro das forças de ocupação, usa um tom crítico ao se referir à própria ação dos norte-americanos no país árabe, e faz uma revelação que não merece passar despercebida. Ao contar o esforço do Comando Militar das Forças Armadas ao – como ele próprio diz – desumanizar o povo iraquiano, Waldman dá pistas de uma tática usada pelos Estados Unidos junto ao seu público, suas forças armadas e também junto à opinião pública mundial. “Camisetas e canecos de café”, como descreve o soldado, parecem inocentes itens de consumo fácil e rapidamente integrados no dia-a-dia da caserna. Afinal, uma caneca divertida (na visão de quem a fabricou) pode muito bem fazer do cotidiano do militar, distante milhares de quilômetros de casa um pouco mais leve. Porém, ele não passa de uma ferramenta de propaganda, uma necessidade de convencer sua própria força de guerra de que a batalha é necessária e justa. Se essa

---

<sup>42</sup> MOORE, Michael. *Op.cit.* pp. 29 e 30.



tática – usando uma analogia militar – é válida e tida como precisa para manter a coesão da tropa, como não deve ser também cheio de táticas o discurso feito para a massa da opinião pública, seja ela norte-americana ou mundial. Como vimos no Capítulo II, as emissoras do Brasil usam como fontes as imagens geradas por emissoras estrangeiras e informações também de agências de notícias internacionais. Pois bem, neste capítulo os exemplos do *corpus* apresentado no capítulo anterior serão analisados, tentando verificar como – praticamente – os veículos nacionais usaram esse material. Ressalte-se que na análise se guiará pela teoria bem conhecida do Orientalismo, de Edward Said, como foi exposto na Introdução deste trabalho.

a) **EXEMPLO I**

O primeiro exemplo a ser analisado é de uma entrada “ao vivo” da Rede Globo de Televisão, mostrando a terceira noite de bombardeios contra a capital do Iraque, Bagdá, dia 22 de março de 2003.

O vídeo tem a duração de 5 minutos e 32 segundos, é narrado pela jornalista Fátima Bernardes e mostra o uso de imagens ao vivo, não editadas.

É preciso considerar que, àquela altura, com apenas três dias de guerra, o interesse da mídia estava fervilhando em relação ao conflito. Esse interesse midiático era repassado e vendido ao público, com o interesse óbvio, no caso de uma televisão aberta, de ganhar audiência. A experiência doze anos antes, com a Guerra do Golfo, havia sido bastante proveitosa em termos de público e repercussão, especialmente para a rede CNN, conforme visto no Capítulo II. Desta vez, todas as emissoras queriam ganhar o seu quinhão ao fazer “a melhor” cobertura de guerra e assim ganhar mais público, ou seja, maior audiência, isto é, fazer crescer o número de anunciantes, obviamente para a ampliação da receita. Aliás, a palavra “receita” aqui pode ter um duplo sentido: não somente a renda obtida pelo meio de comunicação com a venda do espaço, mas também uma simples, básica e ainda imbatível “receita”, tal qual uma fórmula, para conquistar mais telespectadores e obter lucros. O raciocínio é tão simplório que nos dá a impressão de não ser verdadeiro. Porém, ele mostra sua força ao estudarmos com certo cuidado alguns exemplos de transmissão, como este trecho. As entradas “ao vivo” servem para esquentar a transmissão. Elas são usadas como garantia ao público de que aquele meio de comunicação está sim, ligado com o fato último, mais atualizado em relação aos outros concorrentes. É fato que o telespectador prefere saber, na hora, sobre situações que estão ocorrendo, especialmente quanto mais diversos se tornam os meios de comunicação, como as novas mídias da internet como *Twitter*, *Facebook* e, até mesmo, via telefone celular. Com a competição com outros veículos de comunicação acirrada ao extremo, ser mais rápido tornou-se uma demonstração de

prestígio, de poder financeiro e político. Não se pode ignorar também, que a questão da transmissão “ao vivo” ajuda a reforçar uma noção antiga de que aquela notícia é o retrato do fato tal como ele realmente aconteceu. De acordo com José Arbex Jr.:

*“A ideia de que a notícia é o ‘retrato do fato tal como ele realmente aconteceu’ não é nova. Ao contrário, é uma ideia que nasceu junto com a própria atividade jornalística, como surgem os tradicionais jargões do tipo ‘testemunha ocular dos fatos’, ‘a verdade dos fatos, doa a quem doer’, ‘jornalismo objetivo que leva os fatos até você’ e assim por diante. Em certo sentido, essa percepção da mídia como ‘janela’ para o mundo ecoa a ideia de arte romântica do século XIX, quando a ‘verdade’ da imagem dependia do seu grau de fidelidade à paisagem observada, ou a do realismo, que pressupunha que o trabalho do artista deveria ser regido pela ‘experiência direta da realidade’, como condição para poder ‘retratá-las’”.*<sup>43</sup>

Considerando-se essa noção, pode-se fazer o raciocínio sofismático de que, como a televisão mostra a imagem tal qual ela é, tudo o que é transmitido é a mais pura verdade. Ledo engano. É preciso ter em mente algo que é essencial, e que muda a percepção de tudo: a tevê mostra um ângulo (ou alguns), mas não todos eles. Ou seja, é uma faceta da história. Além disso, é necessário considerar que há uma rede de produção de informação (câmeras, produtores, editores, chefes de redações, diretores de jornalismo e, em instância soberana, o dono do meio de comunicação) que determina o que pode ser mostrado, e como deve ser transmitido, como citam José Arbex Jr. e Cláudio Julio Tognoli<sup>44</sup>:

*“Já nem nos damos ao trabalho de parar para refletir sobre as causas e consequências da guerra, sobre a história dos povos envolvidos, sobre as questões de natureza moral, geopolítica ou ambiental envolvidas no conflito. Em geral, ficamos satisfeitos com aquilo que a televisão*

---

<sup>43</sup> ARBEX, José Jr. *Showmalismo...*, p. 104.

<sup>44</sup> ARBEX, José Jr. e TOGNOLI, Cláudio Júlio. *Mundo Pós-Moderno*. São Paulo, Editora Scipione, 1996, p. 11.

*transmite e com os comentários de ‘especialistas’, que acabamos esquecendo tão logo outro assunto nos chame mais a atenção”,*

Isso pode ser ilustrado ao tomarmos o exemplo presente, com a apresentação pela Rede Globo do bombardeio à capital iraquiana. Considere que a transmissão “ao vivo” é feita, na maioria das vezes, de improviso. Ou seja, o jornalista não entra no ar sabendo de antemão tudo o que vai dizer, e nem teve tempo para estudar um texto ou uma colocação. Nessas horas privilegia-se a rapidez em levar as imagens ao público, mesmo que sem muitas informações ou dados apurados. Essa urgência e a tentativa de mostrar “a verdade” podem ser constatadas no seguinte trecho:

*“Imagens ao vivo de Bagdá! Nove horas da noite. Começou realmente a maior ofensiva aérea à capital do Iraque. Bombas explodem na capital iraquiana...”.*

Logo no início da transmissão a jornalista deixa claro que as imagens mostram o que acontece naquele momento na capital iraquiana para, em seguida, frisar “*começou realmente a maior ofensiva aérea à capital o Iraque*”. Realmente? O país já estava sob bombas havia três dias. Aliás, a noite em que aconteceu o primeiro bombardeio, em 20 de março de 2003, a população iraquiana teve um triste e melancólico Dia das Mães. No Iraque essa data, celebrada em todo o mundo, é lembrada no mês de março. Esse fato, que poderia humanizar o povo atacado, não foi manchete de jornal e nem sequer mereceu notas de roda pé. Isso nos leva também a questionar se, uma data tão comercial (e ao mesmo tempo com tão forte apelo emocional) como Dia das Mães não acabaria como “dado deslocado” no imaginário do público brasileiro sobre “o Iraque de Saddam Hussein”? Essa informação não teria sido desprezada por não fazer parte do que Said chamou de “*Orientalismo Latente*”, ou seja, o conjunto de ideias, imagens e clichês que formam “o Oriente” criado pelos orientalistas ocidentais? Segundo Said,

*“...um dos desenvolvimentos importantes no Orientalismo do século XX foi a destilação de ideias essenciais sobre o Oriente – sua sensualidade, sua tendência ao despotismo, sua aberrante mentalidade, seus hábitos de*

*imprecisão, seu atraso – numa coerência separada e incontestável; assim, o fato de um escritor usar a palavra ‘oriental’ era uma referência suficiente para o leitor identificar um corpo específico de informações sobre o Oriente.”*<sup>45</sup>

Outra consideração que merece ser feita sobre o citado trecho é que a mensagem que deveria ser passada “Estados Unidos começam a bombardear a capital do Iraque pela terceira noite seguida” é anunciada em tom de urgente espetáculo. A “espetacularização” da guerra ganhou força com a Guerra do Golfo, em 1991, conforme vimos na Introdução do presente estudo. E se tornou obrigatória desde então.

Seguindo na análise da entrada “ao vivo”, temos a seguinte declaração:

*“Bombas explodem na capital iraquiana... as baterias anti-aéreas tentam se defender, interceptar esses ataques, ataques que estão sendo feitos – além de mísseis Tomahawk – com bombardeiros B52.”*

Há nessas palavras a clara tentativa de valorizar o poderio bélico dos Estados Unidos, algo que muito fascina a mídia em geral, que costuma publicar em detalhes dados sobre os armamentos da maior potência mundial, como nota o jornalista Carlos Dorneles, ao falar sobre outra guerra norte-americana que se desenrolava em paralelo à invasão do Iraque, no Afeganistão:

*“Um dos temas mais caros à imprensa, antes e durante a guerra: o equipamento bélico norte-americano, o imenso poderio militar dos Estados Unidos, sua sofisticação e modernidade. Todos os jornais e revistas brasileiros deram exaustivamente os detalhes das armas, os satélites de espionagem, os B-52 que carregavam até 20 mísseis, os aviões Predator, RC-135, B-1 Lancer, B-2 Spirit, F14 Tomcat, F/A-18 Hornet e os helicópteros UH-60 Blackhawk e AH-64 Apache com laser e radares para guiar bombas, mísseis Tomahawk e AGM-86, bombas MK-*

---

<sup>45</sup> SAID, E. *Orientalismo*, p. 279.

84, B-61, B-83, CBU-87, cada item descrito com o seu poder de destruição e precisão”.<sup>46</sup>

Seguindo com a análise do que foi dito ao vivo pela jornalista temos a seguinte frase: “O Pentágono já tinha aviso que hoje era “O Dia”, como estavam dizendo”. No conjunto do discurso essa colocação dá a entender que o “bom” chegou às vias de fato contra o “malvado”, mas isso porque foi provocado. Coloca o Pentágono como o detentor da verdade, da razão e até de uma certa “humanidade”, uma vez que “ele” já havia alertado o malfeitor, que agora terá de arcar com as consequências. Essas considerações nos remetem a observações feitas por Said sobre o que chamou de “autoridade intelectual” que orientalistas (alemães, britânicos, franceses e norte-americanos) tinham/e têm sobre o Oriente. Neste ponto, a “autoridade intelectual” referida pelo autor extrapola o campo da investigação intelectual, se firmando como faceta política, de um discurso dos Estados Unidos que foi apreendido e reproduzido no Brasil. A ideia de que o Pentágono é tão detentor da verdade inquestionável reside, até mesmo, no fato da jornalista citar a instituição sem sequer explicar sua função, passando por cima do pressuposto comum no jornalismo – especialmente em um veículo de comunicação de massa, como é o caso da Globo – de que é preciso explicar ao telespectador os detalhes para que a mensagem seja entendida com mais clareza. O Pentágono é o centro da Defesa dos Estados Unidos, local onde a segurança interna e as guerras travadas por Washington são estudadas e definidas. Essa característica de “não questionável” conferida à *autoridade* é criticada por Said:

*“Não há nada de misterioso ou natural sobre a autoridade. É formada, irradiada, disseminada; é instrumental, é persuasiva; tem status, estabelece cânones de gosto e valor; é virtualmente indistinguível de certas ideias que dignifica como verdadeiras, e de tradições, percepções e julgamentos que forma, transmite, reproduz”.*<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> DORNELES, C. *Op.cit*, p. 28.

<sup>47</sup> SAID, E. *Op.cit*, pp. 49 e 50.

O tom maniqueísta adotado até agora é reforçado ainda com a seguinte frase: *Doze mísseis estariam, neste momento, a caminho do Palácio de Saddam Hussein, o ditador iraquiano Saddam Hussein*. Ao se considerar o então presidente do Iraque, Saddam Hussein, um ditador, a jornalista mais uma vez coloca o ataque dos bons contra o malvado que desafiou os avisos. Na verdade, a justificativa de George W. Bush para a invasão era, além de acabar com as pretensas armas de destruição em massa, colocar fim às sucessivas violações iraquianas das Resoluções das Nações Unidas pela inspeção do seu arsenal bélico. Sem em momento nenhum discutir/defender ou justificar as ações de Saddam, o fato é que para uma cobertura minimamente menos contaminada seria razoável retirar a palavra “ditador” e substituí-la por presidente.

É ingênuo acreditar no conceito de isenção plena como apregoam os vários meios de comunicação. Neste ponto, concordamos com a semiótica greimasiana, que considera que não se tem acesso à realidade sem fazer um recorte cultural. Neste caso, o recorte cultural foi feito pela jornalista, que não pode deixar de inserir o fato narrado na sua escala de valores e, principalmente, na ideologia da empresa onde trabalha, que acabou “colando” na transmissão das emissoras norte-americanas. Embora a ideologia do conglomerado de comunicação não seja claramente declarada, há indícios de que a “versão oficial” do Pentágono seja comprada como líquida e certa. Porém, julgo valer uma ressalva que, talvez neste caso – e por se tratar de uma fala de improviso – Bernardes tenha somente aderido ao consenso vigente, uma vez que as atrocidades cometidas pelo governante em décadas no poder dividiam com os bombardeios os espaços dedicados à cobertura da guerra. Mas, é bom considerar que a prática de aderir aos consensos pode levar, em outros casos (como veremos no desenrolar deste estudo) à “inércia preconceituosa e ignorância intelectual”, sem necessariamente indicar uma postura política, conforme declara o jornalista José Arbex Jr.

*“Não raro, portanto, veículos de mídia participam do “consenso fabricado” muito mais por inércia preconceituosa e ignorância intelectual do que por uma vontade política consciente. Muitos editores simplesmente não se dão conta de possíveis alternativas, desde que*

*fossem questionados os pressupostos sobre os quais se baseiam as metáforas colocadas em circulação pelas agências internacionais e outras matrizes produtoras de narrativas. Em geral, uma cobertura jornalística é pobre, justamente por fazer parte do consenso”.*<sup>48</sup>

É muito curioso notar como a jornalista reduz a capital de um país a uma cidade estéril. Por ser capital, a cidade mais importante de um país grande como o Iraque, é de se supor que milhões de pessoas habitam as casas e prédios ali construídos. Porém, durante toda a transmissão, não se fala em pessoas. “A capital Bagdá” foi reduzida ao complexo de palácios de Saddam Hussein, aos prédios ministeriais que já haviam sido bombardeados e ao cenário sem vida de explosões, incêndios.

*“50 mísseis já foram disparados em direção a Bagdá... 12 deles tinham como alvo o palácio, o complexo de palácios do presidente iraquiano Saddam Hussein, que teria tido seu principal palácio completamente destruído. Você acompanha aí os incêndios...”*.

Consideramos este trecho como um dos mais importantes da transmissão, justamente porque retira qualquer fator humano. Essa prática reforça o discurso adotado pelos militares dos Estados Unidos desde a Guerra do Golfo, de que os ataques têm precisão cirúrgica, ou seja, são planejados para evitar o máximo possível as mortes civis. Na verdade, os números de civis mortos pela guerra nunca foi de fácil divulgação e muito menos estimado pelos norte-americanos. Até hoje, quando Washington reduziu a menos de 50 mil soldados o contingente no país árabe, após um apogeu de 240 mil tropas, não se sabe ao certo quantos iraquianos foram vitimados. A contagem cabe a organizações independentes, como o *Iraq Body Count*, como o próprio (e cruel) nome diz, se dedica à contabilizar os casos das ações diretas de norte-americanos e seus aliados. Em agosto de 2010, esse número era estimado entre 94.461 a 106.348.<sup>49</sup> Chama bastante a atenção o fato da TV Globo usar, durante toda a transmissão, imagens da emissora árabe Abu Dhabi TV, mas sem que ela seja citada. A jornalista se refere à fonte apenas “a tevê árabe”:

---

<sup>48</sup> ARBEX, José Jr. *Showrnalism...*, p. 191.

<sup>49</sup> <http://www.iraqbodycount.org/>. (último acesso em 06/01/2011)



*“Ele recomeçou por volta de duas horas, duas horas e 15... mas o momento mais forte, mais intenso, é exatamente este que a gente está acompanhando agora com imagem da tevê árabe”*. Mesmo se considerarmos que a barreira lingüística possa dificultar a obtenção de informações de fontes árabes, não se fez nenhum esforço para mostrar que a infraestrutura que permitia aquela transmissão era árabe. A tecnologia, o *know-how* da rede árabe foi simplesmente ignorada, mesmo com a tarja *“exclusive”*, que indicava que aquelas imagens nenhuma outra rede tinha. Enquanto isso, a curta informação da rede norte-americana foi valorizada. Embora sem estrutura de difusão montada no Iraque, a rede norte-americana está mais próxima do poder, do Pentágono. Porém, ao citar informações sobre os supostos alvos bombardeados, ela se apóia em dados da rede NBC, dos Estados Unidos. A força desses conglomerados de comunicação foi mostrada no Capítulo II deste estudo, mas é válido ressaltar a permeabilidade desse poderio, como no seguinte trecho da carta de um soldado norte-americano do front:

*“Temos dormido em um calor de 50 graus sem ar-condicionado, nosso sono é interrompido por alarmes da NBC, acordamos cobertos de areia...”*.<sup>50</sup>

Conforme o trecho visto, o veículo de comunicação era assistido nas bases militares. É interessante notar a presença da televisão mesmo em limitadas condições, como o mesmo segue descrevendo na mensagem:

*“... passamos dias sem banho, defecamos em improvisadas privadas portáteis infestadas de moscas, e queimamos o cocô no fim do dia, por questões sanitárias. Desisti basicamente de todos os confortos do ser humano...”*.<sup>51</sup>

Como se pode ver, a campanha midiática se estendeu até as tropas no Iraque.

---

<sup>50</sup> Carta do soldado Jenny, intitulada “Liberdade em uma nação desolada”, em MOORE, Michael *Cartas...* p. 43.

<sup>51</sup> *idem, ibidem*, p.43.

## **b) EXEMPLO II**

Após a análise de um trabalho de uma emissora privada aberta, seguimos para apreciação de um exemplo da TV Cultura, emissora pública de sinal aberto. Optamos por estudar um programa que é o grande diferencial da emissora, em contraponto com as redes privadas: o debate, com caráter informativo. Partimos do princípio de que a promoção de um fórum com a opinião de algumas pessoas, em contraponto com uma matéria fechada por um repórter e um editor, pudesse dar um panorama mais abrangente do assunto, no caso, a invasão do Iraque por tropas anglo-americanas em 2003.

O programa, exibido em 23 de março de 2003, contou com a participação de sete convidados, além do mediador, Paulo Markun. Foram eles: Vicente Adorno (jornalista da TV Cultura), João Roberto Martins Filho (cientista político), José Flávio Saraiva (Diretor de Assuntos Internacionais da Universidade de Brasília), Eduardo Viola (Professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília), Geraldo Forbes (diretor da Prospectiva Consultoria Brasileira de Assuntos Internacionais), Cristina Pecequilo (Doutora em Ciências Políticas) e Antônio Carlos Peixoto (Professor de Ciências Políticas e Relações Internacionais). O debate transcorreu no programa Roda Viva, um dos mais tradicionais, conhecidos e respeitados da emissora, lançado em 1986.

O formato tradicional do programa é o de uma arena, com o entrevistado sentado ao centro, cercado por um time de entrevistadores. Na data em que se debateu a invasão recém-iniciada no Iraque, os convidados foram colocados no lugar comumente usado pelos entrevistadores. No centro da roda, um símbolo ligado à paz, a pomba com ramo de oliveira no bico. A explicação para isso foi dada pelo apresentador, logo na abertura:

*“Trouxemos para o centro do programa um convidado especial, uma figura simbólica, que parece estar com seu sentido esvaziado e, talvez por isso, correndo o*

*risco de sobreviver só no desenho do genial Pablo Picasso. É a paz, que, nas últimas décadas, cresceu como uma crença possível e que parece, agora, se afastar dos nossos projetos futuros, nesse conflito que, em pouco mais de uma década, marca a segunda guerra dos Estados Unidos contra o Iraque.”*

Nesse ponto, vale a seguinte consideração: usa-se o contraponto da paz para falar de guerra, embora no decorrer do programa os entrevistados/debatedores mencionem a paz no contexto dos Estados Unidos e sua política. Nesse trecho lido por Markun é possível fala-se, ainda que de maneira sutil, que esta é uma guerra norte-americana, “...nesse conflito que, em pouco mais de uma década, marca a segunda guerra dos Estados Unidos contra o Iraque”, colocando os Estados Unidos como o país que tomou a iniciativa da guerra. Se esta abertura serve para situar o leitor do presente trabalho sobre o formato do programa, a análise do conteúdo do Roda Viva deve começar um pouco antes, logo no trecho inicial da fala do apresentador.

*“O Roda Viva faz, esta noite, um programa especial sobre a guerra no Iraque, onde o conflito entrou numa fase militar complicada, com os americanos enfrentando as primeiras baixas, hoje, em confronto com os guerrilheiros iraquianos. O conflito se complica também na área política e na área econômica. O presidente Bush [George W. Bush] pediu ao Congresso mais 75 bilhões de dólares para manter a guerra, que está se estendendo e chegando cada vez a custos maiores”.*

Na opinião do programa, a guerra entrava em “uma fase complicada” devido às primeiras baixas americanas, e também pela repercussão político-econômica do pedido do presidente Bush ao Congresso de mais verbas para o combate. Se as baixas norte-americanas começavam a ser registradas naquela ocasião, as mortes de iraquianos – civis e militares – já estavam em centenas. Mesmo assim, a complicação estava nas mortes entre os militares de Washington. Neste ponto, cito Edward Said, ao considerar:

*“... ‘o árabe’ ou ‘os árabes’ têm uma aura de isolamento, definição e coerência coletiva ao ponto de apagar todos os vestígios de árabes individuais, com histórias de vida narráveis”.*<sup>52</sup>

A falta de histórias árabes narráveis é sentida em vários pontos da cobertura feita pela imprensa sobre a invasão em questão, iniciada em 2003. Mas o que impressiona é notar a falta até mesmo de uma constatação coletiva, sobre o número de iraquianos vítimas da guerra, das chamadas bombas de precisão cirúrgica. Um mês após o início da guerra o governo iraquiano perdeu o seu presidente, Saddam Hussein. Mas, mesmo antes da tomada de Bagdá, a administração já estava ruída, enfraquecida, funcionando de maneira errática. Enquanto ainda havia coletivas diárias do ministro da Informação, Mohammed Al-Saffaf, o Iraque informava o número de baixas e, mesmo que subestimadas, era o dado oficial, era o número que o governo do país considerava como verdadeiro, e deveria servir de base para a cobertura jornalística. Mesmo que se confronte os números e questione o patamar apresentado, ainda sim ele deve ser informado. Porém, essas baixas não tinham o mesmo destaque das mortes de soldados norte-americanos, os chamados “heróis que foram libertar o Iraque e levar democracia ao Oriente Médio”, segundo o que diziam os norte-americanos. Depois da queda do governo iraquiano, quando não havia mais condições de emissão oficial dessa informação, devido ao vácuo político e administrativo que se instalou, as mortes de civis e militares iraquianos continuavam a ser contadas, desta vez por organizações não governamentais. Conforme o conflito foi atingindo proporções não imaginadas pelo governo Bush e, aos olhos do mundo, a situação era cada dia mais grave, as vítimas iraquianas deixaram de ser ignoradas. O número crescente de mortes passou a ser sempre lembrado, na comparação com o número de baixas norte-americanas. Porém, as histórias continuavam desconhecidas, eram números... tornaram-se estatística, sem nome, sem rosto, sem memória.

Após a apresentação do programa, o Roda Viva exibiu uma matéria retrospectiva sobre a Guerra do Golfo, em 1991. E todo o processo de acusação norte-americana contra o governo do Iraque, os desencontros diplomáticos e as manobras políticas.

---

<sup>52</sup> SAID, E.. *Op.cit.*, p. 310.

Isso sem esquecer o efeito dos atentados de 11 de setembro contra os Estados Unidos. Neste ponto, a TV Cultura cumpriu a tarefa de informar e contextualizar o telespectador, embora tenha passado longe de qualquer referência histórica mais profunda sobre o Iraque.

O programa foi dividido em blocos sobre o que Paulo Markun chamou de “sub-temas”. No primeiro deles, o objetivo foi discutir as origens do conflito. Neste ponto, o apresentador não deixa de mencionar as ideias recorrentes na época, sobre a motivação do bombardeio norte-americano ao Iraque. Quando faz a seguinte indagação: “*É o petróleo, é a bonança econômica que poderá vir com a reconstrução, que agora está sendo já tramada, em função da destruição que ainda não aconteceu totalmente?*”. Essas questões, embora fossem muito consideradas na época, ainda eram tidas quase como um tabu pela grande imprensa. Após os ataques de 11 de setembro de 2001, contra os Estados Unidos, agravou-se o patriotismo da imprensa norte-americana, na qual qualquer tipo de questionamento dissonante do discurso governista era visto como uma defesa do terrorismo. Segundo analisamos no capítulo anterior, sobre como a imprensa brasileira comprou o padrão internacional, o chamado processo de “ceenenização” trouxe essa questão, de maneira ainda que velada, ao Brasil, por meio das imagens compradas e informações obtidas seguindo o padrão norte-americano de acatar a versão do governo sem uma postura realmente crítica. Com essas indagações, o apresentador abre o debate propriamente dito.

Optamos por não fazer uma análise sobre as opiniões de cada convidado, por considerarmos que ela não deve ser interpretada como discurso da imprensa. Porém, consideramos que ao escolher os especialistas para o programa, a produção do Roda Viva direcionou os rumos do debate. Se não é possível antever o que será dito *ipsis litteris* por cada uma das pessoas, pode-se ter uma ideia da linha de pensamento de cada estudioso/especialista, e do tipo de ideias que serão colocadas em pauta. Optamos por ressaltar algumas frases que expressam a visão orientalista, que se valem de chavões ou mesmo que, em alguns raros casos, tentem mostrar o lado

iraquiano. Antes de pontuar os discursos, fazemos uma consideração sobre a escolha dos debatedores. Entre eles não havia nenhum iraquiano, ou alguém mais próximo à cultura, costumes, política daquele país. Neste ponto, consideramos que houve uma “falha” pois fala-se do outro, sem ouvi-lo. Cabe considerar que também seria pertinente ter tido um norte-americano convidado, representantes das duas principais partes envolvidas no conflito. Edward Said, ao falar sobre a invenção do Oriente pelo Ocidente, cita a imagem da mulher árabe, oriental, disseminada por Flaubert, ou seja, a construção do outro sem voz, tachada em estereótipos, que precisa de alguém que fale por si, conforme o seguinte:

*“Há muito pouco consenso em jogo, por exemplo, no fato de que o encontro de Flaubert com uma cortesã egípcia produziu um modelo amplamente influente da mulher oriental; ela nunca falava de si mesma, nunca representou suas emoções, presença ou história. Ele falava por ela e a representou. Ele era estrangeiro, relativamente rico, do sexo masculino, e esses eram fatos históricos de dominação que lhe permitiram não só possuir fisicamente Kuchuk Hanem, mas falar por ela e contar a seus leitores de que maneira ela era ‘tipicamente oriental’. O meu argumento é que a situação de força de Flaubert em relação a Kuchuk Hanem não era um caso isolado. Representa justamente o padrão de força relativa entre o Leste e o Oeste, e o discurso sobre o Oriente que esse padrão tornou possível”.*<sup>53</sup>

Como o programa foi separado por blocos, vamos dividir as considerações também por blocos. Nesta primeira parte é discutida a origem do conflito. Abrimos com as considerações da Professora Cristina Pecequilo *“Então, eu diria que o petróleo certamente está envolvido, a questão da recuperação da economia americana está envolvida, mas que, no fundo, no fundo, é uma nova forma de hegemonia que os republicanos estão querendo colocar. E a partir disso a gente pode observar uma preocupação dos Estados Unidos em exercer de forma cada vez mais unilateral. Então, eu acho que é também uma demonstração de força nessa nova fase da hegemonia no século XXI, interpretada pela presidência Bush. Hegemonia como força e agressividade”*. Ela toca direto em um dos pontos mais importantes para a

---

<sup>53</sup> *idem, ibidem*, p. 33.

análise orientalista, que é a hegemonia. A dominação está no cerne do orientalismo, conforme Said:

*“A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa.”<sup>54</sup>*

Ainda no primeiro bloco, a opinião de Eduardo Viola é de que a hegemonia é a questão, embora ele considere que não se trata de uma hegemonia puramente norte-americana, e sim, uma “coalizão hegemônica”:

*“Há defasagem entre opiniões públicas e governos? Há, mas não é uma guerra americana, é uma guerra de coalizão hegemônica, liderada pelos Estados Unidos e em função dessa ameaça, essas quatro ameaças sofridas pelos Estados Unidos são partilhadas, com graus diferentes de intensidade, pelos outros países que compõem essa coalizão do voluntarismo”.*

Ao se falar em coalizão, lembramos o argumento de Said de que falar em orientalismo é falar, principalmente, embora não exclusivamente, de um empreendimento cultural britânico e francês, do começo do século XIX até o fim da Segunda Guerra Mundial, com a dominação de França e Grã-Bretanha do Oriente e do orientalismo. Ao fim da Segunda Grande Guerra, os Estados Unidos entram no jogo da dominação, com a mesma abordagem anterior de França e Grã-Bretanha. Ainda falando de hegemonia, Geraldo Forbes defende que Washington iria para a guerra em quaisquer circunstâncias, mesmo se o governo do Iraque entregasse as supostas armas de destruição em massa, devido ao desejo de mudar o regime iraquiano, em uma postura hegemônica:

*“Os Estados Unidos decidiram essa teoria, essa doutrina, nós precisamos ter uma presença nesse local tão conturbado. Essa presença é necessária para assegurar suprimentos”.* Antonio Carlos Peixoto também pontua claramente a questão: *“O que existe na realidade é uma imposição da capacidade hegemônica dos Estados Unidos em termos mundiais. O que está sendo passado ali concretamente é o*

---

<sup>54</sup> *idem, ibidem*, p. 32. Ressalte-se que essa ideia vai permear toda a análise sobre o debate do Roda Viva, bem como as considerações sobre os outros programas.

*seguinte, em termos muito claros: o interesse nacional americano não se subordina mais a nenhuma forma de existência da ordem mundial multilateral”.*

O segundo bloco começa com o apresentador Paulo Markun ressaltando que os debatedores ali reunidos foram escolhidos especialmente para aquela discussão, o que confirma o que foi dito acima quanto à capacidade da produção do programa de prever, mesmo que em linhas gerais, os rumos de debate. Logo no início há boletim informativo, feito por um jornalista direto da redação, com a atualização da situação da guerra. O jornalista Celso Zucatelli fala sobre uma nova investida norte-americana, sobre o aumento do número de mortos, mostra imagens ao vivo da guerra, do esquema tático e do avanço dos Estados Unidos das tropas aliadas. Nesse ponto, o programa repete os boletins das emissoras comerciais, com as chamadas notícias de última hora, os *breaking news*, que tanto esquentam a cobertura das emissoras.

No segundo bloco, a discussão gira em torno do multilateralismo, *“Como é que vão se reorganizar a comunidade internacional, a ONU, a Comunidade Européia? Qual é a nova ordem mundial que está surgindo e que peso vão ter nelas, de um lado a doutrina Bush e de outro o anti-americanismo que vem se verificando no mundo”.*

O debatedor José Flávio Saraiva considera que haverá uma contenção natural da expansão do Império: *“Esse multilateralismo esgarçado, ante à fortaleza do império, da nova capacidade imperial do tipo romana no seu auge, dos Estados Unidos, terá uma contenção natural, porque todo império perecerá, como as teorias lembram, todo império sobe e desce, como tantos autores abordaram, que compõem, talvez, uma das poucas generalizações acerca das relações internacionais, que é a construção de um novo equilíbrio de poder no mundo”.* Já Eduardo Viola refuta a ideia de declínio imperialista, ao afirmar que *“Eu acho que é totalmente o contrário. É um império em ascensão, que ainda não chegou ao seu apogeu, provavelmente”.* E prossegue, defendendo que há sim um único país ainda capaz de fazer frente aos Estados Unidos, que é a Grã-Bretanha, pois é um país capaz de projetar poder mundial. E conclui com o seguinte dizer: *“Por isso eu*



*insisto na importância de Blair e do Reino Unido e porque esta não é uma guerra puramente americana, embora seja predominante americana. Mas é uma guerra que devemos caracterizá-la como anglo-americana*". Nesses dois pontos de vista, embora divergentes, falam sobre os poderes hegemônicos e imperialistas que agiram e agem sobre o Oriente. A primeira consideração dos debatedores sobre a consequência da guerra no cenário do Oriente Médio, e não apenas no panorama norte-americano e britânico, é feita por Geraldo Forbes, ao afirmar: "*Mas, ficar no Iraque, cumpre um objetivo, mas traz um problema muito grande na região. Traz um problema com Irã, que provavelmente vai ter a tentação de se armar e os Estados Unidos vão ter a tentação de impedir esse rearmamento ou esse melhoramento no armamento do Irã*". Embora tenha sido considerado o reflexo dos ataques dos Estados Unidos na região, fala-se do Irã e sua política, sem menção direta ao Iraque. Isso acontece pouco antes do final do bloco.

Na terceira parte do Roda Viva, a primeira questão é sobre o papel desempenhado pelo Brasil como ator da cena internacional, assunto que já havia sido abordado no bloco anterior, e que foi retomado. A questão esbarrou na possibilidade dos tentáculos do imperialismo norte-americano chegar, com força militar, ao Brasil, conforme constatamos pela declaração de Vicente Adorno: "*E dando certo esse tipo de intervenção que está acontecendo agora no Iraque, eu acho que não seria de excluir que os Estados Unidos ousariam intervir também aqui nessa questão*".

Para encerrar o terceiro e último bloco do Roda Viva, o entrevistador indaga: "*como é que o poder dos Estados Unidos se manterá na região e que desenho esse poder vai estabelecer a partir desse momento?*". Esta é a parte de todo o programa que, na verdade, fala-se com atenção sobre o Iraque. Eduardo Viola abre o painel de considerações com a opinião de que, verdadeiramente, a intenção norte-americana no país era de democratização para se estabelecer uma base no Oriente Médio de maneira confiável e de combater o radicalismo islâmico, já que os governos regionais aliados de Washington não se mostravam confiáveis, especialmente após o 11 de setembro e a nova relação estabelecida entre os Estados Unidos e nações árabes e muçulmanas:

*“É uma tentativa séria, porque tem a ver com a percepção de que ainda é necessário, a idéia de que democratizar o médio Oriente resolve a ameaça do radicalismo islâmico. Agora, se isso vai ser assim é outra coisa, porque a história nos mostra que muitos casos, quando você tem eleições competitivas em países islâmicos, os radicais islâmicos ganham nas eleições! Então, não necessariamente essa política vai ser bem sucedida, mas eu acho que a democratização é a sério, é um investimento grande. Se vai pagar pela reconstrução do Iraque”.*

Esse pensamento repercute a teoria de que o Ocidente deve levar ao Oriente os conceitos tidos como “bons e fundamentais” no lado oeste do globo, como a democracia, Essa opinião é rechaçada por José Flávio Saraiva, que considera

*“Os Estados Unidos têm uma preocupação com a estabilidade da região, que não é a democracia. Quer dizer, é a garantia de uma solução para a criação de um Estado palestino menos problemático para Israel, uma solução final que seja favorável a uma afirmação, uma solução final não, uma solução adequada para o caso palestino, mas com a ampliação de espaços de Israel na região. Agora, o caso do Iraque é uma vitória de Pirro, porque não tem nada a ver com a reconstrução do Japão, nada a ver com o renascimento da Alemanha, a reconstrução da Alemanha. Ali vamos ter um processo que é histórico também, que é a história da coerção do Império Otomano no oriente próximo, quer dizer, uma falta de tradição democrática ocidental na forma que os americanos imaginam poder fazer, que eu saiba os planos de normalização e modernização do Iraque estão sendo feitos por meia dúzia de companhias petrolíferas norte-americanas, que alguns dirigentes encomendaram um pacote de redemocratização. Quer dizer, que democratização será essa? Assegurar os poços de petróleo, impor, por um protetorado, por uma administração de um marechal norte-americano, a paz dos cemitérios sobre curdos e xiitas? Eu acredito que esse esforço se poderá fazer mais para a Arábia Saudita, quer dizer, talvez dureza no Iraque para reformar a monarquia saudita. Um jogo um pouco mais complexo. Mas não creio nem que tenha condições, nem que seja um objetivo estratégico dos Estados Unidos”.*

Já Cristina Pecequillo retoma a questão da hegemonia norte-americana e cita uma questão muito interessante, que é a “conversão do mundo à imagem e semelhança dos Estados Unidos”. Nessa tentativa, constatada pela professora, está implícita a noção de superioridade de um povo em relação ao outro, e na descaracterização de um povo, sua tradição e cultura. Geraldo Forbes afirma que se superestima o impacto na sociedade iraquiana da pretensa democracia levada pelos Estados Unidos ao Oriente Médio:

*“Eu acho que há o discurso da democratização, porque algumas dessas pessoas, esses neoconservadores, esses nacionalistas, tem esse espírito missionário. Agora, passar esse espírito missionário num lugar onde a cultura... onde isso é completamente estranho à cultura local, isso é difícil. Imaginar que quando chegarem a Bagdá eles vão trazer um desses intitulados líderes da oposição iraquiana, que vai ser recebido com festa, é uma fantasia total. Ele vai ser visto como um escravo dos americanos, ele vai ter a antipatia de toda essa gente que está sofrendo por lá. Haverá mudanças no Oriente Médio? Sim, certamente, é por isso mesmo que eles estão querendo falar. O que há no Oriente, se pode chamar de república, quando eles não são monarquias, quando não há um estado teocrático, como é o Irã, são repúblicas dinásticas, os presidentes são sucedidos pelos filhos. Pois é, achar que haverá uma contaminação benéfica do espírito democrático nessa região, realmente, é um pouco de Poliana”.*

Forbes reconhece a diferença cultural, e saliente que o discurso norte-americano não será comprado pelo povo que sofre no Iraque. Fala mais generalista e, sem dúvida, carregada de preconceito, é a de João Roberto Marins Filho, que defende que a guerra foi lançada para combater o terrorismo:

*“...qual a justificativa para atacar os Estados Unidos? Foi o fato de que os Estados Unidos tinham tropas nas regiões mais sagradas do mundo islâmico. Lá, que eu saiba, não há alguma cidade sagrada, talvez essa cidade lá em cima, que deu origem ao nome muçulmano. Mas logo vai se falar isso. Eu acho que a questão vai só agravar aquela região, um caldeirão, e vai... o problema é saber até onde esses governos conseguem controlar as populações desses países árabes”.*

Primeiro, ele liga o Iraque ao ataque aos Estados Unidos, pela violação do espaço sagrado muçulmano por tropas norte-americanas. Além da falta de conexões entre o governo de Saddam Hussein com os atentados, a declaração leva o assunto para o lado religioso. Um certo ar de desdém é verificado quando fala-se que não há nenhuma cidade sagrada, “*talvez essa cidade lá em cima*”. Essas palavras não ajudam em nada a esclarecer algo sobre o país ou o povo. E ainda mostra muito desconhecimento em relação às cidades sagradas sim para muçulmanos xiitas, Karbala e Najaf, onde estão o profetas do xiismo e são centros de peregrinação importantes para os xiitas. Vicente Adorno também partilha da ideia de que “não há nenhuma tradição lá democrática como a gente já salientou aqui”. Ao final do programa, o apresentador Paulo Markun encerra o debate com considerações sobre o conflito, e fala sobre a possível repercussão das imagens de caixões de soldados norte-americanos sendo repatriado aos Estados Unidos. Ao fim de um programa sobre a guerra do Iraque, o país árabe, alvo de ataques, foi pouco lembrado, considerado e debatido. A política interna dos Estados Unidos, reflexos econômicos, consequências geopolíticas foram abordadas, sempre considerando a perspectiva de Washington. Mas, sobre o Iraque, nada além de generalizações. O país atacado não foi convidado para o debate.

c) **EXEMPLO III**

Neste exemplo, analisaremos um videoteipe da Globonews. Esta matéria foi escolhida porque, ao anunciar o início do bombardeio sobre Bagdá, em março de 2003, a rede mostra um perfil de George W. Bush, o então presidente dos Estados Unidos, em uma posição, senão bastante valorizada, usa a história política dele para comunicar que a capital iraquiana estava sendo atacada. Além disso, este trecho mostra uma questão interessante: logo ao final da matéria, quando termina o videoteipe e o apresentador volta a aparecer em quadro, ele lê uma notícia sobre a guerra recém-iniciada. A fonte de informação era oficial norte-americana, assim como na continuação da cobertura do conflito feita pela emissora de tv a cabo da Globo. Ao contrário dos outros exemplos em que alguns trechos foram destacados, e cuja íntegra se encontra nos anexos, apresentamos aqui a imagem traçada de Bush durante toda a matéria, que termina com a apresentação da imagem do inimigo dos norte-americanos, Saddam Hussein, porém, sem descrevê-lo. A descrição do invasor das terras iraquianas se sobrepôs à do povo atacado e, até mesmo, do governo do Iraque. Naquela fase, a grande desculpa dos Estados Unidos para lutar contra o terrorismo e acabar com as supostas armas de destruição em massa iraquianas eram as sucessivas violações de Saddam Hussein às resoluções da ONU que exigiam o desarmamento e a verificação do desmantelamento do tal arsenal. Mas, se o presidente do Iraque viola a determinação do Conselho de Segurança, Bush por outro lado violava também o consenso mundial de que qualquer ação armada deveria possuir um alvará da Organização das Nações Unidas. Consideramos que ao reforçar a imagem de Bush, e descrevê-lo como um político de projeção, sem informar sobre a manobra de seu governo para promover um ataque a um país sem aval da ONU, a emissora reforça a visão orientalista de que o invasor é o forte, contra o “fraco” inimigo árabe.

Edward Said afirma que o Orientalismo é essencialmente uma doutrina política, imposta ao Oriente por ele ser aparentemente “mais fraco” que o Ocidente. Considero que o discurso orientalista não acontece somente quando há a menção direta e depreciação dos árabes, mas também, quando age de forma quase velada,

mas que também serve ao discurso orientalista de desclassificação do outro. Por essa razão a escolha deste exemplo, cujos detalhes serão examinados a seguir. Uma característica que deve ser ressaltada, porém, sobre o discurso da Globonews é que, ao mesmo tempo em que usa generalizações para descrever Bush, a emissora também pontua algumas questões que depõem contra a biografia do retratado, sem, contudo, fazer um real contraponto com o homem contra o qual ele declarou guerra e, que até abril de 2003, era presidente do Iraque.

Para exemplificarmos essa postura adotada pela Globonews, temos este trecho inicial da matéria:

*“Bush é o mais velho dos seis filhos do ex-presidente George Bush e de Barbara Bush. Deixou sua cidade natal New Heaven, Connecticut, e cresceu em Midland, no Texas, onde seu pai trabalhou na indústria petrolífera. Foi piloto de aviões de combate e atingiu o posto de tenente, mas nunca foi chamado para combater no Vietnã”.*

O início da biografia mostra Bush como um homem bem nascido, ligado à indústria petrolífera ainda mesmo antes de se dar conta de que sua história estaria intimamente ligada ao chamado “ouro negro”. Além de apresentá-lo como filho de um casal de destaque na vida política dos Estados Unidos, o mostra como piloto de aviões de combate, com a patente de tenente. Mas, neste ponto, surge a primeira imagem negativa: o fato dele, como piloto de combate, não ter lutado em uma guerra, principalmente, na guerra do Vietnã, um marco da história de guerra e conflitos lutados pelos Estados Unidos. O texto segue e, mais uma vez, aponta passagens que podem ser consideradas positivas para, em seguida, destacar um fato supostamente negativo, conforme vemos nas linhas seguintes:

*”George W. Bush fundou uma companhia independente de exploração de petróleo e gás natural. Casou-se com Laura Welsh, ex-professora e bibliotecária. O casal teve duas filhas gêmeas: Barbara e Deena. Em junho de 93, Bush alcançou um marco da vida pessoal e profissional, ganhando as eleições para governador do Texas. Ficou conhecido por defender a pena de morte”.*

Neste caso, há uma ênfase na carreira empresarial, ao se falar sobre a fundação de uma empresa independente de exploração de petróleo e gás natural. Também mostra o casamento com a professora e bibliotecária como uma virtude, assim como a constituição da família, com as filhas gêmeas. E destaca o que, segundo a matéria, é um marco na vida pessoal e profissional, com a eleição para o governo do estado do Texas. Mas, neste ponto, relembra o fato de que Bush defendia a pena de morte. Mais uma vez, a boa imagem construída em algumas linhas de texto tinha como contraponto uma característica/ideia que poderia ser considerada negativa. Mesmo assim, até este ponto da matéria, temos reforçada a imagem de poder econômico e político (empresário do setor do petróleo e político eleito) e também de certa truculência, ao mostrá-lo como piloto da Força Aérea dos Estados Unidos. O perfil de Bush mostrado pela GloboNews exhibe ainda outras facetas do presidente norte-americano, também questionáveis, mas que reforçam a ideia de poder.

*“Reeleito, foi conquistando força entre os republicanos. Candidato à Casa Branca derrotou o democrata AlGore, em uma disputa marcada por denúncia de fraudes e decisão polêmica da Suprema Corte. Bush adotou um estilo diferente dos outros presidentes, inclusive do próprio pai. Antes de todas as reuniões na Casa Branca ele costuma rezar e recorre sempre à Bíblia”.*

Esse trecho está pleno de fatos que reforçam a imagem poderosa. A primeira delas é a reeleição ao governo de Texas e, em seguida, o aumento do prestígio entre os republicanos que o levou à presidência. Neste ponto, fala-se sobre a denúncia de fraude, mas sem que o assunto seja detalhado. Ou seja, não se pode negar que o canal falou sobre o problema eleitoral, mas, se omitiu, e não explicou que o problema na contagem dos votos, que acabou dando vitória ao candidato republicano. No trecho seguinte, é exposta a ligação de Bush com a religião, mas sem que isso tenha nenhum sentido pejorativo, como costuma acontecer ao se retratar a relação de autoridades de países islâmicos com a religião.

*“Bush adotou um estilo diferente dos outros presidentes, inclusive do próprio pai. Antes de todas as reuniões na Casa Branca ele costuma rezar e recorre sempre à Bíblia”.*

Nesse ponto, o fato do presidente dos Estados Unidos ignorar o princípio laico, e convocar as correntes de orações antes das reuniões de trabalho, abarcando secretários de Estado e colaboradores, pode ter uma conotação positiva, especialmente e, principalmente, junto ao público religioso e mais conservador. Na sequência, a imagem de Bush como homem truculento é reforçada:

*“Impopular no início do governo, tudo mudou após os ataques do 11 de setembro. Ao discursar no Congresso após a tragédia, ele assumiu o comando da guerra contra o terrorismo. Bush uniu o país e conquistou prestígio. Ao visitar o local do atentado abraçado a um bombeiro, ele fez um discurso populista. Proclamou que iria liderar uma luta do bem contra o mal, e ganhou de um a vez por todas a admiração dos americanos. Os índices de popularidade subiram mais de 90%, um recorde histórico”.*

Comandante-em-chefe de uma nação atacada, ele foi mostrado como o homem que conduziu os Estados Unidos (o lado do bem, no jogo maniqueísta), contra “o mal”, representado pelos inimigos dos norte-americanos.

*“Nas semanas seguintes, Bush formou uma coalizão internacional contra o terror. Mandou invadir o Afeganistão, mas não conseguiu capturar o que chamou de maior inimigo da América, o saudita Osama Bin Laden, e os principais líderes do talibã. Sem a prisão do líder da Al Qaeda e com a crise econômica que castiga os Estados Unidos, Bush perde popularidade. O presidente voltou-se então para outro alvo, o suposto Eixo do mal, formado pelo Iraque, Irã e Coréia do Norte. E investiu todos os seus esforços em uma ofensiva para derrubar outro inimigo, o presidente do Iraque, Saddam Hussein”.*

Mais uma vez, a imagem poderosa é traçada, mesmo quando há a tentativa de desqualificá-lo. De forma positiva, está a frase “*mandou invadir o Afeganistão*”, que expressa justamente a capacidade de mobilizar (facilmente) forças para tomar um país, embora explicita que o “*inimigo Osama bin Laden*” não tenha sido capturado. A conotação negativa ainda se apresenta quando informa-se sobre a crise que os Estados Unidos atravessava, e também a queda de popularidade, o que deixa transparecer a necessidade de um novo fato nacional que uma o país e garanta a



Bush o apoio, como ocorreu no 11 de setembro. Nesse momento, é apresentado o que Bush designou como o Eixo do Mal, formado pelo Irã, Iraque e Coreia do Norte (conforme já citado na Introdução do presente trabalho) e, mais uma vez, retrata o presidente dos Estados Unidos como representante poderoso e, desta vez, contra *“outro inimigo, o presidente do Iraque, Saddam Hussein”*. Essa foi a única menção feita ao presidente do Iraque. A construção desse texto segue o modelo de matérias semelhantes exibidas nas emissoras norte-americanas, que trataram de omitir as passagens negativas, ressaltando ainda mais a aura de poder em torno do presidente George W. Bush. Logo após o fim do videoteipe, segue-se a apresentação do jornal da GloboNews, com o apresentador André Trigueiro, na qual ele lê uma notícia recém-chegada de uma agência de notícias, reproduzindo informações do governo dos Estados Unidos.

*“E... oficiais americanos de departamento de defesa confirmaram, agora há pouco, que os ataques aéreos dos Estados Unidos contra alvos estratégicos no Iraque foram de natureza limitada e tiveram o objetivo de preparar o campo de batalha para operações mais intensas”*.

O apresentador, em tom grave, usa alguns segundos para passar uma “notícia confirmada” pelo departamento de Defesa dos Estados Unidos. Pela informação oficial, somente alvos considerados “estratégicos” foram atacados, assim mesmo de forma “limitada”. Em primeiro lugar, a informação, proveniente de fonte oficial, não chegou a ser confrontada. Somente a versão dos Estados Unidos foi passada naquele momento. Além disso, o uso do verbo *confirmar* confere à informação um status inquestionável, e passa a falsa impressão de que, se os Estados Unidos confirmam, então não há dúvidas quanto à veracidade do que foi dito. Outro ponto é considerar que dizer *“alvos estratégicos”* que, se em jargão militar têm muito sentido, não se pode dizer o mesmo nos meios de comunicação em massa. Isso porque pode-se (e deve-se) perguntar, afinal, quais são esses alvos? Instalações militares? Aeroportos? Portos? Essas são perguntas que pairam no ar, sem resposta, uma vez que eles podem ter outros significados, de acordo com a estratégia adotada pelo exército beligerante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de pesquisa teve por objetivo estudar como a cobertura feita pela televisão brasileira dos conflitos no Iraque foram passadas ao telespectador brasileiro. Consideramos que os exemplos analisados são peças significativas da cobertura das principais emissoras em seus respectivos segmentos: TV aberta, TV pública e TV a cabo.

Analisadas pelas lentes do Orientalismo de Edward Said, podemos ver que houve uma transferência do discurso de desqualificação do outro, iniciada ainda na fonte – norte-americana ou britânica – e, mesmo que com um tom menos engajado e sim, mais crítico, ainda incorreu no que consideramos “armadilhas orientalistas”, ao promover o discurso hegemônico e imperialista. É inquestionável que os tentáculos do poder norte-americano, do governo e a sua manipulação das informações, atinge distâncias ainda maiores com a globalização e a concentração, nas mãos de pouco conglomerados de alcance mundial. Os interesses das grandes potências, em especial os Estados Unidos, são defendidos não somente nos noticiosos, mas também de maneira mais discreta, em canais associados, que podem ser até mesmo de esportes ou entretenimento. Eles ajudam a promover questões com grande apelo junto aos norte-americanos para outros países, havendo a contaminação de opiniões. Mesmo ao considerarmos que as armas de destruição em massa e o terrorismo são questões que não somente interessam os Estados Unidos, eles, sem dúvida, preocupam muito mais um norte-americano do que um brasileiro, tanto pela posição de líder mundial dos Estados Unidos, quanto pelo atentado de 11 de setembro, que traumatizou o país e foi usada pelo governo para justificar as invasões do Afeganistão e também do Iraque.

O primeiro exemplo estudado é uma boa amostra de como, na improvisação, o jornalista acaba caindo em generalizações. As entradas “ao vivo” são usadas para mostrar que a emissora está ligada no fato mais recente e o leva, assim que ele ocorre, ao telespectador. Isso exige, muitas vezes, que o jornalista narre fatos e improvise a transmissão, enquanto aguarda mais notícias. Com isso, o uso de chavões e imagens preconceituosas são mais claramente explicitados. No caso, houve uma ênfase na espetacularização do bombardeio, com base em informações oficiais norte-americanas. E a total desconsideração sobre os habitantes da capital iraquiana, Bagdá. O alcance desse discurso foi nacional, uma vez que foi exibido pela Rede Globo, a líder de audiência na televisão do Brasil.

O segundo exemplo analisado, da TV Cultura, mostra um debate de especialistas – professores, estudiosos e jornalistas – empenhados em confrontar ideias sobre a invasão do Iraque. O que acaba ocorrendo é um confronto de ideias sobre a política externa norte-americana, as motivações da guerra em 2003 e também considerações sobre a hipótese da política imperialista dos Estados Unidos resvalarem no Brasil. O espaço dedicado à questão e até mesmo a forma de abordar o tema – por meio de um debate – mostram um diferencial da emissora em relação aos outros canais. Mas, na discussão, o povo iraquiano não foi considerado e, o Iraque, mencionado apenas como espaço geográfico rico em petróleo e alvo estratégico das ambições dos Estados Unidos.

A última matéria estudada, da GloboNews, apresenta a desqualificação do outro ao noticiar o início dos ataques contra o Iraque, em 2003, retratando então o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, com uma aura de poder contra uma simples menção ao presidente do Iraque, “*outro inimigo, o presidente do Iraque, Saddam Hussein*”. Ao final da matéria, o apresentador lê uma notícia que foi divulgada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, sobre “alvos estratégicos” e “preparação à invasão por terra”, uma linguagem militar e, que para o

grande público, pode impressionar, mas não se trata de um fato explicado e traduzido para a linguagem mais corriqueira, própria da televisão.

Nos três exemplos escolhidos, e também durante a seleção do *corpus*, revisando as dezenas de matérias, ficou também patente que ao buscar o modelo norte-americano de telejornal, as emissoras brasileiras acabam recorrendo tanto aos recursos gráficos usados pelos programas dos Estados Unidos, quanto ao formato e tratamento da notícia. Essa característica, aliada às fontes de disseminação de informações (agências de notícias), promove uma padronização de *leads* e assuntos, cabendo ao julgamento individual (de editor) promover um diferencial na cobertura, especialmente para os olhos brasileiros.

Desta forma, e apesar de os exemplos escolhidos tenham sido poucos, representando uma amostra do que acontece nas TVs brasileiras, consideramos que foram relativamente suficientes para poder responder às indagações feitas no Introdução deste trabalho.

Entendemos, contudo, que este trabalho não esgotou -nem tem a intenção de esgotar- o assunto tão complexo com este, mas que representa uma contribuição para os estudos da comunicação em geral e para os televisivos em particular, referentes às coberturas das TVs brasileiras dos conflitos internacionais, neste caso específico da chamada guerra no Iraque.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodore W. “A indústria Cultural”, em *Theodor Adorno*, Gabriel Cohn (org.), trad. de Amélia Cohn. São Paulo, Ática, 1986.
- ALBERT, P. e TERROU, F. *História da imprensa*. São Paulo. Martins Fontes, 1990.
- ALI, Tariq. *Bush na Babilônia: a recolonização do Iraque*. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- ARBEX Jr., José e TOGNOLLI, Cláudio Júlio. *Mundo Pós-Moderno*. São Paulo, Scipione, 1996.
- ARBEX Jr., José. *O poder da tv*. São Paulo. Scipione, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Guerra Fria – terror de Estado, política, cultura*. São Paulo. Moderna, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*, São Paulo, Casa Amarela, 2001.
- ARENDT, Hannah. *The Origins of the Totalitarianism*. New York, Harvest, 1976.
- ARNET, Peter. *Ao vivo do campo de batalha (do Vietnã a Bagdá, 35 anos em zonas de combate de todo o mundo)*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- ARONCHI, José C. *Telejornalismo Global - A CNN e a estratégia de geocomunicação na Guerra do Iraque..* texto digital acessível em <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17333/1/R1373-1.pdf>
- BAGDIKIAN, Ben H. *O monopólio da mídia*. São Paulo, Scritta, 1993.
- BAITELLO Jr., Norval, CONTRERA, Malena S. e MENEZES, José E. de (orgs.) *Os meios da incomunicação*. São Paulo, Annablume/CISC, 2005.
- BAUDRILLARD, Jean e outros. *Guerra virtual, Guerra Real*. Lisboa, Passagens, 1991.

- \_\_\_\_\_. *À sombra das maiorias silenciosas*, São Paulo, Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Da sedução*. Campinas, Papirus, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Simulacros e Simulações*. Lisboa, Relógio d'Água, 1991.
- \_\_\_\_\_. *The Perfect Crime*. Nova York, Verso, 1995.
- BETH, Hanno e PROSS, Harry. *Introucción a La ciencia de La comunicaci3n*. Barcelona, Anttropos, 1990.
- BLIKSTEIN, Izidro. *Kaspar Hauser ou a fabrica33o da realidade*. São Paulo, Cultrix, 1990.
- BOURDIE, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo, Edusp, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a televis3o*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo, Boitempo, 1996.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas (estratégias para entra e sair da modernidade)*,. São Paulo, Edusp, 1998.
- CHOMSKY, Noam e HERMAN, Edward S. *Manufacturing Consent (the political economy of the mass media)*. New York, Pantheon, 1988.
- CHOMSKY, Noam. *Letters from Lexington: Reflections on Propaganda*. Monroe (Maine), Common Courage Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Necessary Illusions: Thought Control in Democratic Societies*. Boston, South End Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *The culture of terrorism*. Boston, South End Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. *World Orders (Old and New)*. New York, Columbia University Press, 1996.
- CONNOR, Stevens. *Cultura Pós-Moderna (introdução às teorias do contemporâneo)*. São Paulo, Loyola, 1989.
- DÁVILA, Sérgio e VARELLA, Juca. *Diário de Bagdá: a Guerra do Iraque Segundo os Bombardeados*. São Paulo, DBA, 2003.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*,. São Paulo, Contraponto, 1997.

- DOMINGUES, Diana (org.) *A arte no século XXI (a humanização das tecnologias)*, São Paulo, Unesp, 1997.
- DORNELES, Carlos *Deus é Inocente, a Imprensa Não*. São Paulo, Editora Globo, 2002.
- FONTENELLE, Paula. *Iraque: a guerra pelas mentes*. São Paulo, Sapienza, 2004.
- GERBNER, George, MOWLANA, Hamid e SCHILLER, Herbet J. (org.). *Invisible Crises (what conglomerate control of media means for America and the world)*. Boulder, Westville, 1996.
- GOLDENBERG, José e MARQUES DE MELLO, José (org.). *Direito à informação, direito à opinião*. São Paulo, ECA-USP, 1990.
- GOMES, Wilson. *Verdade e perspectiva (a questão da verdade e o fato jornalístico)*, Textos de Cultura e Comunicação – vol.29. Salvador, UFBA, 1993.
- GOYZUETA, Verônica e OGIER, Thierry. *Guerra e Imprensa: um olhar crítico da cobertura da guerra do Iraque*. São Paulo, Summus, 2003.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo, Cia das Letras, 1991.
- KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica (ética no jornalismo brasileiro)*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.
- KÜNSCH, Dimas A. “Teoria guerreira da incomunicação: jornalismo, conhecimento e compreensão do mundo”, em *Líbero*, Ano VIII - nº 15/16, 2005.
- MATTERLART, Armand *A Globalização da Comunicação*. Bauru, Edusc, 2000.
- McCLELLAN, Scott *What Happened – Inside the Bush White House and Washington’s Culture of Deception*, PublicAffairs New York, 2008.
- MILES, Hugh. *Al Jazeera The Inside Story of the Arab News Channel That Is Challenging The West*. Nova Yor, Groove Press, 2005.
- MOORE, Michael *Cartas da Zona de Guerra – Algum dia voltarão a confiar na América*. São Paulo, Francis, 2004.

PERSICO, Joseph E. e POWELL, Colin L. *Minha Jornada Americana*. São Paulo, Ed. Best Seller, Círculo do Livro, 1995.

RANNEY, Austin *Channels of Power – The Impact of Television on American Politics*. Nova York, American Enterprise Institute Book, 1983.

RUSHING, John *Mission Al Jazeera*, Nova. York, Palgrave Macmillan, 2007.

SAID, Edward. *Covering Islam (how the media and the experts determine how we see the rest of the world)*. New York, Pantheon, 1981.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Orientalismo*. New York, Random House, 1979.

SCHUBERT, Frank e KRAUS, Thereza. *Tempestade no Deserto*. Brasília, Bibliex, 1998.

SCHUDSON, Michael. *The power of news*. Cambridge, The Harvard University Press, 1995.

TUNSTALL, Jeremy. *The Media are American*. Londres, Constable, 1977.

## **INTERNET**

<http://www.nytimes.com/1995/11/09/us/powell-decision-announcement-powell-rules-96-race-cites-concerns-for-family-his.html>

<http://archives.cnn.com/2002/ALLPOLITICS/01/29/bush.speech.txt/>

<http://www.nytimes.com/1991/01/18/us/war-in-the-gulf-the-networks-giant-tv-audience-for-bush-s-speech.html>

<http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,9648,00.html>

[http://www2.tvcultura.com.br/captacao/tv\\_cobertura.asp](http://www2.tvcultura.com.br/captacao/tv_cobertura.asp)

[http://www2.tvcultura.com.br/captacao/tv\\_index\\_programacao.asp](http://www2.tvcultura.com.br/captacao/tv_index_programacao.asp)

<http://www.journalism.org/node/2596>

<http://www.skypressoffice.co.uk/SkyNews/AboutUs/default.asp>

[http://thomsonreuters.com/about\\_us/company\\_history/#1890\\_1790](http://thomsonreuters.com/about_us/company_history/#1890_1790)

<http://iraq.reuters.com/>



# Anexos

1. MEDIA WARS: NEWS MEDIA PERFORMANCE AND MEDIA MANEGEMENT DURING THE 2003 IRAQ WAR;
2. TRANSCRIÇÃO COMPLETA DOS PROGRAMAS QUE ACOMPANHAM O CORPUS;
3. DVD COM AS GRAVAÇÕES INTEGRAIS DOS PROGRAMAS QUE ACOMPANHAM O CORPUS.

## Research Report

### 'Media Wars: News Media Performance and Media Management During the 2003 Iraq War': Piers Robinson, Peter Goddard, Robin Brown, Philip Taylor

#### **Background**

This research project evaluates media performance and government media-management operations during the 2003 Iraq War. The war provides a fascinating case study, creating unprecedented levels of popular and political dissent; while questions surrounding media coverage generated accusations of media bias. Through analysing government attempts to manage media and, in the face of such attempts, the success of media at maintaining autonomy and balance, this project provides research-based evidence to inform on-going debate regarding the media's role during this conflict.

More broadly, the project contributes to scholarly debates concerning the role and function of media in wartime. Existing work in this field has tended to argue that media are deferential toward government. Here, due to factors such as reliance upon official sources, patriotism and news values focused around dramatic battle stories, it is often argued that media function as a propaganda arm of government. Recent debate, however, has revolved around how technological advances and shifting geo-political landscapes might have increased media autonomy during wartime and facilitated a more adversarial media.

Through the development of a theoretically-grounded, systematic and detailed approach to measuring media coverage, we set out to provide both a reliable aggregate-level assessment of media performance and a more detailed analysis of the relative performance of individual media outlets. Our research was designed to be sensitive to changes in the balance of power between media and government during the course of the military campaign. The analysis of media coverage was integrated with an analysis of coalition briefings and media operations, thus enabling a more precise assessment of media autonomy during the conflict. The research design and methodology developed and tested for this project was also designed to act as a baseline for further comparative research across conflicts, time and different national contexts.

#### **Objectives**

Our objectives were as follows:

One: Identify the contours of framing in British TV and newspaper news of the war, uncovering the range, autonomy and boundaries to debate across media outlets, the extent to which news coverage reflected elite sources and news management strategies as well as dissenting voices, and the relative salience of justifications for the war.

Two: Identify the key government information management strategies and actual outputs over the course of the war, including strategic attempts to develop common framings over time, tactical activities designed to minimise damaging coverage and/or to discredit counter-narratives, the techniques used to co-ordinate US and UK

information management strategies and the involvement of embedded journalists.

Three: Assess the relative salience of media, state and dissenting voices in determining media agendas during the conflict. In particular, we sought to identify variations in this power balance across the course of the war as government information management strategies responded to the uncertainties of war and unexpected events, media outlets sought to maintain autonomy under the difficult circumstances of war and dissenting voices attempted to influence the media agenda.

The greatest proportion of resources was devoted to objective One. A combined content and framing analysis of UK TV news coverage and UK press enabled us to assess in great detail how media reported the war. The breadth and depth of analysis far exceeds other equivalent studies. The analysis involved four principal TV news programmes (from BBC, ITV, Sky News and Channel Four) and seven national daily newspapers and their Sunday equivalents (*Telegraph*, *Times*, *Guardian/Observer*, *Independent*, *Mail*, *Mirror*, *Sun/News of the World*), enabling a thorough assessment of the quality of the UK public sphere during the conflict. With the story as our unit of analysis, media reports were analysed in multiple ways, including documentation of story length, format (from a range of types of newspaper story or TV news report), use of new technology, subject matter, sources quoted and cited and the use of visuals. Reports were also assessed for their tone toward the main actors in the conflict whilst a detailed framing analysis provided measures of more subtle forms of media bias.

In tandem with the media analysis, coalition media-management operations were systematically documented in order to establish the news agenda promoted by coalition partners during the course of the conflict. This formal analysis was supplemented by interviews with journalists and news managers in order to understand the dynamics of the news management process and how it fitted into the news production process. Both the media and press briefing analyses have produced rich datasets that continue to be interrogated. Finally, combining the information from each dataset has allowed us to track coalition media management strategies and variations in media coverage across the course of the conflict and to draw general conclusions regarding the dynamic relationship between media and government. In addition, case studies have been selected which represent peaks of media criticism and instances of successful coalition information management. These case studies, subject to on-going analysis, enable us to assess systematically the extent to which unexpected events and elite political debate led to a more adversarial media, and the extent to which government responded to adversarial media coverage by reinforcing attempts to manage media.

## Methods

To conduct our analysis of media coverage and to evaluate our findings, we consolidated and developed existing frameworks: In particular Hallin's<sup>1</sup> seminal work on US media and the Vietnam war and recent election studies methodology.<sup>2</sup> This latter

---

<sup>1</sup> Daniel Hallin (1986) *The Uncensored War* (Berkeley, CA: University of California Press).

<sup>2</sup> Eg. Semetko, H., J. Blumler, M. Gurevitch and D. Weaver (1991), *The Formation of Campaign Agendas*. Hillsdale, NJ: Erlbaum; Goddard, P., M. Scammell and H. Semetko (1998), 'Too Much of a Good Thing: Television in the 1997 Election Campaign', in I. Crewe, B. Gosschalk and J. Bartle (eds.), *Political Communications: The General Election Campaign of 1997*. London: Frank Cass.

framework has been extensively employed as a method for measuring the agenda for debate and the autonomy of reporting during election campaigns and has been widely used internationally. This enabled us to create a highly refined and advanced approach to analysing media content and framing and we were able to document a wide variety of indicators reacting to media autonomy - from the variety of sources used by media through to the prevalence of particular pro- and anti-coalition frames. We were also able to distinguish between procedural criticism, for example relating to the conduct of the military campaign, and substantive media criticism relating to the justifications for war. Coding of media coverage was performed by two coders using MSAccess databases and reliability tests were successfully completed.

To analyse press briefings, a codebook and database were developed for a content analysis of all public news management activities:

- 1) CENTCOM news conferences and statements
- 2) UK Parliamentary Statements
- 3) Speeches and interviews by UK and US heads of government and members of the ministerial teams at the UK Ministries of Defence and Foreign Affairs and the US Department of Defense
- 4) Transcripts of press conferences at the White House, 10 Downing Street, MoD, DoD, State, FCO
- 5) Messages of the Day issued by the White House Office of Global Communications

Subjects were recorded using the same codes as for the news analysis in order to permit comparison across the different datasets. This formal analysis has been supplemented by interviews with journalists and news managers in order to understand the dynamics of the news management process and how it fitted into the news production process.

Finally, both the press briefing dataset and the media datasets provided a framework by which to compare coalition media management operations with media coverage across the course of the conflict. By comparing the output of press briefings with media coverage, we are able to assess areas in which media reflected and reinforced the coalition agenda, as well as circumstances where media-management operations were unsuccessful at influencing media output. Three datasets (TV news, newspapers and press briefings) were produced for deposit at the ESRC data archive and are available for further analysis.

## **Results**

Our results include comprehensive analyses of:

- 1) media performance during the course of the conflict,
- 2) coalition media-management operations and
- 3) a comparative assessment of the coalition media agenda and media output.

It should be noted that the following brief account reflects the major research findings to date and that our work with the data continues.

### *Media Performance*

The subject matter of *battle* dominated news reports during the course of the conflict. Over 56% of all TV news and 49% of newspaper stories related to the on-going military campaign and/or related matters of strategy. Because we also coded for a short period running up to the war, as well as a week after the fall of Baghdad, the data revealed the dramatic shift in news agenda away from *diplomacy* and *rationale* for war prior to the conflict and on to battle; as well as away from battle and on to the issue of *law and order* once Baghdad had fallen. The subjects of *diplomacy* and *Iraqi people* each appeared in just over 10% of news reports (except in newspapers where *Iraqi people* constituted 7% of stories) whilst controversial issues such as *civilian casualties* and *anti-war protest* accounted for considerably less than 10% of news stories across both TV and newspapers. But only a fraction of coverage (less than 6%) focused on substantive issues such as the *rationale* for war, including stories about WMD, humanitarian issues and terrorism. Coverage, then, was largely event-driven and gave relatively little space to substantive issues.

With respect to political actors' access to the news agenda, coalition officials dominated with over 80% of both television and newspaper reports mentioning at least one. Also well represented were members of the *Iraqi regime* (over 50% for both television and newspapers) and *Iraqi civilians* (40% for television and 31% for newspapers). Other relevant actors, such as the anti-war movement, UN officials, experts and humanitarian organizations received far less access to the media, with none of these groups appearing in more than 12% of coverage. Figures for sources actually quoted by media further emphasise the success of the coalition in gaining access. The coalition was responsible for over 50% of direct quotations across TV channels and 45% across newspapers, but quotes from the Iraqi regime never amounted to more than 6% of the total. And while Iraqi civilians received a substantial degree of media attention as subjects, they were less well represented via direct quotation with figures ranging from 5% (Channel Four) to 11% (Sky) and averaging 8% across newspapers. Other actors received relatively little coverage, usually less than 10%. For example, anti-war actors were responsible for 6% of all quotes (less in TV coverage) while humanitarian actors never achieved more than 4% across both TV and newspapers.

Our *reporter tone* variable measured journalists' adherence to norms of objectivity and neutrality towards actors (defined as 'straight' reporting as opposed to openly deflating or reinforcing commentary). Over 90% of TV news reporting was coded as straight and reporting in the broadsheet newspapers was straight over 80% of the time, although the tabloids fell below this figure. By this measure, then, much of UK media largely fulfilled expected norms of neutrality and objectivity. Closer examination of instances where journalists did engage in reinforcing or deflating commentary, however, revealed a clear tendency to depart from objective reporting when discussing the Iraqi regime. For TV news, the only pattern found in journalists' departure from straight reporting was to undermine the Iraqi authorities. The picture for newspapers was more mixed although, at the aggregate level, the Iraqi regime was by far the most likely actor to receive deflating commentary.

Finally, our framing analysis provided an indicator of subtler forms of bias. Here we assessed the extent to which reports favoured the coalition perspective or reflected an alternative perspective. Our coding frames were developed only for key areas of coverage by which the range of media debate during the war could be assessed, namely

*battle, civilian casualties, military casualties, humanitarian issues and justifications for war* (including WMD, humanitarian and 'war on terror'). With respect to *battle*, for example, stories were coded as positive for the coalition if they emphasized, implicitly or explicitly, military success. Conversely, stories were coded as negative for the coalition if they focused upon military failures with clear disdain or critical distance in reporters' comments and with anti-war sources being drawn upon and given priority over coalition sources. The subjects chosen for framing analysis also enabled us to distinguish between areas where procedural criticism might occur (*battle, civilian casualties*, etc) and where substantive criticism might occur (e.g. *justifications for war*).

Many reports about the *battle* itself favoured the coalition and only a small number played negatively. So, for the predominant subject (see *the news agenda* above), coverage tended to be either favourable or mixed for the coalition and only rarely problematic. A very different picture emerges, however, when we consider the subjects of *civilian casualties, humanitarian issues, coalition military casualties* and *law and order*. For *civilian casualties*, less than 11% of reports played positively for the coalition whilst 49% of TV coverage and 68% of press coverage was coded as negative. With respect to *humanitarian issues*, most reports were critical of coalition attempts to manage humanitarian operations, with a balance of 48% of TV coverage and 40% of press coverage being coded as critical whilst only 20% of TV coverage and 25% of press coverage gave more upbeat assessments. The subject of *coalition military casualties* was also problematic for the coalition. 26% of TV coverage was coded as negative for the coalition and only 5% of reports were reinforcing. Press coverage here was more mixed, however, with 26% of reports reinforcing the coalition frame vis-à-vis casualties and 22% deflating. Finally, *law and order* was also an issue that attracted a large proportion of critical coverage. Across TV and press, only around 10% of *law and order* stories were positive for the coalition while approximately 30% were coded as negative.

Contrasting with the significant levels of procedural criticism outlined above, our findings fail to offer strong evidence of media coverage that was autonomous in its approach to the official narratives and justifications for the war in Iraq. Most reports (54% TV and 61% Press) making substantial reference to the WMD rationale for war reflected and reinforced the coalition argument by, for example, relaying the coalition's claims regarding Iraq's WMD capability in unproblematic terms. Less than 15% actually challenged official narratives in this respect. In referencing the humanitarian argument for war, coverage overwhelmingly reflected official narratives concerning the moral case for war. Over 80% of TV and press stories mirrored the government position and less than 12% challenged it. The rationale for war least accepted by UK media was offered by the 'war on terror'. Here, 38% of TV reports and 47% of press reports were reinforcing whereas 15% of TV reports and 40% of press reports challenged it. For this category, a large proportion of reports were coded as mixed.

Regarding inter-channel variation, on television Sky News and ITV were most likely to report good news for the coalition whereas Channel Four News carried the greatest proportion of critical coverage. Among newspapers, *The Sun* gave the most explicit support to coalition operations. But much newspaper coverage, even that of the *Independent* and the *Mirror* which were the most avowedly anti-war, was implicitly or explicitly supportive of the military campaign.

## *Information Management Strategies*

We were able to document both the successes and the limitations of the coalition news management strategy in framing the conflict in a consistent manner. 267 transcripts of briefing activities (statements, press conferences, interviews) were coded. Coding distinguished between statements, which were taken to represent the messages that the coalition chose to communicate, and dialogues, where politicians and spokespersons were forced to respond to subjects raised by journalists. The subjects of all statements, questions and responses were recorded. These materials were also coded for prognosis - that is, whether they demonstrated optimism or pessimism about the future. Exchanges between spokespersons and journalists were coded to identify the extent to which interventions tended to question or support official frames. This gave an additional level of insight into the news management process by giving a measure of how journalists reacted to official briefings. It should be noted that the study could only reconstruct the formal and public aspect of the news management effort in a systematic way.

The main strategy of the coalition's news management was to focus attention on three themes and to ensure that unfolding events were interpreted within these themes. Firstly, that the campaign was progressing: There was an emphasis placed on confidence in the success of the military campaign and the inevitable overthrow of the Saddam regime but also an attempt to deflate overoptimistic expectations of a rapid victory. Here there was clear evidence that the media were a key target for this message – not least in the comments referring to media performance in reporting Kosovo and Afghanistan that came from briefing podiums. This theme accounts for the domination of the *battle/strategy* frame within coalition briefing subjects. 40% of the subjects coded within statements fell under this heading. The second major theme focussed on the need to build a better Iraq. The second largest group (9.4%) of subjects dealt with the reconstruction and future of Iraq. The third largest emphasis (9.1%) was on the scale of humanitarian efforts to assist the Iraqi people. But we found some notable issues to be virtually absent from coalition briefing activities, including two of the key justifications of the war – weapons of mass destruction (1.5%) and terrorism (1.7%).

These themes were consistently communicated across the period of the study and across the different briefing forums. This consistency reflected lessons from media operations in Kosovo and Afghanistan. However, the UK mounted a lower level of briefing activity than during the Kosovo crisis and the daily UK briefings present in that campaign were not replicated for Iraq. Despite formal mechanisms of coordination such as daily telephone conferences between coalition spokespersons, there were limits to the ability of such activities to produce uniformity. It was also recognized that intensive briefing activities could be counter-productive. In the Iraq conflict, one message expressed in press conferences on both sides of the Atlantic in the early days of the war that reflected ideas of how the news management effort should be run was a refusal to provide 'a running commentary on events'.

The limits of the news management process can be seen in the differing emphases between UK and US. Although *battle/strategy* was the leading subject, *reconstruction* accounted for 14.1% of subjects in the UK but only 6.8% in the US. UK briefers also showed a much greater level of concern with the media coverage of the war (7.5% as against 3% in the US). In more qualitative terms then, the US was engaged in a war for national security while the UK was fighting for international security. It was the British

who were most strongly committed to UN authorization of military action and when the war began without a second resolution, journalists used this as a way to generate stories, while briefers, particularly at 10 Downing Street, sought to give emphasis to ways in which international legitimacy could be restored. Evidence for tensions within the news management organization comes from discussions with those involved in the process.

It is also clear that the ability of the news managers was challenged by the day to day unfolding of events. The main tactic that was used to deal with these was to relate them to the broader themes. The success of the news managers in doing this varied in response to events and was limited by the attitude of journalists. The analysis of interviews and press conferences showed a relatively high proportion of questions challenging the coalition's versions of events. Within the Downing Street press briefings, 19% of questions suggested scepticism about official framings while 4% put forward alternative framings. A sceptical question was taken to be one which raises issues of consistency between official statements and other reports. An alternative framing was one that rejected the official frame (e.g. expressing the view that the war was motivated by access to oil). However, 76% of questions were coded as 'straight' requests for information and 1.1% as supportive. In contrast, questions in CENTCOM Briefings were coded at 34% alternative, 18% sceptical, 46% straight and 0.8% supportive. This stems from the fact that CENTCOM briefings were open to a broader range of journalists including the Arab media, who rejected the coalition frame.

Overall, this section of the study suggests that the coalition were largely successful in communicating a consistent set of themes across the period of the study but that these themes were greeted with a degree of scepticism by journalists even as the media reported in a way that largely reproduced the coalition agenda.

### *Media-state Dynamics*

Drawing together the two analyses, we can assess the dynamics between government and media during the war. The coalition was clearly the most successful actor, both in securing access to media and in gaining airtime for extensive direct quotation, so coverage of the war was narrated largely through the voice of the coalition with much less attention given to other actors. Measuring the balance of reinforcing versus deflating commentary, only the Iraqi authorities stood out as receiving negative treatment from the UK media. In respect of *battle*, the dominant subject area, the news agenda was largely consistent with the coalition briefing strategy. Here 40% of coalition briefings focused on this subject and 50% of media coverage. Moreover, media coverage was largely positive and only rarely critical of the coalition's military operations. At the aggregate level then, UK media coverage tended to reflect the coalition perspective regarding the course of the military campaign. An effect of this focus on the detail of battle progress was that subjects which might have been reported more critically were effectively 'crowded out' of the coverage. Overall, the consistency between media output and the government line suggests that factors such as reliance upon elite sources, patriotism and news values rooted in episodic coverage continue to be important in shaping the broad contours of war-time coverage.

A more adversarial role can be identified in relation to the specific subject areas of *civilian casualties*, *military casualties*, *humanitarian operations* and the issue of *law and order* in Iraq. Although a considerable amount of coalition briefings were



orientated toward these issue areas, coverage was more often critical of the coalition than supportive and here we have the most extensive evidence of an independent media operating as a challenger to official narratives. In particular, whereas the coalition sought to promote humanitarian operations in 9.1% of briefings and the issue of reconstruction in 9.4% of briefings, media coverage tended to downplay these issues (less than 5% of media coverage) and, when actually covering them, did so in a fashion that undermined the coalition line. Here the limits of government influence over media are highlighted, as uncontrolled events, such as civilian deaths, led to adversarial coverage. Two important qualifications need to be made, however. Firstly, these subject areas represent a relatively small proportion of overall coverage which, in the main, played positively for the coalition. Second, such critical reporting relates primarily to procedural matters such as the need to provide adequate humanitarian relief to civilians. Examination of substantive criticism about the justifications for war (humanitarian, WMD, 'war on terror') reveals greater success for the coalition.

Regarding these justifications, coalition briefings rarely mentioned WMD and 'war on terror' (less than 2%) but coverage in the main served to reinforce the official line, although 'war on terror' was the most sceptically treated. Combined with the lack of media attention to the subject of *rationale*, this suggests that once the war started debate over the reasons for war was not only granted less importance, but also that the general tendency was to accept the official explanations. A central coalition theme, promoting the moral case for war in Iraq to replace dictatorship with democracy, was largely accepted by media. As noted above, the second largest area of attention within briefings (9%) related to the theme of building a better Iraq. Hence, although the practicalities of supplying humanitarian aid were predominantly criticised, the broader humanitarian rationale was accepted and/or promoted by media. At a broad ideological level, then, it would appear that the humanitarian warfare narrative, promoted by the Blair government since the 1999 Kosovo campaign, functioned to limit the extent of media autonomy towards the conflict as the ideology of anti-communism did throughout the Cold War years.

Finally, we are continuing detailed analysis of a series of case studies that have been identified from time-series data drawn from our initial research and which indicate points of successful coalition media management or points of heavily critical media coverage. These include the decline of pre-war media debate over justifications for the war and the shift away from supportive coverage once Baghdad had fallen, one instance each of civilian and military casualties, and coalition media-management operations in relation to the 'Basra uprising' and the rescue of Jessica Lynch. Our initial findings indicate a powerful rally effect as media starts to cover the combat operations, reflecting a broader norm influencing media coverage about the need to support British troops in action. The instances of bad news (civilian and military casualties) highlight the negative impact, from a coalition perspective, of unexpected events, although the time series data indicates that these are relatively short-lived and rapidly give way to more positive coalition orientated stories. Finally, the 'Basra uprising' and Jessica Lynch examples are cases of successful media management on the part of the coalition. These case studies are on-going and, in particular, we are conducting further interviews in order to establish precisely how these events unfolded and why they had the impact that they did.

## **Activities**

To date, three conference papers derived from the project have been delivered, discussing in turn media treatment of the UK anti-war movement, UK television news coverage of the war and the rationale of coalition news management during the war (see **Outputs** for details). A series of workshops are currently being arranged for Autumn 2006 to enable further dissemination and discussion of results with UK military, government officials and journalists.

## **Outputs**

So far our research has given rise to a review article and three conference papers:

- 1) Piers Robinson, Robin Brown, Peter Goddard and Katy Parry, 'War and Media' (review article), *Media Culture and Society*. November 2005, 27(6): pp. 951-959.
- 2) Katy Parry and Craig Murray, 'Reporting dissent in wartime: UK media, the anti-war movement and the 2003 Iraq War', British International Studies Association conference, University of St Andrews, 19-21 December 2005.
- 3) Piers Robinson and Peter Goddard, 'Measuring media autonomy in wartime: an analysis of UK TV news coverage during the 2003 Iraq war', International Studies Association annual convention, Town & Country Resort and Convention Center, San Diego, USA, 22-25 March 2006.
- 4) Robin Brown, 'Guarding the watchdogs: Coalition news management and UK media coverage of the invasion of Iraq', International Studies Association annual convention, 2006 (as above).

The papers by Parry and Murray and by Robinson and Goddard form the basis of two research articles currently being prepared for submission in June to leading international journals. We will be approaching Cambridge University Press (Bennett and Entman series on political communication) during summer 2006 regarding a 100,000 word research monograph based on the project.

## **Impacts**

Our research has been distributed to and discussed with leading academics in the field, including Daniel Hallin, Scott Althaus and Gadi Wolfsfeld. Each has commented positively upon our media analysis. Hallin described the work as 'creative and rigorous' whilst Althaus commented that it was 'one of the most impressive content analyses of war coverage [he had] ever seen'. We therefore have great confidence in the ability of our study to function as a baseline for further comparative work and as a key reference point for debates about media and war.

Our research has also been discussed with a variety of military groups including:

The Canadian Defence Forces Colloque, Fort St.Jean, Montreal, Canadian National Defence Headquarters, Ottawa, NATO School, Oberammergau, Germany, XVIIth

Annual NATO Joint Senior Psychological Operations Conference, Hurlburt Field, Florida (Joint Special Operations University), NATO Allied Reaction Corps HQ's Media Study Day, Monchengladbach, Germany, National Defence College, Stockholm, NATO Bi Strategic Command PSYOPS Conference, Bratislava, Slovak Republic.

As noted under **Activities**, we are arranging workshops to enable further dissemination and discussion of results with UK military, government officials and journalists.

### **Future Research Priorities**

Our datasets (TV news, newspapers, coalition briefings) are data-rich and we will continue to interrogate them further. Different sections of the research team will develop a variety of 'spin-off' analyses. The Parry and Murray paper (see **Outputs**) is an initial example of this. In particular, we will examine more closely data relating to inter-channel variations, new technology and the use of embedded reporters.

More generally, we are developing the research in three principal ways. First, our codebook was devised in conjunction with an equivalent study conducted in the US by Sean Aday et al and we can explore ways of comparing US and UK coverage of the war. Second, the research design can be developed through extending our analysis to examine media performance during the build-up to war in Iraq or in the period following the military campaign. Before the war, a crucial question concerns the extent to which there was full and open debate over the rationale and justification for war. Research examining post-conflict coverage could illuminate whether and when a more adversarial and questioning stance than the one found in this study came to be adopted in the media. Third, the theoretical framework and methodology employed in this study can be applied retrospectively to earlier conflicts as well as to future ones. Research along these lines will help to build a more complete empirical and theoretical account of wartime media-state relations, able to illuminate how technological advances, shifting geopolitical landscapes and strengthened government media-management operations affect levels of media autonomy.

## TRANSCRIÇÃO EXEMPLO I

Imagens ao vivo de Bagdá! Nove horas da noite. Começou realmente a maior ofensiva aérea à capital do Iraque. Bombas explodem na capital iraquiana... as baterias antiaéreas tentam se defender, interceptar esses ataques, ataques que estão sendo feitos – além de mísseis Tomahawk – com bombardeiros B52. Você vê aí, a fumaça tomando conta do céu de Bagdá... explosões muito fortes começaram a ser ouvidas, o ataque começou há, aproximadamente, uma hora. Mas a parte mais intensa (sobe som de explosão) você vê aí, fortíssimas explosões, fogo fazendo rolos de fumaça... e a gente começa a já ouvir barulhos das explosões das baterias antiaéreas. Até agora não se tinha visto, realmente, um ataque tão forte (sobe som de explosão). Estas são imagens ao vivo! Nove horas e um minuto em Bagdá (sobe som de explosões). O Pentágono já tinha aviso que hoje era “O Dia”, como estavam dizendo. Todas as batalhas anteriores teriam sido preparatórias para este momento (sobe som de explosão). Os alvos principais teriam sido centros de comando, controle e de defesa antiaérea. Atacar estes pontos (sobe som de explosões... silêncio). Ataques por toda a cidade... na região central... muita fumaça...quase que encobrindo completamente as luzes, os flashes das baterias antiaéreas... a gente ainda consegue ver um pouquinho no canto direito do vídeo (sobe som de explosões). Doze mísseis estariam, neste momento, a caminho do Palácio de Saddam Hussein, o ditador iraquiano Saddam Hussein. (sobe som de explosões). Em nenhum momento nestes três dias de ataque tinha-se ouvido ou se visto um ataque tão potente, tão forte. (sobe som de explosões). Novas explosões, incêndios, e o interessante é observar que apesar deste bombardeio tão intenso a capital do Iraque, Bagdá, continua com energia elétrica (sobe som de explosões). Este ataque já está sendo considera muito maior que qualquer outro ataque à capital, Bagdá, durante a Primeira Guerra do Golfo, há 12 anos. (sobe som de explosões). Os prédios do Ministério da Defesa, das Relações Exteriores... e do Planejamento, tinham sido atingidos nos bombardeios... Ele recomeçou por volta de duas horas, duas horas e 15... mas o momento mais forte, mais intenso, é exatamente este que a gente está acompanhando agora com imagem da tevê árabe. (entrada da tarja: 12 mísseis contra os palácios de Saddam Hussein) Nos estamos aí vendo que 12 mísseis contra os palácios de Saddam Hussein foram disparados segundo a NBC, a rede de tevê americana. O principal palácio do presidente iraquiano foi completamente destruído neste ataque de agora, neste bombardeio novamente destruído. Você vê as imagens da destruição de prédios da capital Bagdá (sobe som de explosões). (entrada da tarja: a maior ofensiva aliada contra o Iraque). E aí você acompanha imagens e o som desta maior ofensiva das tropas aliadas contra o Iraque, neste terceiro dia de guerra. (sobe som de explosões). (início da narração em inglês: destroy the infrastructure... our plans... the lights are still on...) (volta Fátima Bernardes) Você acompanha este novo ataque... até ontem era 12 mísseis, e hoje, só neste ataque de praticamente uma hora são 50 mísseis Cruise atingindo a capital Bagdá. Uma explosão fortíssima, o ataque realmente vem crescendo... no primeiro dia 40 mísseis atacaram a capital, ontem 72 mísseis e hoje, nesta primeira batalha mais intensa, está durando praticamente uma hora, 50 mísseis já foram disparados em direção a Bagdá... 12 deles tinham como alvo o palácio, o complexo de palácios do presidente iraquiano Saddam Hussein, que teria tido seu principal palácio completamente destruído. Você acompanha aí os incêndios... Imagens ao vivo, nove horas e 10 minutos da noite no Iraque.

## TRANSCRIÇÃO EXEMPLO II

**Paulo Markun:** Boa noite. O **Roda Viva** faz, esta noite, um programa especial sobre a guerra no Iraque, onde o conflito entrou numa fase militar complicada, com os americanos enfrentando as primeiras baixas, hoje, em confronto com os guerrilheiros iraquianos. O conflito se complica também na área política e na área econômica. O presidente Bush [George W. Bush] pediu ao Congresso mais 75 bilhões de dólares para manter a guerra, que está se estendendo e chegando cada vez a custos maiores. Hoje, também, a Casa Branca acusou empresas russas de terem vendido ao Iraque dispositivos de guerra que embaralham as comunicações por satélite e desorientam os mísseis lançados pelos americanos. A Rússia desmentiu a informação e pediu ao Conselho de Segurança da ONU [Organização das Nações Unidas] uma reunião para analisar o conflito. Nesse quadro de tensões que a guerra traz para o mundo o **Roda Viva** coloca em debate o porquê e as conseqüências desse conflito. Trouxemos para o centro do programa um convidado especial, uma figura simbólica, que parece estar com seu sentido esvaziado e, talvez por isso, correndo o risco de sobreviver só no desenho do genial Pablo Picasso [1881-1973, espanhol considerado um dos mais importantes artistas do século XX em diversas áreas como: pintura, escultura, artes gráficas e cerâmica. Foi intenso também na vida amorosa, política e social, destacando-se pelo comportamento e opiniões revolucionários e pelas posições contrárias à tirania e ao totalitarismo]. É a paz, que, nas últimas décadas, cresceu como uma crença possível e que parece, agora, se afastar dos nossos projetos futuros, nesse conflito que, em pouco mais de uma década, marca a segunda guerra dos Estados Unidos contra o Iraque.

**Comentarista:** Há pouco mais de doze anos [guerra do Golfo - 1991], o mundo assistiu via satélite a primeira guerra transmitida ao vivo pela Tv. Vista até como espetáculo por quem estava longe e como um show tecnológico por quem se admirava com tanta modernidade bélica, as imagens traziam, em sua realidade cruel, um alerta: acontecia ali, o pior conflito já registrado depois da Guerra Fria. George Bush, que presidia os Estados Unidos, decidiu atacar o Iraque com a ajuda da Inglaterra, Arábia Saudita e Kuwait em 17 de janeiro de 1991. Era a data limite da ONU para que o exército de Saddam Hussein desocupasse o vizinho Kuwait, invadido cinco meses antes. O ditador iraquiano acusava o pequeno emirado de ter baixado os preços do petróleo, prejudicando o Iraque, segundo maior produtor do mundo. E, com a invasão, Saddam Hussein ampliaria seus domínios nos campos petrolíferos da região, além de abrir um acesso direto ao Golfo Pérsico. A guerra foi rápida. Após seis meses de intensos bombardeios e uma forte ofensiva de quatro dias por terra, veio a rendição do Iraque. As conseqüências foram pesadas, talvez 150 mil ou 200 mil mortos, não se sabe direito até hoje. O prejuízo ambiental teve a proporção de um desastre ecológico. Grandes derramamentos de óleo no Golfo e centenas de poços de petróleo incendiados durante a retirada dos iraquianos. Fogo e fumaça tomaram conta da região durante meses. Para o Iraque, o conflito ainda resultou numa dura recessão. O embargo econômico da ONU, para forçar o desarmamento de Saddam piorou ainda mais a vida da população iraquiana. A maioria passou a depender de ajuda humanitária para sobreviver. Só não piorou tanto para o próprio Saddam Hussein, que se manteve no poder, embora cada vez mais isolado da comunidade internacional e tendo de enfrentar disputas internas em seu governo. Sob sanções comerciais e obrigado a abrir suas instalações militares aos inspetores de armas, Saddam Hussein nunca se entendeu com a ONU ao longo dos anos de 1990. A comissão, criada para destruir os arsenais iraquianos, acusou o ditador, em 1996, de ter armas biológicas e mísseis suficientes para explodir alvos em Israel. Bagdá

desmentiu. Inspetores americanos que estavam no Iraque foram chamados de espões por Saddam Hussein e expulsos do país, criando uma nova crise. Bill Clinton, envolvido em um escândalo sexual na época, chegou a dizer que bombardearia o Iraque se Bagdá não colaborasse nas inspeções. Houve uma nova mobilização militar, com bombardeios constantes na zona de exclusão aérea, criada pelos Estados Unidos. O clima de tensão se manteve rotineiro mais cinco anos, até o dia em que a América foi ferida pelo maior atentado terrorista da história. Os Estados Unidos, após declararem guerra ao terrorismo global, atacaram o Afeganistão, em busca de Osama bin Laden, líder da rede terrorista Al Qaeda e apontado pelo Pentágono como responsável pelos atentados nos Estados Unidos. A ação derrubou o regime extremista talibã, mas não encontrou Bin Laden. Convencido de que o Iraque é um dos países que podem fornecer armas de destruição em massa a grupos terroristas, o presidente George W. Bush começou a articular, em 2002, uma ação para desarmar e tirar Saddam Hussein do poder. No final do ano passado [2002], o conselho de segurança da ONU aprovou uma resolução, uma última oportunidade para eliminar seus armamentos. Saddam Hussein recusou e depois aceitou. Inspetores voltaram ao Iraque em busca de armas de destruição em massa. Nas primeiras buscas, disseram não ter encontrado provas e pediram mais tempo. O governo americano disse que não havia mais tempo e pediu nova resolução à ONU autorizando nova ação militar. França, Rússia e Alemanha foram contra. George W. Bush, em discurso pela televisão, anunciou ter perdido a paciência com esforços diplomáticos e que partiria para a ação, com ou sem respaldo da ONU o Iraque não se desarmasse pacificamente. Um possível enfraquecimento da ONU passou a ser motivo de preocupação internacional. Mesmo assim, o presidente americano deu seu ultimato a Saddam Hussein: abandonar o Iraque, em 48 horas, com seus filhos e auxiliares diretos ou enfrentar a guerra. O ultimato foi ironizado em Bagdá, primeira cidade a receber as novas bombas da nova guerra, iniciada sem a aprovação da ONU e sob protestos no mundo inteiro. Civis iraquianos, uma vez mais, já fugiam em busca de refúgio, sem rumo certo e sem dinheiro para estocar água e gasolina, que tiveram grandes altas de preço. Os americanos, uma vez mais, já aumentavam a preocupação com o novo perigo criado pela guerra. Mais atentados terroristas, não se sabe onde nem quando tido como provável resposta ao ataque liderado pelos Estados Unidos contra o Iraque.

**Paulo Markun:** Para o debate desta noite nós convidamos um grupo de estudiosos que têm se dedicado a questões internacionais e em especial à política externa norte-americana e ao Oriente Médio, começando por Vicente Adorno, editor internacional da TV Cultura; participa também do programa José Carlos Flávio Saraiva, diretor de assuntos internacionais da Universidade de Brasília e diretor geral do IBRI - Instituto Brasileiro de Relações Internacionais; está conosco Eduardo Viola, professor titular de relações internacionais da Universidade de Brasília e professor visitante das universidades de Stanford, Notre Dame, Colorado e Amsterdã; Geraldo Forbes, diretor da Prospectiva Consultoria Brasileira de Assuntos Internacionais e integrante do GACINE - Grupo de Análises de Conjuntura Internacional da Universidade São Paulo; Cristina Pecequilo, doutora em ciência política pela Universidade de São Paulo e pesquisadora associada do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais e Integração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; João Roberto Martins Filho, cientista político e especialista do Núcleo de Estudos das Forças Armadas da Universidade Federal de São Carlos e Antonio Carlos Peixoto, cientista político e professor de ciência política e relações internacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O **Roda Viva**, você sabe, é transmitido em rede nacional para todos os estados brasileiros e também para Brasília, pela rede pública de televisão. Bom, neste primeiro bloco, a gente

combinou aqui de tentar dividir este assunto tão complexo em três sub-temas, e eu gostaria de colocar em discussão as razões desse conflito, o que está por trás da intervenção militar? É o petróleo, é a bonança econômica que poderá vir com a reconstrução, que agora está sendo já tramada, em função da destruição que ainda não aconteceu totalmente? Quais são as questões políticas, ou geopolíticas que participam da motivação desse conflito? Por exemplo, o ex-presidente Fernando Henrique [Cardoso] acha que o conflito não é econômico, é político. Eu queria colocar em discussão isso usando uma expressão um pouco mais pragmática, da qual eu sempre me lembro, que é uma entrevista que fizeram com o Nelson Piquet, quando ele era ainda um grande ás do automobilismo brasileiro, um jornalista muito divertido, que é o Marcelo Tas [jornalista], que fazia um personagem, perguntou: "Piquet, atrás do quê você corre"? E ele respondeu: "da grana, meu amigo"! Então, eu queria saber atrás do quê as pessoas correm? No fim das contas, o que é que motiva, em última instância, esse conflito? Estou dando um mínimo de deferência para a nossa Cristina, queria começar por ela.

**Cristina Pecequilo:** Bom, em primeiro lugar, boa noite, estou bastante satisfeita de estar aqui e de poder participar deste programa. Eu diria a vocês que as motivações do conflito são múltiplas. Elas vão desde o ponto de vista econômico até o ponto de vista político e também o ponto de vista estratégico. Estrategicamente falando, os Estados Unidos têm essa guerra de Iraque como uma primeira das suas guerras preventivas. Então, é um marco da política externa norte-americana e por que não dizer também das relações internacionais. Então, eu diria que o petróleo certamente está envolvido, a questão da recuperação da economia americana está envolvida, mas que, no fundo, no fundo, é uma nova forma de hegemonia que os republicanos estão querendo colocar. E a partir disso a gente pode observar uma preocupação dos Estados Unidos em exercer de forma cada vez mais unilateral. Então, eu acho que é também uma demonstração de força nessa nova fase da hegemonia no século XXI, interpretada pela presidência Bush. Hegemonia como força e agressividade.

**José Flávio Saraiva:** Acompanho essa linha de raciocínio da Cristina, apenas agregando ou propondo, do ponto de vista analítico, que essa conjugação de causalidades da guerra ou da invasão americano-britânica do Iraque, talvez seja até mais apropriado, quer dizer, a dimensão geopolítica ou a dimensão da nova estratégia americana não está separada [gesticulando] da dimensão econômica da guerra. Quer dizer, há uma hibridação desses dois elementos, o que torna inteligível a guerra, quer dizer, há uma questão de suprimento de petróleo de longo prazo, que está evidentemente associada ao projeto estratégico norte-americano, que está a definir o Oriente Próximo [inclui a Síria, o Líbano, a Palestina e o Iraque] como uma área absolutamente necessária a um projeto de afirmação internacional, exercício hegemônico, em transformações das relações internacionais em curso. Quer dizer, me parece que esses dois eixos e não um em detrimento do outro dão, em certa medida, uma dimensão, me parece, essencial a sugerir as razões essenciais do conflito.

**Eduardo Viola:** Eu gostaria de colocar que, na minha opinião, a causa fundamental do conflito tem a ver com a proliferação das armas de destruição em massa. Neste sentido, essa guerra é herdeira da Segunda Guerra Mundial, do modo como terminou a Segunda Guerra Mundial. E, a questão fundamental, é que hoje para os Estados Unidos existem quatro ameaças de primeira magnitude, que são: o radicalismo islâmico sunita, cujo principal coração é a rede Al-Qaeda, o radicalismo islâmico xiita, com base no clero

radical de Irã e outros grupos guerrilheiros como o Hezbollah, no sul do Líbano e o comunismo norte-coreano e o fascismo que tem uma vertente, a mais agressiva, do ponto de vista americana, no Iraque. Essas são as ameaças de primeira magnitude, existem outras também, de segunda e de terceira magnitude. O ponto importante é que, frente a essas ameaças, a percepção americana é que só é possível lidar com elas preventivamente. E isso tem a ver com a questão da combinação entre rede de terrorismo global, guerra simétrica e armas de destruição em massa. Uma questão fundamental do fim da Guerra Fria [1991], do colapso do comunismo na União Soviética, da desintegração da União Soviética, é a proliferação de armas de destruição em massa, de materiais e de *know-how* sobre armas de destruição em massa. Essa questão foi mal abordada pela administração Clinton e isso gerou um estado de proliferação que, neste momento, é fundamental não apenas para os Estados Unidos, e nisso eu quero salientar que há uma distorção importante na imprensa, em toda a imprensa predominante do Brasil, na percepção de que são apenas os Estados Unidos que estão na guerra. Porque é realmente uma coalizão anglo-americana e está apoiada por outros países, claramente os casos de Austrália, Polônia, Espanha... Há defasagem entre opiniões públicas e governos? Há, mas não é uma guerra americana, é uma guerra de coalizão hegemônica, liderada pelos Estados Unidos e em função dessa ameaça, essas quatro ameaças sofridas pelos Estados Unidos são partilhadas, com graus diferentes de intensidade, pelos outros países que compõem essa coalizão do voluntarioso.

**Geraldo Forbes:** Bem, eu acho que há razões ostensivas e razões ocultas para o conflito. As razões ostensivas foram as razões apresentadas nesse prefácio que nós vimos aí, nesse clipe, mas há também as razões ocultas, as razões, como o professor Siqueira falou, o professor Saraiva disse, as razões políticas, de estratégia e de economia. Mas é preciso conhecer também a história, um pouco da história do grupo hoje dominante no pensamento político do atual governo. Esse grupo que pode se dizer que é comandado pelo professor Paul Wolfowitz que é o número 2 do secretário de defesa Rumsfeld [Donald Rumsfeld], vem há anos propondo que os Estados Unidos estabeleçam os seus direitos sem... e respectivamente do que possam pensar países menores, isto é, a soberania passa a ter limites, ela não pode ser uma soberania que possa até, amanhã, vir a trabalhar com os Estados Unidos. Se você precisar intervir, ele vai intervir, isso foi muito claramente exposto durante esses dez anos, porque essa teoria vem de lá de trás, de 1992. Havia um *paper* do Wolfowitz, na época, que propunha, eu leio aqui, exatamente: "todos os competidores potenciais não podem nem sequer aspirar a um papel maior regional ou global". Desde a posse do governo Bush, esse grupo, um grupo mais conservador, um grupo mais Falcão, vinha tentando vender essa idéia. Um dos elementos mais proeminentes do grupo, que é o professor Richard Pells [professor de história da universidade do Texas, EUA], falava ainda antes da posse, ele dizia, isso: "foi publicado, olha, a melhor coisa que pode nos acontecer é um incidente com o Iraque logo de cara, assim nós podemos ir lá e bombardear o Iraque". Isto não aconteceu logo de cara, mas aconteceu na tragédia de onze de setembro [série de ataques terroristas, em 2001, contra as torres do World Trade Center e o Pentágono, nos EUA], nove meses depois. É interessante notar que quatro dias depois, numa reunião ministerial, que compareceram submissos também, o Wolfowitz teve vitoriosa sua tese de que deveria tomar conta do Iraque, isto é, acabar de uma vez por todas com o problema do Iraque. Não havia nenhuma prova, como até hoje não há, apesar de todos os esforços, da ligação do Iraque com o atentado das torres gêmeas, nem com a Al-Qaeda, mas isso serviu de pretexto, como na velha fábula do lobo e do cordeiro, se bem



que o cordeiro, no caso, é uma ovelha das mais negras, isso serviu de pretexto, justificativa, para começar e pôr em marcha tudo o que está se vendo agora... são dezoito meses depois, esse conflito. Eu acho que nada pararia a marcha do conflito. Se o Saddam Hussein tivesse aberto todas as coisas [referindo-se a fabricação de armas de destruição em massa], entregue tudo, o conflito existiria. A prova, a indicação disso é que nos últimos dias, quando parecia que as inspeções [no Iraque, para verificar se as suposições americanas tinham fundamento. Nada foi encontrado no país] iriam dar certo, a tese americana mudou: "eu não quero mais só desarmamento, eu quero mudança de regime". Então, agora, por que isso? Quais são as razões? Qual é a verdadeira razão? Os Estados Unidos decidiram essa teoria, essa doutrina,: "nós precisamos ter uma presença nesse local tão conturbado. Essa presença é necessária para assegurar suprimentos". A questão não é se apossar de poços de petróleo, é assegurar o suprimento de petróleo e assegurar o transporte, rotas, de transporte de petróleo. É muito difícil, em caso de incidente, de revoltas, ou de golpes, nessa região tão deflagrada, intervir rapidamente. Então, os Estados Unidos decidiram: "a única forma de nós termos segurança, por tantos anos, pelo menos durante duas décadas teremos alto consumo de petróleo, é ter uma presença que nos assegure razoavelmente essa segurança".

**Antonio Carlos Peixoto:** Boa noite! [cruza os braços] Agradeço o convite. As razões de uma guerra raríssimamente são unívocas. Raramente elas obedecem a uma lógica unimatricial. Normalmente se dá entre um cruzamento de variáveis [cruza as mãos]. E exatamente em torno desse cruzamento que eu vou procurar expor meu pensamento. Existe uma questão do petróleo nessa guerra? Eu creio que existe. Existem interesses, os chamados *vasted interesses*, interesses estruturados, petrolíferos, principalmente texanos, que estão ligados a isso. Mas se não for ousadia demasiada da minha parte concordar com o ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, eu também diria que esta não é uma guerra que se trava por causa da questão do petróleo. [pausa] Apesar de que, eu insisto, há uma questão do petróleo aí. Há uma segunda questão, que me parece estar sendo freqüentemente esquecida, sempre que nós falamos da política exterior dos Estados Unidos e de uma postura de agressividade crescente que essa política tomou. É uma questão interna norte-americana, é uma reeleição ano que vem [2004]. E nós não podemos deixar de levar isso em conta. Bush não é os Estados Unidos sozinho. Bush foi um presidente que cresceu, que viu ampliada a sua base de apoio e o seu nível de legitimidade por causa da guerra. E Bush é um presidente que precisa da guerra. Sem a guerra, a mediocridade da política de gestão interna dos negócios americanos, sem dúvida alguma, colocará o Partido Republicano em dificuldades crescentes na eleição de 2004. A guerra é um combustível que alimenta possibilidades crescentes de uma reeleição do Bush. Existe também, no meu ponto de vista, um terceiro ponto, que já foi de alguma maneira afluído aqui, abordado aqui. E, nesse caso, razões que foram apontadas em alguma medida pelo professor Viola e em alguma medida se ligam à questão do petróleo e aí estão presentes. O ponto, qual é? A presença dos Estados Unidos no Oriente Médio, naquela área, repousa num sistema de alianças que é relativamente fluido e muito dependente também de deslocamentos de opinião pública. A chamada "voz das ruas" ou a "voz das esquinas". Os grandes aliados, quem são? Egito, Jordânia, Emirados e Arábia Saudita. São confiáveis? Até certo ponto. Até certo ponto. O estabelecimento de uma presença e de uma presença forte dos Estados Unidos no Iraque, seja qual for a forma como essa presença se dê, com protetorado ou qualquer outra modalidade, torna os Estados Unidos menos dependentes dessa rede de alianças cuja fluidez é indiscutível. Então, há uma questão que é

necessária, do ponto de vista do planejamento da política externa norte-americana. É preciso ele diminuir, eliminar inteiramente, eliminar inteiramente não ocorrerá. Mas, provocar uma diminuição da fluidez desse sistema de alianças. E ligado a isso há uma outra questão, que também não vem sendo evocada. A questão de Israel e a questão da guerra do Iraque vêm sendo tratadas separadamente, o que do meu ponto de vista é um equívoco. Não dá para separar isso não. Não dá para separar, porque qualquer que seja a modalidade da presença dos Estados Unidos dentro do Iraque, terá que ter necessariamente como contrapartida, uma garantia de que Israel funcionará como uma espécie de garantidor dessa mesma presença e de uma hegemonia dos Estados Unidos ali. Finalmente, há uma questão que já foi abordada aqui e que resume todas essas variáveis. O que existe na realidade é uma imposição da capacidade hegemônica dos Estados Unidos em termos mundiais. O que está sendo passado ali concretamente é o seguinte, em termos muito claros: o interesse nacional americano não se subordina mais a nenhuma forma de existência da ordem mundial multilateral. Os Estados Unidos vão passar por cima disso, quando e como bem entenderem sob as formas que bem entenderem. Isso eu acho que é uma questão central. Essa demonstração está sendo dada agora, neste momento. Agora, sem querer provocar polêmica, eu vou me permitir uma pequena discordância com relação a um ponto que eu considero relativamente secundário da intervenção do professor Viola. Esta coligação é uma coligação anglo-saxã. E uma coligação até limitada, porque o Canadá não concorda. E o senado australiano mandou que as tropas voltassem. Ou seja, são Estados Unidos e Grã-Bretanha. No fundo, no fundo, é isso. A Espanha? A Espanha não tem uma presença significativa no sistema internacional. Nem a Itália, que é um país bem mais forte, sob vários pontos de vista, que a Espanha, não tem sequer capacidade política interna de mobilizar o seu sistema militar, que é um sistema militar reconhecidamente fraco, para entrar nessa guerra. Então, eu acho que essa coligação é muito fraca. Militarmente, dada a presença americana, obviamente ela é muito poderosa, mas do ponto de vista político diplomático ela é uma coligação limitada, reduzida e fraca.

**João Roberto Martins Filho:** Bom, eu fiquei por último, vou colocar alguns ingredientes na receita que já está praticamente pronta. Em primeiro lugar, eu queria lembrar que no mandato do Bush pai [George H. W. Bush, ex-presidente dos EUA], a guerra foi feita no inverno de 91 e ele passou a ter no verão e no outono 90% de aprovação. E perdeu a eleição. Um dos poucos presidentes americanos que ficou apenas um mandato, um período. Perdeu a eleição porque ele não prestou atenção na economia. Quer dizer, a economia continua aí, por baixo, na questão da guerra. Mencionou-se, pelo menos na imprensa, a questão meio freudiana do Bush de ter feito a guerra contra o Saddam porque ele tentou matar papai, mas é interessante a gente notar aí que são correntes diferentes. Eu acho que o Bush tem mais a ver com o Reagan [Ronald Wilson Reagan, ex-presidente dos EUA. Faleceu em 2004] do que com o pai dele. Na verdade, acho que o pai dele está um pouco preocupado com os rumos que as coisas estão tomando. Em primeiro lugar, porque, embora a gente ache, confunda os dois, o Bush pai, ele era uma pessoa formada na Guerra Fria, que lutou na Segunda Guerra Mundial, não era texano, formado em Yale [universidade particular americana], ele era da elite do leste americano, o filho é que é um verdadeiro texano, e aí há uma série de implicações nessa caracterização, era um homem cauteloso, pragmático e profundamente voltado para uma postura americana de... internacionalista, não isolacionista e também *pro detend*. Tanto é que, é importante notar que a Rússia ajudou muito os Estados Unidos na primeira guerra, a guerra do Golfo [1991]. Desta vez, não. Então, quem primeiro falou de império do mal foi o Reagan. Quem está falando de eixo do mal agora é o Bush.

Quer dizer, não existe essa continuidade, o governo do pai era um governo mais centrista e isso é importante porque eu queria colocar uma coisa diferente. O que eu acho que, em termos estratégicos, está sendo colocado agora é uma postura ofensiva e agressiva de mudança do padrão estratégico americano. Neste sentido, é mais parecido, realmente, com o Reagan, pela importância que ele teve no final da Guerra Fria. Bom, agora evidente que essas idéias estavam aí. A gente, como historiador das idéias políticas, a gente pode encontrar as idéias bastante tempo atrás. O problema é que o Onze de Setembro deu uma causa que estava faltando a esse grupo. Que esse grupo era um grupo já articulado, ele tinha idéias, mas não tinha uma causa. Então, se vocês olharem em espanhol, na internet, acho que em português acho que não tem, o texto de estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos, ele começa com uma introdução, depois ele vai à visão geral da estratégia e em seguida ao discurso da dignidade humana e aí sim, fortalecer alianças para derrotar o terrorismo global. Tudo aqui é feito em nome da luta contra o terrorismo. E isso era uma coisa, ninguém podia prever. Por último, para discutir uma questão que foi colocada já pelo Viola, é a questão de que eu acho que a verdadeira... para a gente discutir, se for o caso, as confusões que existem aí nas posturas ditas fundamentalistas e muçulmanas é muito grande. Nós temos sunitas, xiitas, mas nós temos o varrabismo também. E me parece que tem muito mais a ver com essa corrente que surgiu no Egito, na Arábia Saudita, essa coisa do Onze de Setembro e do Bin Laden do que essa tradicional divisão do mundo muçulmano entre xiitas e sunitas. E, só para terminar, isso não tem nada a ver, o varrabismo, e o Bin Laden e a Al-Qaeda, nada a ver com o que ele chamou de fascismo... do Saddam Hussein. Esta é a parte mais fraca do discurso de justificação da guerra. As duas correntes são... basta dizer que o Saddam Hussein mandou prender e matar inúmeros líderes religiosos lá no Iraque. Então essa é minha primeira colocação.

**Vicente Adorno:** Eu tendo, mais ou menos, a concordar com a posição do professor Peixoto e do professor João Roberto. Mas vendo a matéria que o Sérgio de Castro preparou para dar início ao programa eu me lembrei de uma coisa: o primeiro presidente Bush dizia que estava se inaugurando uma nova ordem mundial e de fato já havia naquela época uma estratégia global mais ou menos parecida com esta que a gente está vendo hoje, só que por falta de oportunidade e também por culpa do que, não me lembro quem foi que apontou aqui, dos caprichos do eleitorado não foi adiante. Num segundo mandato do presidente Bush pai talvez houvesse a possibilidade de se concretizar esse plano inicial e ele já começar a deslanchar. Acontece que entrou uma administração democrata, mais preocupada com outros tipos de valores e também não ligada aos grupos econômicos que essa turma do Bush pai representava e que agora o Bush filho também representa. A gente não pode se esquecer que tanto George W. Bush, atual presidente, como o vice-presidente dele são figuras de extrema importância na indústria petrolífera. É claro que há essa coisa do petróleo no meio, que pode não ser um interesse imediato, inclusive se diz que vai ser preciso gastar muito dinheiro, coisa de 6 a 7 bilhões de dólares para reconstruir a indústria petrolífera do Iraque num primeiro momento e que ela só vai dar lucro num período de cinco a seis anos, talvez. Quer dizer, do ponto de vista econômico é até uma aventura um pouco arriscada, pois as situações nessa região mudam muito rapidamente. Então, essa nova ordem mundial foi retomada agora e também eu concordo com essa tese de que o Bush filho está mais parecido com o presidente Reagan do que com o Bush pai. Ele é um pouco mais avançado nessas idéias de dominação dos Estados Unidos do que o pai mesmo. E é interessante que além dele recuperar essa coisa, primeiro do império do mal e depois do eixo do mal, eu me lembro que o presidente Reagan não gostava quando alguém se

referia a um plano que ele elaborou, que ele chamava de iniciativa de defesa estratégica, e todo mundo, meio jocosamente, passou a chamar de "Guerra nas Estrelas" [nome de uma série de filmes americanos], porque era uma coisa extremamente custosa e ninguém sabia se iria funcionar direito. Durante a campanha eleitoral, o Bush filho começou também a falar de uma coisa extremamente parecida. Eu não me lembro que nome exatamente ele deu a isso. Talvez ele tenha lembrado que na época do Reagan fizeram essa brincadeira de Guerra nas Estrelas e ele ficou um pouco quieto. Mas ele também apresentou um programa - também de extremo custo - de instalar um sofisticadíssimo sistema de defesa no espaço e para isso também a concessão de verbas bilionárias para a construção de uma estação orbital, que continua em andamento. Mas aí aconteceu uma coisa que eu acho que tem até uma certa ironia histórica. Enquanto todo mundo estava esperando um formidável ataque, com mísseis balísticos, como no tempo da Guerra Fria, simplesmente os terroristas usaram dois aviões de carreira, até meio prosaicos, e derrubaram as duas torres. Então, nesse momento, houve a possibilidade de se concretizar uma retomada dessa visão de domínio global, exatamente porque, como já foi assinalado aqui, o presidente em exercício precisava de alguma coisa para se afirmar, afinal, ele foi eleito de uma maneira um tanto suspeita, para dizer o mínimo. Inclusive ontem, na festa do Oscar um dos ganhadores disse: "nós temos eleições de ficção, que produziram um presidente de ficção, só que ele vai mandar a gente para uma guerra de verdade, por motivos de ficção, que só a ele interessam". Então, acho que, no momento atual, não há mais como disfarçar essa visão de que os Estados Unidos são hoje, realmente, a polícia do mundo e que vão exercer esse papel, não importa como, como já salientou o professor Peixoto, e daqui para frente talvez a gente tenha que prestar a atenção numa paródia que fez um comentarista da revista alemã *Der Spiegel*. Ele se lembrou que, muito tempo atrás, Karl Marx dizia: "operários do mundo uni-vos". Ele disse o seguinte: governos de todos os países armai-vos. Porque daqui para frente volta aquela política do tempo de Theodore Roosevelt [ex-presidente dos EUA]: "fale macio, mas sempre com um grande porrete na mão".

**Paulo Markun:** Bem, nós vamos fazer um intervalo, na verdade o que deveria ser a primeira rodada de discussão acabou ocupando o primeiro bloco inteiro, mas, creio eu, que com consistentes observações dessa primeira questão e nós voltamos logo após o intervalo com esse **Roda Viva** especial. Até já.

[intervalo]

**Paulo Markun:** Bem, estamos de volta com o **Roda Viva** especial desta noite, que é um debate sobre a guerra do Iraque, com uma bancada de estudiosos e jornalistas especialmente formada para esta discussão. Vamos agora para a redação da TV Cultura, onde está o companheiro Celso Zucatelli, que tem mais informações.

**Celso Zucatelli:** entra com um boletim sobre o andamento da guerra e a iminente queda de Bagdá. Zucatelli fala sobre uma nova investida norte-americana, fala sobre o aumento do número de mortos, mostra imagens ao vivo da guerra, do esquema tático e do avanço dos Estados Unidos das tropas aliadas.

**Paulo Markun:** Nesse bloco aqui nós vamos discutir um pouco a questão do multilateralismo e o possível fim desse multilateralismo. Como é que vão se reorganizar a comunidade internacional, a ONU, a Comunidade Européia? Qual é a nova ordem mundial que está surgindo e que peso vão ter nelas, de um lado a doutrina Bush e de

outro o anti-americanismo que vem se verificando no mundo. É isso que nós vamos ver nesse VT.

### [exibição de vídeo sobre o assunto]

**Paulo Markun:** A pergunta que eu queria colocar em discussão para a gente avançar nessa direção é a seguinte: "ok, o Michael Moore reclama, pacifistas do mundo inteiro se organizam, as Nações Unidas falam que não é por aí, mas o fato real é que nada disso impediu que os Estados Unidos invadissem o Iraque e avançassem em direção a Bagdá". Há uma extensa cobertura da mídia que discute. Nós estamos aqui debatendo, o presidente Bush com certeza não está assistindo o nosso debate, mas mesmo que estivesse não ia mudar. O que fica na discussão é o seguinte: " tá bom, aonde, ou como serão resolvidos esses conflitos ou essas divergências daqui para frente"? A palavra está em aberto.

**José Flávio Saraiva:** Eu creio que é preciso buscar o pano de fundo de tudo isso. Quer dizer, há uma mudança importante, paradigmática, que é um termo que se usa eventualmente, nas relações internacionais. Ela advém do fim da Guerra Fria e ela adquire conotações em diferentes campos, com diferentes características. Uma primeira que se identifica é claramente uma regressão conceitual do sistema internacional a uma fase mais hobbesiana, auto-destrutiva, com formas normativas construtivas, quer dizer, é uma possível abstração a se tomar das crises que vêm desde a primeira guerra do Golfo aos dias de hoje. As conquistas conceituais para regular a ordem internacional nos anos 1990, todas foram jogadas ao lixo, diante da segunda característica que é notável nessa transformação dos paradigmas das relações internacionais dos anos 1990, que é o unilateralismo versus o multilateralismo. O que não significa, esse é o terceiro aspecto, como alguns às vezes anunciaram, o fim do sistema das Nações Unidas, sistema esse responsável pela manutenção jurídica, moral e política do multilateralismo. Muito ao contrário. E essa é uma quarta possibilidade de discussão desse assunto. Esse multilateralismo esgarçado, ante à fortaleza do império, da nova capacidade imperial do tipo romana no seu auge, dos Estados Unidos, terá uma contenção natural, porque todo império perecerá, como as teorias lembram, todo império sobe e desce, como tantos autores abordaram, que compõem, talvez, uma das poucas generalizações acerca das relações internacionais, que é a construção de um novo equilíbrio de poder no mundo. Eu creio que a inteligência francesa e essa espécie de renascimento europeu nas relações internacionais ao insistirem numa posição de racionalidade e a certa aproximação dessas posições aos interesses e as visões da Rússia e da China, estabelecem uma nova possibilidade nas relações internacionais entre a força imperial declinante, como lembra Emanuel Tob, é um império em declínio e há elementos de verificação desse declínio ante a possibilidade transacional em algumas décadas de uma nova esfera de poder internacional que poderá reequilibrar aquilo que em algum momento foi um outro sistema de ordem. Então, eu acho que essas questões são importantes... a discussão de um público como o nosso, brasileiro, que está muito bombardeado, com muitas informações e muitas vezes análises muito superficiais que não buscam essas categorias estruturais da transição da ordem internacional, que é um debate importante.

**Eduardo Viola:** Eu queria discordar de você da idéia de um império em declínio. Eu acho que é totalmente o contrário. É um império em ascensão, que ainda não chegou ao seu apogeu, provavelmente. Se nós vemos o dinamismo da economia americana, a capacidade de atrair talentos de todo o mundo, a capacidade de inovação tecnológica e a

vinculação entre essa capacidade de inovação tecnológica e a produção de uma máquina militar poderosíssima, nós vamos encontrar aqui... o que há é uma situação onde a unipolaridade é estrutural. E este unilateralismo na área de segurança, porque é importante diferenciar que unilateralismo agora se consolida, mas na área de segurança, não na área econômica, ou na área de direitos humanos ou meio ambiente, por exemplo. Essas áreas continuarão sendo multilaterais. A área de segurança *hard* não, a área da segurança, que tem a ver com armas de destruição em massa, essa área sim tende a ser unilateral derivada da unipolaridade do sistema. Porém, essa unilateralidade é uma unilateralidade mais complexa que plenamente americana e aí seria mais anglo-saxônica. Por quê? Porque a Grã-Bretanha é um país muito dinâmico economicamente e muito poderoso militarmente, o único país, tirando os Estados Unidos, capaz de projetar poder mundial. De estrutura de Forças Armadas, capaz de projetar poder mundial. Então, o que acontece? Nós temos os republicanos e de outro lado nós temos os democratas, que estão próximos do *mainstream* britânico, por mais que exista claramente um plano dos neoconservadores e tudo o mais, que é um plano extremadamente americano, digamos, ou seja, onde o resto do mundo praticamente vai seguir as ordens dos Estados Unidos, existe uma outra força dentro deste pólo anglo-saxônico, que está constituída pelo *mainstream* britânico, que Blair representa muito bem hoje e os democratas americanos. Estados Unidos continuam sendo uma brilhante democracia e isso não mudou em absoluto. E, neste sentido, o comportamento desse pólo anglo-saxônico terá que ser uma mediação entre o pólo republicano de um lado e o pólo democrata britânico de outro. Portanto, não é tão simples assim que a política americana vai ser apenas um derivado do projeto neoconservador do Forbes, porque existe um outro pólo. Por isso eu insisto na importância de Blair e do Reino Unido e porque esta não é uma guerra puramente americana, embora seja predominante americana. Mas é uma guerra que devemos caracterizá-la como anglo-americana.

**Vicente Adorno:** Mas, professor, se os Estados Unidos quisessem fazer essa guerra sozinhos, eles teriam feito. Eles só arrumam alguns aliados - a Inglaterra é sempre o aliado de ocasião - para dar uma aura de legitimidade. Eles até buscaram um pouquinho de legitimidade dizendo que iam consultar a ONU. Quando a ONU ameaçou dizer eu não concordo, eles esqueceram completamente a ONU e partiram. Se, por acaso, esse *mainstream* a que o senhor se refere tivesse forças para dizer para os Estados Unidos: "eu não entro nessa jogada", eles entrariam do mesmo jeito. Eu acho que o perigo que a gente corre hoje é de haver uma doutrina que diga: "eu posso tudo, eu faço tudo e vocês calem a boca".

**João Roberto Martins Filho:** Sobre o anti-americanismo, bem rapidamente, eu acho que o movimento contra a guerra global é um ator importante na conjuntura atual. Talvez tenha vindo para ficar. Mas é bom a gente notar que nem todo o protesto anti-americano é igual. Quer dizer, o protesto contra a guerra nos Estados Unidos, por definição, não é anti-americano, é contra uma certa política de projeção de poder e continuação dos protestos dos anos 1960 contra a guerra do Vietnã [1958-1975]. O protesto anti-americano nos países onde existe o fundamentalismo islâmico é diferente do protesto anti-americano na Inglaterra, na França, na Espanha. E, quer dizer, nesse caso desses três últimos países, a Itália também, eu queria saber o que vai acontecer se essa guerra não der certo com os governos que estão apoiando a guerra. O Tony Blair tem pouco apoio na Inglaterra hoje, o Berlusconi na Itália, o Aznar na Espanha e até o Durão lá em Portugal. Aí é que entra o peso desse movimento contra a guerra.

**Antonio Carlos Peixoto:** Rapidamente, eu queria me fixar em três pontos. O primeiro deles é o seguinte: no atual quadro internacional não há um ator singular, ou seja, um só país, que seja capaz de tragar ou de bloquear o movimento da política externa norte-americana. Isso foi possível durante a Guerra Fria, havia, no que se chama no jargão das relações internacionais, a potência contrária equivalente. Hoje não existe mais. Isto hoje só pode se dar por meio de um ator coletivo. Sistema de alianças, uma coligação. E esta coligação não será, necessariamente, a mesma dependendo da questão que for colocada em pauta. O que obviamente facilita a iniciativa norte-americana e dificulta a tarefa dos países que eventualmente formem essa ou aquela coligação em torno desta ou daquela manifestação de exercício hegemônico dos Estados Unidos. Esse é o primeiro ponto. O segundo ponto é o seguinte: isto não é uma questão, necessariamente, da Europa. Da Europa unida. Por duas razões. A primeira delas é a seguinte: casos como o da Espanha ou o da Itália dependem, e nisso nós voltamos à questão do Estado Nacional como ator das relações internacionais, depende das relações de poder. Se a Espanha tivesse uma outra coligação de poder que não fosse o Aznar como primeiro-ministro, as coisas possivelmente seriam diferentes. É a mesma coisa com a Itália, se não estivesse o Berlusconi ali. Então, há uma dependência também de processos eleitorais internos, que frequentemente nós esquecemos quando discutimos um processo internacional. E os países da Europa do Leste, que provocaram uma grande irritação no Chirac, há coisa de duas ou três semanas atrás, porque a tendência deles é de um alinhamento internacional com os Estados Unidos. Uma última observação, muito rápida, sobre a questão da Grã-Bretanha. Eu acho, Viola, que realmente no momento existem três países com capacidade de projeção internacional, do ponto de vista militar. Estados Unidos, obviamente, Grã-Bretanha, mas a França também tem. A França também tem. Se nós vemos o seguinte, a última demonstração de iniciativa autônoma de política externa da Grã-Bretanha ocorreu em 1956. Foi a tentativa de retomada do canal de Suez, numa operação anglo-francesa, espertamente aproveitada pelo Kruchev, que na época estava na Hungria e que foi bloqueada pelos Estados Unidos, ainda sob o primeiro governo do Eisenhower. Depois disso, nós não temos mais manifestações porque a guerra - ou das Falklands, como querem os ingleses, ou das Malvinas, como querem os argentinos - também só foi possível porque o governo do Reagan deu o seu aval, deu sinal verde. De um modo geral, a elite política britânica adquiriu uma percepção do sistema internacional como sendo a de um condomínio anglo-saxão, dentro do qual a Grã-Bretanha teria um honroso segundo lugar. Um papel de vice-rei. E nisso conservadores e trabalhistas se equivalem. Pode haver mudanças, mas são relativamente pequenas.

**Cristina Pecequilo:** Eu gostaria de retomar alguns pontos que o Flávio mencionou e que o Eduardo também. Concordando com alguns e discordando de outros. Eu acho que uma coisa que nós esquecemos ao longo dos anos é que estamos vivendo desde 1989 um processo histórico de transição e as transições normalmente elas são de longa duração, ou seja, elas duram décadas e não apenas alguns momentos. Quando o final da Guerra Fria aconteceu nós estaríamos, nós estávamos discutindo o declínio americano, então era a época do Kennedy, ascensão e queda das grandes potências. Depois, veio o Clinton, ele reconheceu isso, você teve uma recuperação interna e a partir disso um preparo dos Estados Unidos estrategicamente para essa política de declínio, que foi a política do multilateralismo e do engajamento seletivo. Então, Clinton estava realmente preparando a política americana para o declínio. Do lado dos outros países houve realmente uma acomodação e nisso entrou também as Nações Unidas. Nós tivemos essa acomodação no seguinte sentido: houve 50 anos das Nações Unidas, mas nenhuma reforma que adaptasse essa organização aos novos tempos. Então, o que dizer de Japão,

o que dizer de Alemanha, o que dizer de Brasil? A conversa durou pouco. Então, o que acontece hoje também não é só reflexo da posição americana, mas também um reflexo da desatualização dessas organizações, que passa pela União Européia, passa pela Organização do Tratado do Atlântico Norte [OTAN], e por muitas outras. Então, é necessário a gente estar trabalhando com essa visão. E, por fim, eu acho que a ascensão, discordando um pouco do professor Viola, eu diria que o mito da América como a maior democracia do mundo tem que ser repensado. Desde o Onze de Setembro existe uma certa pressão pela unanimidade que eu costumo chamar. Então, ou você está contra ou você está a favor dos Estados Unidos. Isso empobreceu muito o debate. E isso é uma ascensão conservadora, que vem de 20 anos atrás e tem se colocado dentro da mídia. Existem artigos excelentes no *Le Monde Diplomatique*, de março agora, falando sobre essa questão, essa construção de pensamento e a questão de como você domina isso na política externa e na política doméstica. E domesticamente há um preparo para a reeleição, há uma legitimidade que o Bush busca, mas eu não acho que a gente pode falar que hoje o país está trabalhando nos padrões antigos de democracia. Eu acho que a gente teria que repensar um pouco isso e tentar discutir com mais clareza o que é democracia hoje nos Estados Unidos.

**Geraldo Forbes:** Meus ilustres colegas de bancada são todos grandes professores, a coisa está um pouco teórica e eu quero dizer que nessa questão do império em ascensão ou do império decadente, eu diria que é um império em expansão. A questão é saber se essa expansão imperial não traz consigo a semente da destruição. Os Estados Unidos vão tomar conta do Iraque. Em questão de uma semana, de dez semanas, mas ele vai vencer. Isso vai se estabelecer em Bagdá. Por quanto tempo? Perguntaram ao Roosevelt quanto tempo os Estados Unidos iriam ficar na Alemanha depois da guerra e ele falou: "um ou dois anos" e, como está lá há 58 anos, a gente pode ter uma idéia de que a gente não sabe quanto tempo vai ficar. Isso para a gente não falar de Porto Rico. Mas, ficar no Iraque, cumpre um objetivo, mas traz um problema muito grande na região. Traz um problema com Irã, que provavelmente vai ter a tentação de se armar e os Estados Unidos vão ter a tentação de impedir esse rearmamento ou esse melhoramento no armamento do Irã. Há uma série de problemas que se colocam. Quanto à questão do império ascensional, ou da fase ainda ascensional, os Estados Unidos não teriam atingido o apogeu, pode até ser isso, mas depende da economia americana, que não está no melhor da sua forma física e técnica, como diriam os técnicos de futebol. Pode ela ser que ela suplante esse momento difícil, mas há muitas dúvidas sobre isso. Os déficits são muito grandes, a economia ameaça retomar uma recessão ou senão um estado de inflação. A questão não é tão rósea quanto possa parecer. Se os Estados Unidos, o que eu quero dizer para o professor Viola, é que, se os Estados Unidos tiverem uma grande recessão - não estou dizendo que isso vai acontecer - estou dizendo que é possível, é uma possibilidade de que isso aconteça, certamente não vai haver fase ascensional, vai haver um problema muito sério, não só dos Estados Unidos, mas total, porque ele é a locomotiva do mundo. Então, eu acho que não é a questão de terminologia é menos importante. Parece que a gente estava analisando de hoje para frente quais são as implicações imediatas na política. Você [Paulo Markun] me disse que o ex-presidente Fernando Henrique diz que isso a questão do conflito é uma questão meramente política. Por respeito a ele, não vou dizer o slogan da campanha do Clinton. O que havia na campanha interna do Clinton, que dizia: "a economia é estúpida". Então, não quero falar... é uma questão, como já foi dito, de implicação política-econômica-estratégica. Mas então, já que eu estou falando por último não devia nem tanto ao mar, nem tanto a terra, nem tanto aos submarinos, eu acho que o jogo ainda está no meio e não se pode



dizer nem que está em decadência, nem que está em ascensão. Mas pode ser uma vitória, sim.

**Paulo Markun:** Nosso tempo desse bloco está acabando, eu queria colocar uma questão que não vai dar para fazer uma rodada, mas também acho que não há tantas opiniões divergentes assim, mas que nós temos que abordar, que é a posição que o Brasil adotou. Quer dizer, o governo brasileiro adotou uma posição que não é exatamente a posição do anti-americanismo, mas claramente não é a posição de apoiar a atitude norte-americana. Estou resumindo aqui, imagino que esteja fazendo corretamente no sentido de expressar o que o presidente Lula colocou a público tanto através do seu setor que é o Itamaraty, o setor do governo que é o Itamaraty, quanto de viva voz, a de que defende o respeito às resoluções das Nações Unidas, preocupa-se com o atendimento humanitário às vítimas dessa guerra e de modo nenhum apoiou a atitude norte-americana de invadir o Iraque, apesar das Nações Unidas não terem dado a determinação. A pergunta que eu faço é: "que conseqüências, ou haverá conseqüências para o Brasil desse tipo de atitude ou ela será encarada com tranqüilidade por parte do nosso grande xerife mundial"?

**José Flávio Saraiva:** Eu penso que, em primeiro lugar, essa atitude do governo brasileiro ela não inova, é uma atitude clássica. É uma comodidade histórica da política exterior do Brasil, que tem exercido certos cálculos racionais historicamente acerca das oportunidades e, ao mesmo tempo, uma tradição jurídicista compõe a posição internacional do Brasil, prestígio e não pela imposição situação de força, até porque não temos excedente de poder, historicamente. A novidade, eu creio, é que está se fazendo isso de uma forma mais assertiva. O presidente declarou, na frente do Palácio da Alvorada, de uma forma que chamou a atenção da opinião pública, e ao final da tarde o chanceler punha aquela argumentação de forma mais diplomática. O Brasil é um país interessante, porque sempre soube aproveitar as guerras. Guerras dos outros. Agora está cobrando o Brasil que não só aproveite a guerra para acertar sua liderança no espaço sul-americano, o eventual mercado árabe que nós já conhecemos, podemos voltar [a fazer comércio] diante das circunstâncias, há raciocínios pragmáticos. Mas eu penso que o importante da posição brasileira agora é o esforço na direção do multilateralismo e da valorização do conselho de segurança coletivo, que foi absolutamente aviltado nessa decisão unilateral dos Estados Unidos. Quer dizer, é um papel do Brasil ser mais protagonista nessa recomposição de possibilidades, porque embora o poder norte-americano seja imperial, há um movimento na história. Há um tempo. E há movimentos e intenções, há forças de intenção. O Brasil está escolhendo um lugar. Esse lugar, se for vitorioso, que é a guerra pode ser, e certamente será vencida pelos Estados Unidos, pela chamada aliança, mas no médio, longo prazo, quais serão os vitoriosos? É possível que a visão da prudência, a visão da desconfiança cética e dura a respeito dos meios que foram, que estão sendo utilizados pelos Estados Unidos nos torne, a longo prazo, vencedores, numa visão mais humanista no sistema internacional. É isso que está também em jogo. Eu creio que a liderança do presidente Lula tem ensaiado um discurso um pouco mais criativo nessa área. O Brasil costuma ficar meio equidistante, apenas a colher depois os resultados. Mas agora há alguma novidade aí. Creio que vale a pena discutir isso e avaliar um pouco mais, com o compasso do tempo, a posição do Brasil.

**Eduardo Viola:** Eu acho que há uma novidade, mas a novidade é muito arriscada. Ela reflete, sem dúvida, a opinião pública brasileira. Nesse ponto de vista, a posição do governo brasileiro, bastante crítica dos Estados Unidos e da guerra, é uma posição representativa, ela é muito democrática. Mas, se nós pensarmos na lógica de médio e

longo prazo do interesse nacional brasileiro, a coisa é mais complicada. Por quê? Porque a realidade é que, um governo como o de Bush tende a avaliar os países segundo questões que para ele são chave e esta é uma questão muito chave. Que é vista muito diferentemente do que nós vimos aqui no Brasil. Então, o que acontece? Quando se acha... particularmente eu diria que uma vez começada a guerra, a atitude crítica por parte do governo brasileiro pode ter custos de alguma significação no futuro. Eu dou um exemplo claro que é o problema do empréstimo do Fundo Monetário Internacional em agosto do ano passado, que foi apoiado pelo Tesouro americano. Esse empréstimo não sai sem apoio do Tesouro americano. Situações novas desse tipo podem se colocar. E quando ela se coloca, não é que a questão central vai ser como o Brasil se posicionou, mas esse vai ser um componente na avaliação de como tratar o Brasil.

**Paulo Markun:** É que nem nota de escola. Você tem nota da prova e nota de comportamento?

**Eduardo Viola:** Exatamente.

**Paulo Markun:** A nota de comportamento do Brasil não foi muito bem. Nós vamos fazer um rápido intervalo e vamos voltar logo depois para continuar discutindo essa questão aqui no **Roda Viva**.

[intervalo]

**Paulo Markun:** E para recolocar a questão que estava em debate no bloco anterior, eu vou lembrar aqui a pergunta do Pablo Tueguia, de Florianópolis, que quer saber especificamente a opinião dos senhores sobre a atitude brasileira. Se a atitude brasileira corre o risco de ter algum tipo de consequência prática, prejudicial para o país? O professor Viola já mencionou que, do ponto de vista dele, isso pode acontecer. Pergunto se alguém aqui...

**Geraldo Forbes:** Não acho que vai ser vista, certamente, com muita simpatia essa posição brasileira. O que é preciso é que a gente não transborde essa opinião para o anti-americanismo. O governo pode ser contra a guerra, mas nós não somos contra os Estados Unidos. Nós somos críticos desse governo e certamente contra a guerra, mas não contra os Estados Unidos. Inclusive porque esse governo não é eterno, não é certo que o Partido Republicano vá dominar o tempo inteiro e tal, mas agora, no horizonte imediato, de negociações de Alca, as negociações de OMC, elas vão ser difíceis. Não só para o Brasil, não só por causa da nossa posição, mas porque esse é um país, os Estados Unidos, que nesse momento estão dizendo o seguinte: "quem manda sou eu"! Então, ou vocês fazem mais ou menos o que eu quero... Claro que não vai invadir o Brasil, mas põe na mesa como deve ser e não está disposto a negociar. Duas provas contundentes disso: o Protocolo de Kyoto, que foi o primeiro tiro do unilateralismo americano: "Eu não assino porque é contrário ao meu interesse, e ponto", "mas eu não vou assinar. Assim, desse jeito, não faço". E depois, muito importante também, a questão da jurisdição de tribunais internacionais. Os Estados Unidos se recusam a permitir que seus nacionais sejam julgados em tribunais internacionais, mas quer julgar todos os outros nacionais de todos os outros países. É um novo Estados Unidos, a vida vai ser complicada, então é preciso a gente não sair da nossa posição tradicional, que eu gostaria de ter visto mais bem expressa pelo ministro, pelo presidente, pelo assessor: "Nossa posição tradicional tem sido de não intervenção nas questões internas

dos outros países". Isso não foi suficientemente expresso. Reafirmar sua posição histórica não ofende ninguém.

**Antonio Carlos Peixoto:** Olha, eu discordo, como cidadão, daquela frase do ministro Lampraia, quando ele deixou a chefia do Itamaraty: "o Brasil não pode querer ser maior do que ele é". Querer ele pode querer. É preciso estabelecer alguns limites para essa vontade. O que eu acho que é esse governo, talvez, esteja exagerando um pouco, esteja ultrapassando um pouco os limites possíveis dessa vontade de querer ser maior. Nenhum país se coloca no seu contexto regional dizendo: "eu quero assumir uma posição de liderança aqui". Ele pode até trabalhar neste sentido, mas ele não avisa. Até porque se ele avisar demasiadamente a única coisa que ele faz é assustar os vizinhos. Isso não se faz, isso é uma coisa um pouco equivocada. A mesma coisa é essa questão em relação à guerra do Iraque. Há modos de se dizer isso. Há modos pacíficos: "somos contra uma intervenção militar no Iraque, achamos que isso podia ter sido resolvido no contexto da ONU, ponto final". Agora aí entra a frase de grande efeito: "Os Estados Unidos não podem decidir sozinhos o que é bom ou que é mau para o mundo". E, frequentemente, como na guerra a intensidade dos bombardeios é que determina o resultado, na diplomacia é o efeito bombástico das frases que causa boa ou má impressão. Então, vamos trabalhar com um pouquinho mais de sobriedade. Isso não muda a posição brasileira, mas vamos ter um pouquinho mais de sobriedade nas nossas manifestações. É só isso que eu peço, porque existem coisas complicadas que estão aí e já foram até mencionadas. Existe essa questão da Alca, existem questões na Organização Mundial do Comércio, isso sim é que nesse momento é vital para o Brasil.

**João Roberto Martins Filho:** Eu gostaria... já falando aí de americanismo e anti-americanismo, pensar um pouco no que os nossos militares devem estar achando dessa guerra. Aqui tem um documento público, de estratégia dos militares brasileiros, eles consideram que há uma ameaça pequena fora da Amazônia, uma ameaça na Amazônia e uma ameaça de defesa interna. Na Amazônia, uma ameaça que pode ser enfrentada classicamente, de eventuais ataques vizinhos, que eles não vêem problemas e depois uma ameaça que viria de países do Primeiro Mundo, principalmente dos Estados Unidos, que eles propõem enfrentar com guerra irregular. Está aqui o documento. O que eu acho é que a gente tem que prestar atenção...

**Paulo Markun:** [interrompendo] Desculpe só a minha ignorância! Qual é a ameaça que os militares brasileiros vêem do Primeiro Mundo em relação à Amazônia? Uma ação específica?

**João Roberto Martins Filho:** Especificamente que, em algum momento, surja uma conjuntura em que a opinião pública mundial pressione alguns países do Primeiro Mundo para internacionalizar a Amazônia.

**Vicente Adorno:** Internacionalizar as reservas de água do Brasil.

**João Roberto Martins Filho:** [interrompendo] Por exemplo, por exemplo.

**Antonio Carlos Peixoto:** Isso não divide as opiniões públicas, viria dos governos mesmo.

**João Roberto Martins Filho:** Agora, nós podemos dizer que são os civis que definem a política de defesa nacional, mas infelizmente no Brasil, até agora, nós temos interferido pouco nesse tema. Os militares brasileiros, o que eles têm pensado dessa questão, desde o começo dos anos 1990, essa guerra agrava essa visão que eles têm. Em primeiro lugar, eles acham que os Estados Unidos fariam guerra sem a ONU, há bastante tempo atrás, eles acham que os Estados Unidos são uma potência errática, que de repente podem resolver fazer alguma coisa que não estava na pauta. Ao mesmo tempo eles acham que, apesar da superioridade tecnológica, acham que é possível causar problemas à potência militar americana, que é essa coisa que está acontecendo agora nas cidades do Iraque. E eles propõem uma coisa muito interessante, que nós temos que levar a sério, afinal está aí nos documentos, que o alvo fundamental de um país muito fraco enfrentando um país forte seria ganhar tempo, resistindo da forma possível, da forma mais irregular possível, nesse sentido de uma guerra de resistência de guerrilha, até que a opinião pública mundial force os governos a voltar atrás com relação a essa possível... com relação ao Brasil.

**Antonio Carlos Peixoto:** Isso é contraditório. Porque se eles dizem que essa guerra viria, que essa intervenção hipotética na Amazônia viria pela opinião pública do países do Primeiro Mundo, como é que eles podem achar que é essa mesma opinião pública...

**João Roberto Martins Filho:** Não, eu não estou dizendo que ela é factível, viável, realista ou contraditória. Só estou chamando a atenção para o que eles pensam. É um problema mesmo isso, porque há guerras em que a opinião pública demora muito para se manifestar e a opinião pública não tem conseguido evitar guerras, como é o caso agora.

**Vicente Adorno:** Até mesmo os próprios americanos disseram: "muitas vezes a opinião pública é contrária a uma decisão, mas nós sabemos o que é melhor para ela".

**Geraldo Forbes:** Um problema muito mais palpável é o problema da guerra civil colombiana. Pode, está na iminência até, de transbordar para as nossas fronteiras. E aí nós vamos estar, de alguma forma, em contato com a potência hegemônica que está já imbricada na Colômbia. Isso é uma coisa que está ali, está há anos acontecendo, está piorando. Não está melhorando. Espanta... eu não sei que documento é esse que não pense sobre isso, que é a única, ou talvez a mais possível, a mais palpável, a mais imediata ameaça e a primeira vez que há ameaça.

**Paulo Markun:** O documento menciona isso ao falar das fronteiras. Creio, que o documento, pelo que ele citou, menciona essa ameaça.

**Geraldo Forbes:** Não, não menciona isso.

**João Roberto Martins Filho:** O documento, ele dá o quadro para se pensar a questão colombiana. A posição militar brasileira sempre é o nosso problema na Amazônia e não é a guerrilha colombiana, é que a ação americana tenha reflexos aqui.

**Vicente Adorno:** Nesse caso, então, talvez a teoria do professor Viola esteja correta. Ele apontou quatro ameaças para os Estados Unidos e haveria uma quinta que é o narcotráfico internacional. E dando certo esse tipo de intervenção que está acontecendo agora no Iraque, eu acho que não seria de excluir que os Estados Unidos ousariam

intervir também aqui nessa questão. E, de certa forma, eles estão intervindo, porque já despejaram uma montanha de dinheiro na Colômbia e também mandaram para lá assessores militares, equipamento de primeira geração, mas até agora os resultados práticos não apareceram. Pode ser que depois de dar, digamos assim, de terminar o serviço no Iraque, outras opções se abram e essa seja uma.

**Cristina Pecequillo:** Só para acrescentar, retomando o Flávio e o professor Eduardo. Dentro do sistema internacional os países têm que fazer opções estratégicas. E a opção estratégica que o Brasil fez pró-multilateralismo nesse caso, foi uma opção pensada, foi uma opção escolhida dentro da nossa tradição. Agora, obviamente, existe uma sensação de vulnerabilidade presente em países médios como o Brasil, o Brasil não pode ser comparado a um país pequeno, e esta sensação de vulnerabilidade ela é dada duplamente, pelo comportamento internacional americano, a questão da doutrina preventiva e também pela nossa própria precariedade política e econômica interna. Então, hoje nós somos um país instável. Mas, o que dizer das pressões domésticas que talvez podem vir a prejudicar o exercício da nossa política externa? Isso também tem que ser considerado. Então, acho que isso a gente tem que pensar, mas não envolve, eu acho, nenhuma grande novidade nessa questão.

**José Flávio Saraiva:** Por isso eu creio que houve proporcionalidade nas declarações do governo brasileiro em todas as esferas. Reivindicar a paz e reivindicar da maneira que o chanceler, o presidente da República, o assessor internacional e o presidente fizeram, foi de grande responsabilidade com o contexto. A embaixadora americana, que tem que declarar o que é óbvio de uma embaixadora, num país amigo, reconhece: "ninguém pode esperar de um governo com as características do que assumiu o comando no Brasil, uma declaração menos efetiva como fez, menos enfática". Quem mais sabe disso são os estrategistas do pensamento político americano. Esse é um dos poucos espaços de manobra diante do constrangimento e da própria vulnerabilidade econômica, isto é compreensível. Agora, além disso, não creio que fere o nosso lugar natural na América do Sul, quer dizer, o Brasil não reivindica de forma irresponsável a liderança sul-americana. O faz, não como um direito divino dos reis, nem pela via das armas, nem pela via da imposição de meios que não possui, mas pela capacidade histórica que tem, de estar presente na região de uma forma discreta, buscando prestígio que tem, apresentado suas dificuldades, exercitando uma diplomacia internacional que é reputada e nisso não houve alteração. A iniciativa da América do Sul partiu do próprio presidente da República, do presidente Fernando Henrique Cardoso, que tem agora um plano estratégico importante da inserção do Brasil no contexto internacional. Então, não tem nada de novo e é reconhecido pelos países vizinhos.

**Eduardo Viola:** Agora tem uma coisa importante também, que é o problema da percepção e do tipo de ameaça da dominação do narcotráfico e guerrilha das Farc na Colômbia. Isso que é perseguido como uma ameaça forte por parte dos Estados Unidos, uma ameaça não de primeira magnitude, de segunda magnitude, mas que pode avançar. Para o Brasil, isso também é uma ameaça fundamental. A questão do narcotráfico, narcoguerrilha, a questão de toda a expansão do crime organizado no país, porém há um problema de construção da percepção que para os Estados Unidos é muito importante, então nós temos que ter muito cuidado. E então há um subdimensionamento do problema do narcotráfico e da narcoguerrilha na Colômbia e do impacto, quando na verdade há muito mais convergência que conflito de interesses entre Brasil e Estados Unidos em relação ao problema do narcotráfico e da guerrilha. E isso é o que o governo

anterior de Cardoso não conseguia perseguir claramente e pela história o governo de Lula tem muito mais dificuldade de perseguir claramente.

**Antonio Carlos Peixoto:** Semelhanças na origem, mas não nas consequências, porque o receio brasileiro, que é um receio fundado, é de que esta mesma convergência de percepção leve os Estados Unidos a puxar o Brasil para uma intervenção conjunta na Colômbia, uma recusa brasileira, uma intervenção norte-americana isolada na perseguição, seja do narcotráfico, seja da guerrilha, ou formas combinadas de ambas atividades ilícitas, de que os Estados Unidos entrem na Amazônia sob o pretexto de aniquilar o narcotráfico, de aniquilar a guerrilha. Então, veja bem, a convergência, Viola, é na origem da percepção, é na formação dela, mas nas consequências práticas, aí eu creio que a divergência é muito grande.

**Paulo Markun:** A guerra do Iraque, ou a guerra no Iraque é... desenha para o Brasil. E eu queria transferir essa mesma conclusão ou esse mesmo raciocínio para a região do Oriente Médio, com uma dificuldade adicional. Nosso tempo está acabando e nós temos dois minutos para cada um dos participantes, rigorosamente. Então, qual é a questão: "vamos deixar de lado a discussão de para onde caminha a guerra e quanto tempo vai demorar para que os Estados Unidos a vençam", porque tudo indica que essa é a única alternativa possível, dada as diferenças de poderio. Agora: "como é que o poder dos Estados Unidos se manterá na região e que desenho esse poder vai estabelecer a partir desse momento"? Viola, comecemos por ele.

**Eduardo Viola:** Eu penso que, basicamente, o interesse... eu penso que os Estados Unidos pretendem, no Iraque, combinar uma reconstrução do país, que isso crie um fluxo de petróleo barato no mundo a começar pela própria economia americana, e eles levam a sério a questão da democratização do Iraque. Isto não é uma... isto é algo que está embutido no projeto do Iraque e para todo o médio Oriente. Em grau e intensidades diferenciadas. O Onze de Setembro provocou uma ruptura histórica da política americana em relação ao médio Oriente, ao mundo árabe em geral. O privilégio da estabilidade. A estabilidade levava à aliança com regimes autoritários conservadores, pró-americanos. Essa política colapsou no Onze de Setembro. A percepção é que esses regimes têm pactos implícitos com grupo radicais profundamente anti-americanos, anti-ocidentais. Então, essa mudança leva, na minha opinião, a uma tentativa séria de democratizar o Iraque no modelo japonês. É mais difícil que no Japão, não digo que seja fácil, é difícil, mas o que estou salientando é que é, não é uma questão secundária: "vamos dizer que vamos fazer democracia no Iraque". Não. É uma tentativa séria, porque tem a ver com a percepção de que ainda é necessário, a idéia de que democratizar o médio Oriente resolve a ameaça do radicalismo islâmico. Agora, se isso vai ser assim é outra coisa, porque a história nos mostra que muitos casos, quando você tem eleições competitivas em países islâmicos, os radicais islâmicos ganham nas eleições! Então, não necessariamente essa política vai ser bem sucedida, mas eu acho que a democratização é a sério, é um investimento grande. Se vai pagar pela reconstrução do Iraque.

**José Flávio Saraiva:** Como ele discordou de tudo que eu disse, eu vou discordar de tudo que ele disse. Eu não creio que o processo seja de valorização da democratização na região. Os Estados Unidos têm uma preocupação com a estabilidade da região, que não é a democracia. Quer dizer, é a garantia de uma solução para a criação de um Estado palestino menos problemático para Israel, uma solução final que seja favorável a

uma afirmação, uma solução final não, uma solução adequada para o caso palestino, mas com a ampliação de espaços de Israel na região. Agora, o caso do Iraque é uma vitória de Pirro, porque não tem nada a ver com a reconstrução do Japão, nada a ver com o renascimento da Alemanha, a reconstrução da Alemanha. Ali vamos ter um processo que é histórico também, que é a história da coerção do Império Otomano no oriente próximo, quer dizer, uma falta de tradição democrática ocidental na forma que os americanos imaginam poder fazer, que eu saiba os planos de normalização e modernização do Iraque estão sendo feitos por meia dúzia de companhias petrolíferas norte-americanas, que alguns dirigentes encomendaram um pacote de redemocratização. Quer dizer, que democratização será essa? Assegurar os poços de petróleo, impor, por um protetorado, por uma administração de um marechal norte-americano, a paz dos cemitérios sobre curdos e xiitas? Eu acredito que esse esforço se poderá fazer mais para a Arábia Saudita, quer dizer, talvez dureza no Iraque para reformar a monarquia saudita. Um jogo um pouco mais complexo. Mas não creio nem que tenha condições, nem que seja um objetivo estratégico dos Estados Unidos.

**Cristina Pecequilo:** Eu acho que a questão do Oriente Médio é uma questão importante para a política externa norte-americana hoje, mas eu jogaria a provocação que ela é apenas o primeiro passo dessa estratégia de uma colocação hegemônica pela força e pela agressividade. Agora, a questão da democracia, ela nada mais é que uma recuperação da tradição histórica americana de que você vai estar trabalhando com o poder, mas também com a conversão do mundo à sua imagem e semelhança. Então, a gente mistura o poder com a crença, que é o pior dos mundos. E só para finalizar, eu acho que realmente nós estamos vivendo um momento histórico, hoje as consequências disso talvez vão aparecer daqui a dez, vinte anos e esse é o primeiro passo dessa construção dessa hegemonia e dessa visão de ordem global a partir da qual a posição americana é uma posição fortalecida. Pode ser que o Bush perca a eleição do ano que vem e a gente vai estar retomando isso, mas hoje esse é o projeto deles. Um projeto não só de Oriente Médio, mas de domínio da Eurásia, da Europa e da Ásia, e domínio global com base nessa posição de fé, mas também com base nessa posição de agressividade.

**Geraldo Forbes:** Bom, é um pouco através de tudo. Eu acho que há o discurso da democratização, porque algumas dessas pessoas, esses neoconservadores, esses nacionalistas, tem esse espírito missionário. Agora, passar esse espírito missionário num lugar onde a cultura... onde isso é completamente estranho à cultura local, isso é difícil. Imaginar que quando chegarem a Bagdá eles vão trazer um desses intitulados líderes da oposição iraquiana, que vai ser recebido com festa, é uma fantasia total. Ele vai ser visto como um escravo dos americanos, ele vai ter a antipatia de toda essa gente que está sofrendo por lá. Haverá mudanças no Oriente Médio? Sim, certamente, é por isso mesmo que eles estão querendo falar. O que há no Oriente, se pode chamar de república, quando eles não são monarquias, quando não há um estado teocrático, como é o Irã, são repúblicas dinásticas, os presidentes são sucedidos pelos filhos. Pois é, achar que haverá uma contaminação benéfica do espírito democrático nessa região, realmente, é um pouco de Poliana.

**João Roberto Martins Filho:** Eu não sou assim tão otimista. Eu acho que, assim, nesse sentido... eu acho que a guerra em grande medida foi feita em nome do combate ao terrorismo, mas a gente tem que lembrar o que levou os terroristas a... qual a justificativa para atacar os Estados Unidos? Foi o fato de que os Estados Unidos tinham tropas nas regiões mais sagradas do mundo islâmico. Lá, que eu saiba, não há alguma

cidade sagrada, talvez essa cidade lá em cima, que deu origem ao nome muçulmano. Mas logo vai se falar isso. Eu acho que a questão vai só agravar aquela região, um caldeirão, e vai... o problema é saber até onde esses governos conseguem controlar as populações desses países árabes.

**Vicente Adorno:** Eu vou mais além. Eu acho que não só não vai ajudar de maneira nenhuma a causa democrática, primeiro que não há nenhuma tradição lá democrática como a gente já salientou aqui. E outra que não existe ainda nenhuma possibilidade, eu diria nem a médio, nem a longo prazo, de se separar, nos estados muçulmanos, a noção de que religião e Estado são coisas diferentes. Eles têm muita dificuldade de aceitar isso. E, por outro lado, hoje a gente tem que lembrar que os terroristas vão achar nisso aí um campo extraordinariamente fértil para voltar a agir, para encontrar novos pretextos, para formar novas brigadas de mártires, para voltar a pregar uma série de valores que não tem nada a ver com a religião muçulmana. A religião muçulmana é uma religião de tolerância, de inteligência, de respeito à razão e ao conhecimento. No meu ponto de vista, o grande segredo do poderio que os muçulmanos tiveram, que dominaram a Europa durante tanto tempo, foi quando eles seguiram esses mandamentos. Depois que eles passaram a misturar religião com o Estado, deu no que deu. E hoje eles são os países que têm mais, potencialmente, mais conflitos internos e externos e são incapazes de resolver e, por isso mesmo, são vulneráveis a ação de uma potência externa. Já foi a França, já foi a Inglaterra, já foi o Império Otomano e agora são os Estados Unidos.

**Antonio Carlos Peixoto:** Eu concordo, inclusive parcialmente, com o Viola. Não é possível declarar, como o Bush tem feito, que existe um projeto democrático em relação ao Iraque e não tentar colocar isso em prática. Agora, o problema é o seguinte, é a credibilidade disso. Porque vejam bem, o Paquistão foi um aliado fundamental dos Estados Unidos, apesar de ser o aliado fundamental do talibã, também foi um aliado fundamental da guerra dos Estados Unidos contra o Afeganistão. Não se fala em democratização do Paquistão. Shaukat Aziz continua lá muito bem instalado, satisfeito da vida, etc. Projeto democrático no Afeganistão, ninguém fala mais. Caiu no esquecimento geral, foi para o ralo da humanidade. No Oriente Médio, é uma questão que é muito complicada. Deslocar o regime da Arábia Saudita, como? A Arábia Saudita, como foi dito aqui, é a guardiã dos locais sagrados do Islã. Ela está para o mundo islâmico como o sumo pontífice Papa está para o mundo católico. Na Síria, talvez isso até fosse mais fácil por questões religiosas, porque Hafez Al Assad nem é nem xiita, nem sunita, ele é alauita. Que é uma minoria que representa, aproximadamente, 12% da população islâmica da Síria. Deslocar o Hafez Al Assad talvez até fosse mais fácil. Mas em nome de quê? Dos sunitas, da Síria? Ele tem sido um fator de estabilização da Síria. E assim sucessivamente. O caso do Egito. Desloca Ocimum Barac e o sistema de partido único, que foi instituído já pelo Naggid Bake depois da derrubada do Faruk, e logo depois consolidado pelo Nasser quer dizer...

**José Flávio Saraiva:** E o próprio Irã, que vive um processo interno, de relativa acomodação.

**Antonio Carlos Peixoto:** A Alemanha, bem ou mal, conheceu eleições no final do século XIX, no início do século XX, nos anos 20, a diversificação de interesses de uma sociedade altamente industrializada possibilitava a canalização disso para uma ordem que fosse liberal democrática, ou pelo menos em que os conflitos fossem canalizados



para um sistema partidário. No Japão, a restauração Meiji, não criou, propriamente, uma democracia no Japão, mas a diferenciação de interesses também permitia isso. Agora, num mundo como o Islã, eu vejo isso com muita dificuldade. Sem falar na fragmentação do Iraque, em que a Turquia já quer abocanhar o norte, com os curdos e o xiismo no sul também é uma questão complexa.

**Geraldo Forbes:** O que quer dizer que os Estados Unidos também vão ficar muito tempo no Iraque.

**Antonio Carlos Peixoto:** Bastante. Eu também acho.

**Paulo Markun:** Eu acho que a gente conseguiu, na medida da possibilidade, pelo menos passar pelas principais questões em debate neste tema. Eu só levantaria uma, que fica para a reflexão de quem está em casa que é a seguinte: nós estamos assistindo a um conflito que tem a mais ampla cobertura da mídia e temos uma realidade que envolve o fato de que o presidente George W. Bush não é presidente da República por ser filho do presidente Bush, ele foi eleito pelo povo norte-americano. Discute-se a eleição, há uma enorme polêmica sobre números e apurações, mas o fato real é que o sistema democrático norte-americano continua funcionando. Isso leva a crer que toda essa mobilização da mídia e o que vai se implicar na repetição de cenas como a que nós temos assistido nos últimos dias, de mães norte-americanas assistindo a perda de seus filhos pela televisão e isso repercutindo amplamente na opinião pública nacional norte-americana, além desses protestos mundiais, pode, muito significativamente, modificar o panorama eleitoral norte-americano e aí tudo aquilo que a gente discutiu hoje pode ter um novo cenário daqui a algum tempo. De todo modo, acho que o **Roda Viva** contribuiu, e eu gostaria de agradecer aos nossos participantes, para que a gente colocasse em discussão questões que não, certamente, vamos resolver nesse debate. Agradeço a presença de todos aqui neste debate e convido você para estar aqui na próxima segunda-feira, às dez e meia da noite, com mais um **Roda Viva**. Uma ótima semana e, até lá!

### TRANSCRIÇÃO EXEMPLO III

Bush é o mais velho dos seis filhos do ex-presidente George Bush e de Barbara Bush. Deixou sua cidade natal New Heaven , Connecticut, e cresceu em Midland, no Texas, onde seu pai trabalhou na indústria petrolífera. Foi piloto de aviões de combate e atingiu o posto de tenente, mas nunca foi chamado para combater no Vietnã. George W. Bush fundou uma companhia independente de exploração de petróleo e gás natural. Casou-se com Laura Welsh, ex-professora e bibliotecária. O casal teve duas filhas gêmeas: Barbara e Deena. Em junho de 93, Bush alcançou um marco da vida pessoal e profissional, ganhando as eleições para governador do Texas. Ficou conhecido por defender a pena de morte. Reeleito, foi conquistando força entre os republicanos. Candidato à Casa Branca derrotou o democrata Al Gore, em uma disputa marcada por denúncia de fraudes e decisão polêmica da Suprema Corte. Bush adotou um estilo diferente dos outros presidentes, inclusive do próprio pai. Antes de todas as reuniões na Casa Branca ele costuma rezar e recorre sempre à Bíblia. Impopular no início do governo, tudo mudou após os ataques do 11 de setembro. Ao discursar no Congresso após a tragédia, ele assumiu o comando da guerra contra o terrorismo. Bush uniu o país e conquistou prestígio. Ao visitar o local do atentado abraçado a um bombeiro, ele fez um discurso populista. Proclamou que iria liderar uma luta do bem contra o mal, e ganhou de um a vez por todas a admiração dos americanos. Os índices de popularidade subiram mais de 90%, um recorde histórico. Nas semanas seguintes, Bush formou uma coalizão internacional contra o terror. Mandou invadir o Afeganistão, mas não conseguiu capturar o que chamou de maior inimigo da América, o saudita Osama Bin Laden, e os principais líderes do talibã. Sem a prisão do líder da Al Qaeda e com a crise econômica que castiga os Estados Unidos, Bush perde popularidade. O presidente voltou-se então para outro alvo, o suposto Eixo do mal, formado pelo Iraque, Irã e Coreia do Norte. E investiu todos os seus esforços em uma ofensiva para derrubar outro inimigo, o presidente do Iraque, Saddam Hussein.

*E... oficiais americanos de departamento de defesa confirmaram, agora há pouco, que os ataques aéreos dos estados unidos contra alvos estratégicos no Iraque foram de natureza limitada e tiveram o objetivo de preparar o campo de batalha para operações mais intensas.*